

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUCAS OLIVEIRA DA SILVA

**FAMÍLIA, PRACINHA E CRIANÇAS: ETNOGRAFIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS EM ESPAÇO
PÚBLICO PÓS-COVID-19**

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LUCAS OLIVIERA DASILVA

**FAMÍLIA, PRACINHA E CRIANÇAS: ETNOGRAFIA DAS RELAÇÕES
SOCIAIS EM ESPAÇO PÚBLICO PÓS-COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS como requisito final para a obtenção do título de Mestrado em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Porto Alegre

2024

Ficha Catalográfica

S586f Silva, Lucas Oliveira

Família, Pracinha e Crianças : Etnografia das relações
sociais em espaços públicos Pós-Covid-19 / Lucas Oliveira
Silva. – 2024.

102.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro.

1. Crianças. 2. Adultos. 3. Sociabilidade. 4. Praças. 5.
Pós-Pandemia. I. Ribeiro, Fernanda Bittencourt. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

LUCAS OLIVIERA DASILVA

**FAMÍLIA, PRACINHA E CRIANÇAS: ETNOGRAFIA DAS RELAÇÕES
SOCIAIS EM ESPAÇO PÚBLICO PÓS-COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS como requisito final para a obtenção do título de Mestrado em Ciências Sociais.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Dra. Andreia Mendes dos Santos

Dra. Fernanda Müller

Dra. Maria Luisa Célia Escalona de Dios

Dedico este trabalho a minha querida companheira Ana Carolina Homem, esteve comigo nos momentos mais difíceis, me apoiou e me inspirou a continuar pesquisando sempre.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realmente uma jornada de muitos aprendizados sobre pesquisa, pós-graduação, antropologia e ciências sociais e fico muito contente de ter conseguido atravessar todo esse processo. Mas preciso agradecer a todos, todas e todes foram importantes para tal feito. Quero agradecer primeiramente aos familiares, sobretudo meu avô e minha avó que sempre me incentivaram a estudar e têm muito orgulho da minha formação sociológica, aos meus irmãos Laura e Giovani por serem pessoas que enchem meu coração de amor, alegria e vontade de viver e a minha mãe que sempre quando precisei me ajudou a refletir sobre minhas decisões. E claro, à minha nova família, minha querida companheira de vida Ana Carolina por tudo. Agradeço aos meus amigos Handiara, Raphaela, Nina, Breno, Luísa, Jeferson, Germana, Yasmin, Roberta e Maurem por ter acreditado em mim e me escutado falar sobre meus anseios e dificuldades sobre escrever e pesquisar infâncias. Agradeço muito à minha orientadora Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro, professora que conheço desde os meus 16 anos de idade e com quem sempre compartilhei muita satisfação em sala de aula ao aprender sobre Antropologia. E depois, tornei-me seu orientando e fui novamente muito acolhido e muito estimulado de forma crítica a sempre melhorar minha escrita e reflexão. Agradeço à banca de qualificação com as professoras Dra. Fernanda Müller e Dra. Maria Luisa Dios por terem me auxiliado a pensar meu trabalho a partir de outras chaves teóricas e entender melhor meu caminho rumo a defesa. Agradeço ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, atualmente Sociologia e Ciência Política da PUCRS, por ter sido minha casa por 2 anos de pesquisa e oportunizado aprendizados, trocas com colegas e possibilidade organizar eventos científicos na área de ciências sociais. Quero agradecer também a todos os professores desse programa, bem como todos os professores do curso de graduação em ciências sociais da pucrs que me formaram e impactaram muito positivamente no processo de desenvolver minha dissertação, agradeço especialmente aos professores Emil, Salata, Teresa, Rafael, Lúcia, Airton, Ruth e Roque. Agradeço também a todos os meus professores do colégio Santa Teresa de Jesus, sem dúvidas foram essenciais para meu ingresso no ensino superior. Em especial agradecimento para professora Muriel e o professor Pablo que sempre me instigaram a reflexão crítica.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil". This study was financed in part by The Brazilian National Council for Scientific and Technological Development (CNPq).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as relações sociais entre crianças, entre crianças e adultos, entre adultos e adultos, entre crianças e os espaços públicos no pós-pandemia de covid-19 em Porto Alegre/RS. Tratando-se de um trabalho de cunho etnográfico, utilizou-se do campo da Antropologia da Criança e Antropologia Urbana como base teórica-metodológica. O trabalho de campo foi realizado em uma pracinha dentro do parque da Redenção numa zona central da capital do RS. Fez-se observações participantes por um período de três meses buscando-se aproximações com os pais e mães das crianças que frequentavam o lugar. Delimitou-se como grupo de pesquisa, as famílias que vinham para a praça semanalmente após o término das aulas do turno da tarde numa escola em frente a pracinha. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três mães e um pai. As crianças que fazem parte dessa pesquisa fazem parte, majoritariamente, de camadas médias de Porto Alegre. Por fim, tratando-se de um trabalho que tem interesse no pós-pandemia, buscou-se refletir sobre o que é o pós-pandemia, o contraste entre isso e o isolamento social para a sociabilidade das crianças e de que forma e se podemos perceber que os pesquisados foram afetados pela pandemia no uso dos espaços públicos. Os resultados dessa pesquisa reforçam a importância da pracinha em frente as escolas para o usufruto social não apenas das crianças, mas também dos seus responsáveis e de que o pós-pandemia para as crianças está carregado de uma maior socialização devido ao período de isolamento que sofreram.

Palavras-Chave: Crianças; Adultos; Sociabilidade; Praça; Pós-pandemia.

ABSTRACT

This research aims to analyze social relationships between children, between children and adults, between adults and adults, between children and public spaces in the post-covid-19 pandemic in Porto Alegre/RS. As it is an ethnographic work, it used the field of Child Anthropology and Urban Anthropology as a theoretical-methodological basis. The fieldwork was carried out in a small square within Redenção Park in a central area of the capital of RS. Participant observations were carried out over a period of three months, seeking contact with the fathers and mothers of the children who attended the place. The research group was defined as families who came to the square weekly after the end of afternoon classes at a school opposite the square. In addition, semi-structured interviews were carried out with three mothers and one father. The children who take part in this research are mostly from middle classes in Porto Alegre. Finally, as this is work that is interested in the post-pandemic, we sought to reflect on what the post-pandemic is, the contrast between this and social isolation for children's sociability and how and if we can realize that those surveyed were affected by the pandemic in the use of public spaces. The results of this research reinforce the importance of the square in front of schools for the social enjoyment not only of children, but also of their guardians and that the post-pandemic period for children is fraught with greater socialization due to the period of isolation they suffered.

Keywords: Children; Adults; Sociability; Square; Post-pandemic.

Lista de Siglas

CMPA – Colégio Militar de Porto Alegre.

FAE – Feira Agro Ecológica

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

POA – Porto Alegre

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

TEA – Transtorno do Espectro Autista

SMAMUS – Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade

PcD – Pessoa com Deficiência

OMS – Organização Mundial da Saúde

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

UNISINOS – Universidade Vale do Rio dos Sinos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Lista de ilustrações

Fotografia 1 – Os balanços da minha antiga casa (Minha Prima Giulia)	p. 15
Fotografia 2 – Dos balanços da minha antiga casa (Meu primo Matheus)	p. 16
Fotografia 3 – O escorregador	p. 16
Fotografia 4 – O Gira-Gira	p. 17
Fotografia 5 – A Gangorra	p. 17
Fotografia 6 – A namoradeira	p. 18
Desenho 1 – Desenho da Planta do Playground onde foi realizada a observação.....	p. 32
Fotografia 7 – Ponte, bancos, bebedouro e lixeira.....	p. 33
Fotografia 8 – Balanços com estrutura de madeira com escorregador	p. 33
Fotografia 9 – Trepá-trepá, balanços grandes e inclusivos e um balanço separado	p. 34
Fotografia 10 – Poste de luz que nunca tinha luz	p. 34
Figura 1 – Cronograma do trabalho de campo	p. 35
Imagem 1 – Parque Farroupilha (Redenção) – Porto Alegre/RS	p. 36
Imagem 2 - Mapa dos bairros de Porto Alegre/RS	p. 36
Desenho 2 – Localização no banco em frente à segunda pracinha	p. 41
Imagem 3 – Cartão de Visita	p. 41
Quadro 1 – Levantamento de dados contextuais dos pesquisados	p. 42
Desenho 3 – Rafaela e Ceci no balanço.....	p. 54
Desenho 4 – O menino que estava procurando a mãe	p. 56
Desenho 5 – O paredão. Interação entre pesquisador e crianças da pracinha	p. 67
Organograma 1 – Estrutura familiar dos entrevistados e pesquisados	p. 71
Organograma 2 - Personagens que frequentam a pracinha ocasionalmente	p. 71

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Indicadores demográficos de bairros próximo à Redenção	p. 39
---	-------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CRIANÇAS, ESPAÇOS PÚBLICOS E PRÁTICAS ETNOGRÁFICAS	22
2.1 Antropologia da Criança	24
2.2 Antropologia Urbana	27
2.3 Os percursos e os instrumentos	30
2.4 Contexto histórico, territorial e demográfico	35
2.5 A primeira ida a campo	39
3 PRACINHA NA REDENÇÃO: A SOCIABILIDADE DAS CRIANÇAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS NO PÓS-PANDEMIA	46
3.2 Supervisão dos pais	52
3.2 Queda de braço com os pais	58
3.3 Fuga da/na pracinha	61
3.4 Interlocução com as crianças e adultos	64
4 PANDEMIA, SOCIABILIDADE E ESPAÇOS PÚBLICOS: ANTES, DURANTE E DEPOIS, ENTRE CRIANÇAS E ADULTOS	70
4.1 Antes da Pandemia: quem são essas crianças?.....	71
4.1.1 Amanda, filha de Mônica e João	71
4.1.2 Valentina e Enzo, filhos de Julia	72
4.1.3 Vitória e Roberta, filhas de André e Debora	73
4.2 Durante a pandemia, espaços públicos e sociabilidade	75
4.2.1 Amanda e o pé de goiabeira	76
4.2.2 Valentina, uma criança atípica na pandemia	77
4.2.3 Vitória, Roberta, Débora e a tia, isoladas	79
4.2.4 Fragmentos do campo	83
4.3 Pós-pandemia: perspectivas dos adultos	85
4.3.1 Amanda, mais sociável?.....	86
4.3.2 Valentina e Enzo, a falta de amizade	87
4.3.3 Vitória e Roberta, garotas urbanas?.....	88
4.3.4 A barraca de churros, Dona Ivanilda	90
5 CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

Agora que não tenho mais medo de entrar na pracinha, vim num domingo por volta das 15h30min, cheguei e entrei na praça sem falar com ninguém, pois não vi ninguém que eu conhecesse das quintas e sextas-feiras. Hoje está bem cheio. Fiquei sentado nas bordas da pracinha com meus materiais de anotação e desenho. Tem muita gente, pelo menos umas sessenta ou oitenta pessoas, idosos, jovens adultos, alguns adolescentes, muitas crianças e inclusive vários bebês. Muitos homens presentes com seus filhos, embora menos do que mulheres. Fui abordado por um homem que vendia livros de histórias para crianças. Ele olhou o meu crachá e disse: “faz mestrado de quê?”, “Ah, de Ciências Sociais”, “Tenho bastante material pra você!”. Tudo isso logo que cheguei no lugar. Observando as brincadeiras, vi que muitos brincavam no balanço, sozinhos, com algum adulto junto ou com outras crianças, algumas crianças menores estavam muito entretidas com a terra perto do escorregador. Nessa pracinha, tem “brinquedos” que são na verdade estruturas de madeira nas quais as crianças podem subir, caminhar entre pontes, escalar, escorregar. Então, é até difícil acompanhá-las através do olhar, pois além de muitas, são rápidas, sobem e descem. Não ouço ninguém falando sobre a pandemia de covid-19. Ninguém mais usa máscara, nem álcool em gel. Aquela ideia de distanciamento social e protocolos de segurança também não parecem ter algum resquício no cotidiano de crianças em espaços públicos. (Extrato do diário de campo, 02/04/ano¹).

Este trabalho é fruto de uma pesquisa empírica numa pracinha localizada no parque Farroupilha² na cidade de Porto Alegre/RS. Seu objetivo geral de pesquisa foi analisar as relações entre crianças com outras crianças, crianças e adultos, adultos e adultos e crianças e os espaços públicos de sociabilidade a partir da ideia de pós-pandemia. Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo financiado pelo CNPq³ que versa sobre Infâncias e Pandemia, e por isso, esse trabalho entende-se como *pós-pandêmico* e tem a intenção de compreender as relações que transcorrem no espaço da pracinha considerando que foram atravessadas pela vivência da pandemia de covid-19. A pergunta de pesquisa que busco responder neste trabalho

¹ Todos os extratos do diário de campo serão apresentados neste formato.

² Conhecido também como parque da Redenção.

³ "Estudo sobre fatores de proteção e vulnerabilidade da e na infância no cotidiano da Covid-19", financiado pelo CNPq mediante a concessão de bolsas de mestrado. .

é, de que modo os espaços públicos são usados pelas crianças e pelos adultos a partir do contraste entre o vivido do isolamento social e o pós-pandemia?

A importância de pesquisar crianças e infâncias relaciona-se com o fato de que a atenção às crianças é algo muito recente na história (Ariès, 1981) e as infâncias são polissêmicas (Cohn, 2009). Neste sentido, acredito que focalizar algumas crianças, que aqui são as que frequentam uma pracinha no parque Farroupilha, localizado no Bairro farroupilha da capital gaúcha, pode nos dar ferramentas para pensar e entender as formas possíveis de ser criança e ter infância na contemporaneidade. Ao incorporar a percepção dos pais, mães e/ou responsáveis sobre seus filhos busco situar as crianças em suas relações e não as considerar como um grupo a parte. As crianças que fazem parte da pesquisa têm entre 6 e 10 anos.

Justifico a escolha desse recorte territorial porque como dizem, o mestrado muitas vezes é um “acerto de contas” do pesquisador com o seu passado. Na minha infância a superproteção dos meus avós maternos foi algo muito marcante para mim, tanto positivamente quanto negativamente. Por um lado, sempre me senti “seguro” junto àqueles que tiveram um papel central na minha criação e educação⁴, por outro, vivi certa solidão com o isolamento. No entanto, esse “isolamento”, que se dava pela proibição de ir e/ou dormir na casa de amigos, ir às praças em frente as casas em que morei etc., foi acompanhado da compra de uma pracinha para mim, pelos meus avós⁵ no ano de 2007 quando eu tinha 7 anos de idade.

A minha praça era composta por balanços, escorregador, gangorra, gira-gira e “namoradeira”⁶. Ganhei uma mesa de Snooker⁷ e uma cesta de basquete anos depois. Todos esses aparelhos eram mais bem utilizados nas minhas festas de aniversário entre minha infância e pré-adolescência. O uso que eu fazia era ou com meus primos Matheus e Giulia ou sozinho, principalmente o balanço, que pouco a pouco foi se tornando uma goleira de futebol. Com isso quero dizer que não experienciei muito o brincar na pracinha com os vizinhos do bairro, nem a rua e a casa de outras pessoas. Talvez esteja relacionado a isso o meu interesse pelas relações de sociabilidade das crianças nos espaços públicos. Lugar de muito medo para mim, sobretudo pela noção que os meus responsáveis me passavam sobre a rua, a praça, o fora de casa... Um lugar sempre suspeito, perigoso, e do qual se devia manter distância.

⁴ Minha mãe morou conosco algumas vezes, e morei somente um ano inteiro com ela, meu padrasto e meus dois irmãos que eles tiveram. Tenho outros dois irmãos por parte de pai que conheci depois dos meus 15 anos.

⁵ Meu avô, policial civil aposentado e ex-presidente de orçamento participativo em Porto Alegre. Minha avó, batizada pelo presidente João Goulart em São Borja, ativa politicamente, artesã associada da Federação de Mulheres Gaúchas.

⁶ Um balanço para duas pessoas.

⁷ Mesa muito parecida com a de sinuca. A que eu me refiro, vinha com um time de bolas vermelhas e outro de bolas azuis, sendo que a mesa possuía seis caçapas com redes.

Eu guardo algumas fotos dessa pracinha, as quais nelas estão apenas meus primos porque as fotos são registros da minha dinda Deise, ex-esposa do meu tio Leonardo. Precisei recorrer a essas imagens porque minha mãe não tinha mais fotos minhas na pracinha, apenas em festas de aniversário na mesa do bolo, um ensaio quando fui modelo aos 5 anos, outras de quando eu era bebê e algumas fotos minhas em diferentes casas onde ela morou e feitas quando eu a visitava na cidade de Alvorada ao lado de Porto Alegre. Como está na nota de rodapé 5, com avô policial e uma avó super preocupada com a violência urbana, isso talvez contextualize um pouco do que eu digo sobre ter tido uma infância mais isolada e superprotegida. As Fotografias 1, 2, 3, 4, 5 e 6 a seguir, ilustram um pouco desse lugar que para mim foi tão marcante, mas que são da primeira casa em elas estiveram. Com o passar dos anos e as trocas de casa, essa pracinha me acompanhou. Em todas as casas por onde passei ela esteve comigo, mesmo que fosse trabalhoso para levá-la, mas para meus avos nunca foi um empecilho.

Fotografia 1 – Os balanços da minha antiga casa com minha prima Giulia



Fonte: O autor (2024)

Fotografia 2 – Balanços da minha antiga casa com meu primo Matheus



Fonte: O autor (2024)

Fotografia 3 – O escorregador



Fonte: O autor (2024)

Fotografia 4 – O Gira-Gira



Fonte: O autor (2024)

Fotografia 5 – A Gangorra



Fonte: O autor (2024)

Fotografia 6 – A namoradeira



Fonte: O autor (2024)

Esta pesquisa teve como intenção original fazer uma etnografia em escolas e pensar os impactos da pandemia em alguma instituição. No entanto, essa ideia foi descartada por questões relacionadas às condições de observação e seu potencial para abordar as sociabilidades no pós-pandemia, além do meu maior interesse pelos estudos realizados com/sobre crianças fora das instituições, sejam elas a escola, as casas lares, os abrigos etc. Com isso, o contraste entre os espaços públicos urbanos e o confinamento da pandemia começou a se tornar mais relevante para as minhas reflexões sobre as crianças.

A vontade de pesquisar crianças não veio de experiências de iniciação científicas no curso de ciências sociais (PUCRS), mas sim de duas vivências durante o curso: primeiro eu fiz licenciatura e dois dos estágios de docência foram online, e ao refletir sobre os estudantes nesse período fiquei interessado sobre os efeitos da pandemia neles. Paralelamente, eu tinha dois irmãos menores que eu visitava ocasionalmente. Minha mãe havia chegado de Brasília para morar em Torres⁸ e eles tiveram aulas assíncronas em escola pública, muitas atividades escolares isoladas e online, um intenso uso de celular, notebook e televisão em aplicativos como YouTube. Dessa forma comecei a pensar na interlocução entre infâncias e pandemia,

⁸ Cidade do litoral norte gaúcho.

intensificada pela segunda vivência: no meu último semestre de ciências sociais cursei uma disciplina com a Prof. Dra. Fernanda Ribeiro sobre infâncias, pandemia e tecnologias de governo, temas muito debatidos na época. Esse conjunto de vivências e aprendizados me inspiraram a estudar a temática que proponho aqui.

A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho etnográfico. Apoiado numa tradição de pesquisa da antropologia social, busquei me fixar num lugar e tentar estabelecer relações com pessoas que o frequentassem, registrar de formas variadas as principais questões e peculiaridades através de registros em diário de campo, fotografia e desenho etnográfico. Parto da antropologia da criança e me conecto com a antropologia urbana, de forma a dialogar com estudos antropológicos e etnográficos relacionados a crianças, espaços públicos, cidade e pandemia.

É sabido que a pandemia de covid-19 atingiu de formas diferentes as crianças no Brasil, isso devido à diversos fatores sociais, mas também porque atingiu de formas diferentes os adultos responsáveis por elas. O Brasil é um país muito populoso, com histórica desigualdade social, de renda, de gênero, de raça. Com o advento da pandemia, a bibliografia sociológica demonstra, através dos dados estatísticos produzidos pelo IBGE, que houve aumento dessas desigualdades (Salata; Ribeiro, 2020; Santos; Silva, 2022).

Algumas pesquisas antropológicas sobre o cotidiano da pandemia também trazem luz para desigualdades em alguns detalhes da vida de populações mais marginalizadas socialmente. Estas pesquisas trazem à tona contrastes entre realidades, pois essas populações que precisaram em muitos casos se organizar coletivamente para o cuidado de si, de seus familiares e amigos, devido à ausência do estado, vivenciaram problemáticas que vão além do desemprego, da redução de salário e de maiores taxas de mortes. (Menezes; Magalhães; Silva, 2021; Segata *et al*, 2021).

Um ponto de referência interessante para se pensar a diversidade das experiências vividas pelas crianças é a instituição escola, pois a partir dela podemos refletir sobre as múltiplas pandemias. Houve aqueles que permaneceram totalmente online e síncronos, aqueles que ficaram sem aula por um período, além do retorno presencial de alguns colégios privados antes dos públicos por pressões de famílias em alguns estados e muitas outras possibilidades de diferenciação (Volta, 2021; Escolas retornam, 2021; Quando e como, 2021). Essas questões que exemplifico são para nos lembrar da complexidade do fenômeno da pandemia em relação às infâncias, mas também porque a escola é um espaço de sociabilidade pública. Além disso, se deslocar até a escola envolve outros espaços públicos e isso torna importante esta instituição de modo geral, mesmo que a pesquisa não se situe empiricamente em escolas.

Sabe-se que o isolamento social, o uso adequado de máscara e demais medidas sanitárias não foram aderidas de forma homogênea no Brasil, como poderia e deveria ter sido feito. Primeiro, porque o próprio presidente da república do Brasil em exercício na época minimizou diversas vezes o vírus da covid-19 (Guerra, 2020; Rodrigues, 2020), em segundo lugar, a proliferação de notícias falsas (Fake News) nas redes sociais com o objetivo de desacreditar e desinformar a população brasileira sobre os perigos da covid-19. Em terceiro lugar, pela natureza das medidas necessárias para mitigar as consequências das contaminações, uma vez que o ser humano é social, se aglomera e, de fato, criar hábitos mais seguros do ponto de vista da saúde pública não é a atitude mais simples e rápida que se pode tomar de forma repentina, por milhões de pessoas por um longo período.

Partindo dessa perspectiva sobre a pandemia, acredito que a pesquisa que faço tem como pressuposto que há diversidade na experiência de pandemia e uso de espaços públicos. Isto será explorado nas entrevistas com os familiares das crianças que frequentam a pracinha do meu campo etnográfico. Com esse pressuposto de diversidade de experiências, o campo de pesquisa pós-pandêmico na pracinha vem para pensar alguns efeitos, características e questões relativas às crianças de camadas médias porto-alegrenses.

No segundo capítulo, abordarei teoricamente o campo da antropologia da criança (Cohn, 2009), e seus pressupostos bem como a antropologia urbana (Velho, 1982; Magnani, 2003), pertinente a este trabalho. Com a finalidade de contextualizar e inserir o leitor no ambiente em que se desenvolveu o trabalho sigo com a apresentação do campo de pesquisa que desenvolvi relatando informações que a prefeitura tem disponíveis e alguns dados estatísticos sobre a realidade porto alegre dos bairros próximos ao parque Redenção e a pracinha. Também descrevo procedimentos e práticas metodológicas utilizadas para a realização desta pesquisa.

No terceiro capítulo, abordarei resultados e achados da pesquisa produzidos na pracinha, através de desenhos que fiz para representar imagetivamente a realidade estudada e extratos do meu diário de campo de acordo com as temáticas que são propostas nos subcapítulos. Busco estabelecer aproximações e contrastes com uma revisão da literatura sobre antropologia da criança e antropologia urbana que se utilizam de etnografia, inspirações etnográficas e pesquisa qualitativa de modo geral, dialogando com trabalhos que abordam crianças em espaços públicos como ruas, bairros e praças.

No quarto capítulo, de forma a aprofundar os dados levantados na observação participante, apresentarei os achados das entrevistas semiestruturadas realizadas com um pai e três mães que frequentam a pracinha com seus filhos, interlocutores que conheci durante a pesquisa de campo e que demonstraram disponibilidade para participar. Essas entrevistas foram

elaboradas com inspiração nos trabalhos de Rosenthal (2014), especialmente no que tange as entrevistas narrativas biográficas. Além disso, também há alguns extratos do diário de campo com conversas informais que tive com adultos e que abordavam questões sobre a pandemia e suas percepções com relação a seus filhos e as crianças em geral.

Por fim, trarei considerações finais sobre a produção dos dados, reflexões sobre dificuldades, problematizações e resposta à pergunta de pesquisa a partir da execução dos objetivos propostos. Além disso, buscarei pensar quais fios para novas pesquisas poderiam ser seguidos e os limites deste trabalho.

2 CRIANÇAS, ESPAÇOS PÚBLICOS E PRÁTICAS ETNOGRÁFICAS

A sociedade, seja qual for, além de possuir sempre integrantes humanos e não-humanos, possui sistemas de crenças, valores e tradições, sendo fundamental compreender que ao longo do desenvolvimento sociocultural humano a diversidade sempre foi uma marca presente. Quando pensamos em infância hoje, geralmente, temos em mente uma população mais ou menos específica, as crianças, as quais possuem no Brasil e, na maioria dos países, direitos e políticas voltadas a si com intenções protecionistas.

Pensando as crianças nas ciências sociais, a Europa é, sem dúvida, um começo mais claro devido à colonialidade do saber. (Quijano, 2005). Este continente foi o palco inicial da revolução industrial e do desenvolvimento do capitalismo, quando crianças trabalhavam como adultos, eram consideradas "pequenos adultos" e não tinham, historicamente, o mesmo olhar que temos hoje em quase todo o mundo em relação à necessidade de cuidado e proteção.. Podemos verificar em muitas fontes históricas essas questões, até mesmo em O Capital (2013), considerado um dos clássicos fundadores da sociologia, em seu capítulo 8 sobre a jornada de trabalho, através do recolhimento de informações em documentos da época, do convívio com trabalhadores e de entrevistas, Karl Marx percebeu que além da exploração vivida pelos trabalhadores adultos, as crianças também estavam sofrendo com isso, e morrendo.

Infância e criança são conceitos que segundo Ariés (1981) podemos entender como modernos e recentes na História. Mas este autor é europeu e historiador, e isso é importante dizer para entendermos de onde ele está falando e pensando, e nos limites dessa abordagem. A antropologia social, diferentemente, quando estuda as infâncias trabalha com uma noção de cultura mais relativizadora e contextual, aliada a alguns pressupostos.

Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista. E é por isso que uma antropologia da criança é importante. Ela não é a única disciplina científica que elege esse objeto de estudo: a psicologia, a psicanálise e a pedagogia têm lidado com essas questões há muito tempo. Mas é aquela que, desde o seu nascimento, se dedica a entender o ponto de vista daqueles sobre quem e com quem fala, seus objetos de estudo (Cohn, 2009, p. 8).

Considerando a tradição antropológica, é crucial destacar que diversas pesquisas foram conduzidas no século XX para entender a diversidade social e cultural. A antropologia tem seu início muito atrelado a etnologia indígena e a pesquisa de campo fora das sociedades dos pesquisadores com o intuito de mapear e entender os costumes, tradições, idiomas etc. dos demais povos humanos.

Clarice Cohn (2009), antropóloga e estudiosa das infâncias indígenas, antes de conceitualizar e definir a antropologia da criança, apresenta o desenvolvimento da antropologia social e sua relação com os estudos de crianças. No que diz respeito a isso, é importante lembrar que, antes dos anos 60 e do novo paradigma, ou nova etapa de estudos antropológicos de crianças, Franz Boas, nascido nos Estados Unidos, fundou a escola de Cultura e Personalidade, que desenvolveu estudos variados sobre o inato e o adquirido, para compreender o que eram características supostamente universais e biológicas e quais eram culturais e contextuais.

Margareth Mead (1969) pesquisou crianças e adolescentes, tendo publicado em 1928 uma obra fruto de pesquisa em Samoa. Seu estudo se caracterizou pela reflexão sobre os problemas sociais de meninas americanas e sua possível universalidade. Conclui que se tratava de problemas contextuais e culturais norte-americanos por ter em pesquisa de campo, levantando dados empíricos de que a adolescência Samoana não reproduzia os mesmos dilemas e problemáticas de seu país de origem.

Essa antropóloga, também estudou crianças Manu na Nova Guiné e as crianças Balinesas. Duas pesquisas importantes para a consagração da autora tendo em vista as críticas que recebeu ao seu primeiro estudo com base num suposto enviesamento nas conclusões pelo seu entusiasmo com as diferenças culturais e o “pouco” tempo que teria permanecido em pesquisa. Destaco a de Bali pelo uso da fotografia na pesquisa com crianças, um método que pode ser muito útil, mas que na contemporaneidade tem suas problemáticas. Mesmo assim, acho interessante destacar esse aspecto porque entendo que o visual é um recurso que sempre que é possível mobilizá-lo engrandece um trabalho. Na minha pesquisa agrego a fotografia e o desenho como recursos para a contextualização e interpretação do campo de pesquisa.

Cohn (2009) quando retoma esses estudos pioneiros, os diferencia daqueles realizados pós 1960. A escola Cultura e Personalidade, ainda que tenha auxiliado a dar visibilidade às crianças na pesquisa, tanto nos estudo que eu comentei, como em Sexo e Temperamento de Mead e Padrões de Cultura de Benedict, ainda se mantém numa grande divisão entre “vida adulta e vida das crianças” na qual as crianças estariam em desenvolvimento para serem adultos plenos em seus contextos.

Antes dos anos 60, o estrutural-funcionalismo de Radcliffe-Brown também abordou a temática das crianças e adolescentes, mas de forma indireta e sem o foco na formação da personalidade. Aqui os papéis sociais e a socialização possuíam centralidade. Conforme Cohn (2009) isso tornava crianças receptáculos que apenas reproduziam a sua cultura de acordo

com a socialização, mais especificamente em relação a adaptação dos indivíduos as funções e papéis sociais do corpo social⁹.

2.1 Antropologia da Criança

Quais os pressupostos de uma antropologia da criança? Podemos dizer que eles se desdobram de críticas ao culturalismo e o estrutural-funcionalismo. Para isso o conceito de cultura deixa de remeter a valores, crenças e costumes para ser um sistema simbólico atuante nas relações sociais entre os indivíduos, produzido e construído por eles (as). Segundo Cohn (2009), as crianças como atores sociais, as crianças como produtoras de cultura e a definição da condição social da criança serão fundamentais para compreender uma nova forma de estudar esses sujeitos.

Sobre *crianças* é importante que fique evidente a ideia de que se trata, grosso modo, de algo que existe em todo o lugar. Mas, que infância, corresponde a uma noção ocidental e recente, como já mencionado. Seguindo Cohn (2009) podemos ir além dessa simplificação e dizer que mesmo infância pode existir *ou não* enquanto categoria ou etapa quando pensamos a pluralidade das sociedades. Na antropologia, devemos sempre compreender e estudar o sistema simbólico e as concepções de pessoa e humanidade para compreender o que é essa infância ou o ser criança em seus contextos. (Cohn, 2013).

A relevância dessa questão é que mesmo que se estude com pessoas próximas da realidade do pesquisador, não necessariamente a concepção de infância e criança será a mesma. Conforme a antropologia começou a estudar as crianças urbanas, e que compartilhavam da mesma nacionalidade e supostamente o mesmo sistema simbólico que o pesquisador, diversas clivagens como classe social, etnia, região colocavam em evidência a diversidade dos modos de ser.

Uma das principais influências de Clarice Cohn é Toren (1990; 1999), que, ao realizar uma pesquisa etnográfica com crianças nas ilhas Fiji, recusou a noção de passividade delas sobre suas vidas. Colocou um peso tanto na subjetividade do indivíduo quanto na sociedade para compreender como as relações e o mundo social é construído desde a infância pelas crianças e não meramente como algo inato ou determinado pela socialização. Isso será incorporado e levado adiante em pesquisas com e sobre crianças.

⁹ Barbara Ward e o choro dos bebês de Hong Kong é um exemplo que Cohn (2009) utiliza.

A *criança atuante* é um dos pressupostos que em Cohn (2009) nos é apresentado como importante para compreender as crianças de forma mais ampla, e a autora explica isso a partir de seus estudos com as crianças Xikrin. Nesse caso, é o encontro da etnologia indígena e a antropologia da criança que ocorre primeiro em seu texto, pois isso possibilita à autora nos mostrar que há muito mais do que a cultura europeia e branca para ser pensada e considerada quando se fala em ser criança.

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações (Cohn, 2009, p. 28).

Na cultura Xikrin, “[...] dizem que uma criança nada sabe porque ainda é criança, mas tudo sabe porque tudo vê e ouve” (Cohn, 2000, p. 203). Destaco essa citação porque ao considerar um estudo sobre crianças nos critérios que Toren (1990, 1999) propõe, foi possível compreender que ser criança naquele lugar tinha uma ligação íntima com o sensorial. Mas essa ligação é maturada com o tempo, por isso os Xikrin estão sempre preocupados com o crescimento das crianças, porque esse é um processo no qual precisa haver atenção dos adultos, caso contrário, as crianças podem não conseguir desenvolver o “ver e ouvir”. Além disso, no contexto de pesquisa de Cohn, esse “tudo sabe” tem relação com a possibilidade de as crianças testemunharem a vida social desde pequenos, aspecto importante para a concepção de pessoa que faz parte desse povo. Cohn destaca também outros elementos específicos daquele povo, mas o elemento de parentesco é parte importante da construção das crianças, pois, apesar de parecer que estão reproduzindo/espelhando as práticas sociais dos adultos, na verdade trata-se de uma construção das crianças de redes de amizade e parentesco que, segundo Cohn (2000), podem durar a vida toda.

A *criança como produtora de cultura* é outro pressuposto da antropologia da criança que precisa ser destacado. Segundo Cohn (2009, p. 33): “[...] a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa”. Nesse aspecto, Cohn sugere que a antropologia da criança não é apenas uma novidade, mas uma possibilidade de compreender melhor as diferentes culturas. Esse pressuposto é diferente da

noção de “Culturas Infantis”¹⁰ (Corsaro, 2002; Sarmento, 2005), que se afasta das noções aqui apresentadas.

Alguns estudos atuais falam de uma cultura infantil, ou em culturas infantis. Sugiro que esses termos sejam entendidos e adotados tendo em vista as ressalvas que fiz acima. Ou, mais propriamente, que reconheçamos que falar de uma cultura infantil é um retrocesso em todo o esforço de fazer uma antropologia da criança: é universalizar, negando as particularidades socioculturais. Mais ainda: é refazer a cisão entre o mundo dos adultos e o das crianças, e, dessa vez, de modo mais radical. Lembremos mais uma vez a máxima da antropologia: entender os fenômenos sociais em seu contexto. Falar de culturas infantis, portanto, é mais adequado; mas devemos, ainda assim, fazê-lo com cuidado, para não incompatibilizar o que as crianças fazem e pensam com aquilo que outros, que compartilham com ela uma cultura mas não são crianças, fazem e pensam (Cohn, 2009, p. 35-36).

A definição da *condição social da criança* é outro pressuposto importante, os estudos de crianças indígenas podem esclarecer o que se quer dizer. Conforme Cohn (2009) as crianças Xikrin passam a ser entendidas como pessoa desse povo a partir de alguns aspectos: possuir corpo, Karon e nome, prerrogativas ritualísticas, mas serão crianças até um determinado momento. O lugar social que ocupam é demonstrado através da pintura e dos ornamentos que evidenciam se já deixaram de ser criança ou não, além do gênero e outras possibilidades identificatórias. Explicitarei os aspectos teóricos mais relevantes sobre a antropologia da criança, mas além de Clarice Cohn, outras pesquisas com crianças indígenas existem, e acredito que mesmo que haja achados diferentes, a questão central é bem compreendida com o exemplo dos Xikrin (Tassinari, 2015; Codonho, 2009)

Cohn (2013) ao fazer um estado da arte sobre as concepções de infância e infâncias separa seu texto em crianças em cenários institucionais, a proteção à infância e a dificuldade em conceber outras infâncias. Essa divisão também é uma boa forma de abordar a temática, pois nem sempre as pesquisas são feitas por antropólogos ou através de etnografia, transformando a abordagem desse assunto muito complexa e de difícil apresentação. Destaco aqui alguns estudos que acho importantes sobre antropologia da criança em instituições ou em projetos sociais.

Os estudos etnográficos focados em instituições – escolas, Conselhos tutelares, sistema de justiça, projetos sociais – caracterizam-se por estabelecer diálogos sobre o Estado, as

¹⁰ Segundo os autores, esse conceito seria uma parte do todo da perspectiva com a qual lê a sociedade e a socialização. Inspirados em teorias como a estruturação de Giddens, elaboram uma proposição sobre as crianças na sociologia na qual no caminho dialogam com as ideias da antropologia da criança, crianças crescem em meio a um sistema simbólico, reproduzem e produzem culturas. Contudo é a análise entre “pares” que sugerem haver culturas infantis, as quais podem recair na noção que fiz citação em seguida a partir das considerações de Cohn sobre antropologia.

tecnologias de governo da infância, as políticas públicas, gênero e sexualidade e os direitos das crianças e dos adolescentes (Ribeiro, 2011; Thomassin, 2013; Malheiros Moraes, 2012; Fians, 2015; Schuch *et al*, 2008; Rifiotis; Rifiotis, 2019; Seffner, 2011). Mais recentemente, após o início da pandemia tem-se, por exemplo, pesquisas sobre os órfãos da Covid-19, crianças que perderam seus pais por conta do vírus¹¹. Outros temas emergentes estão relacionados a infâncias e hospitais, intervenções feitas em corpos de crianças, a tomada de decisão sobre esses corpos pelo Estado, família e médicos¹² (Schiavon *et al*, 2020; Machado, 2022).

2.2 Antropologia Urbana

Neste trabalho, essa área de estudos também tem uma relevância importante devido a espacialidade e campo proposto. A antropologia urbana possui certas influências que se faz necessário comentar porque embasam autores como Gilberto Velho e José Magnani, grandes expoentes de pesquisa da cidade e na cidade no Brasil.

George Simmel é tido muitas vezes como um dos principais autores que influenciaram os estudos urbanos sobretudo pelo seu olhar sobre a vida na metrópole. Em Simmel (1987), pode-se verificar uma reflexão teórico-filosófica que procura estabelecer conexões sobre a metrópole e a vida mental, na qual a transição entre esse tempo do presente – 1903 – na modernidade e o anterior a ele é tema central. Para Simmel há um comportamento típico de quem vive na metrópole, do qual não se poderia saber qual fator que o determina. Ele sugere que se olhe para a duas variáveis que podem ser úteis no trabalho de compreender o fenômeno urbano, a mentalidade intelectualista (calculista) e a economia do dinheiro. Exemplifica o comportamento típico como a *atitude blasé* e a *reserva*, comuns de sociedades urbanas, na primeira “[...] o significado e valores diferenciados das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância” (Simmel, 1987, p. 16). E o segundo comportamento caracteriza-se por um jeito mais *frio* e de *autopreservação* consigo, fruto da realidade de que tantas pessoas nos atravessam na cidade e/ou são vizinhos temporariamente, dificultando estabelecer vínculos de confiança.

¹¹ As pesquisadoras estão desenvolvendo teses, dissertações e TCC's sobre essa temática, para maiores informações ver o Instagram do @criasufpb. Perfil no Instagram do grupo de pesquisa Crias: Crianças, sociedade e cultura da UFPB. Taiane Alves de Lima, Mayara Souza e Laura Marques Lopes são pesquisadoras desse tema, mas ainda não publicaram.

¹² Para uma imersão nesse tema ouvir o episódio #23 – Infâncias e hospitais, do podcast Mundaréu. <https://open.spotify.com/episode/50lvPm01sZo90mFRjVUTRZ?si=12ac3505561242f8>.

Max Weber (1987) também se dedicou a falar sobre o conceito de cidade e categorizá-las, num esforço histórico-sociológico que busca fazer uma análise profunda do que é cidade como um fenômeno urbano diferenciado e contemporâneo revisitando antiguidade, idade média, sociedade orientais etc. Já na sociologia norte-americana, Park (1987) e Wirth (1987) são duas grandes referências para os estudos urbanos da cidade e do próprio urbanismo e sua relação com os modos de vida, sendo também grande influências nas ciências sociais também.

Na antropologia, Gilberto Velho (1982) é sem dúvida um dos grandes expoentes. Em *A Utopia Urbana* traz reflexões sobre o fazer etnográfico do antropólogo na cidade, em sua cultura a partir do bairro de Copacabana e o prédio em que morou. Há ali três variáveis que ele considera como fundamentais na sua discussão: estratificação social, residência e ideologia. Na época em que este livro foi lançado, o autor observa que havia muita literatura antropológica sobre como fazer pesquisa com povos autóctones em diversas regiões do mundo, mas sobre sua própria cultura, e sobre o Rio de Janeiro, praticamente nada, então era um tempo em que muito se precisava fazer para justificar um estudo daqueles.

José Magnani (2009), num estudo breve que realizou com uma turma de alunos de curso de pós-graduação *latu sensu* “Levantamento de informações para Planejamento Urbano” da PUC-PR em 1991, sugeriu que os estudantes focassem seu olhar em cenários, atores e script ou regras. Além dos estudantes não serem cientistas sociais, a proposta visou demonstrar que a “[...] etnografia não é uma mera descrição, coleta de dados brutos a serem posteriormente trabalhados: o que se observa e a forma como se ordenam as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação [...]” (Magnani, 2009, p. 4).

Magnani é fundador do Núcleo de Antropologia Urbana na USP, que inicialmente na década de 80 era apenas um grupo de discussão de teses e dissertações, pouco a pouco foi tomando forma de um local para desenvolver alguns projetos dentro das chaves de pesquisa na/da cidade. Estão relacionadas a religiosidade, sociabilidade, lazer e instituições, e alguns de seus orientandos desenvolveram trabalhos consagrados como Luiz Henrique sobre botequim e lazer em classes populares, ou Wagner da Silva que pesquisou Orixás e religiosidade em São Paulo.

Magnani tem uma importância no campo urbano sobretudo ao elaborar conceitos para pensar a pesquisa na/da cidade, como o *pedaço* e *mancha*. Conceitos oriundos de um trabalho que desenvolveu no início de sua carreira como antropólogo ao buscar investigar cultura e ideologia, a partir da ideia de lazer. Buscando entender se o lazer em camadas populares era mera reprodução da cultura hegemônica chegou primeiro em *pedaço*, conceito no qual aproxima da rua aspectos da casa. É um lugar que é fora da âmbito privado, mas que estende

características como pertencimento, conhecimento e de sociabilidade, geralmente associados a casa mas na rua. E a mancha seriam os pedaços que atores sociais vão desenvolvendo na cidade a partir de uma construção sociocultural de apropriação do espaço público. Ainda sobre conceitos, outros se destacam na produção de Magnani (2003), são os trajetos e os circuitos. O primeiro sendo relacionado a forma individual e diária de transitar na cidade enquanto o segundo se trata de padrões, mobilidade e conexões na cidade entre diferentes partes dela, sendo mais dinâmico.

Na minha pesquisa, passados tantos anos não há mais tamanha necessidade de explicar e fundamentar esse *pesquisar* em sua própria cultura. É claro que, hoje a vida urbana é tão complexa que mesmo sendo um Porto-Alegrense muito ainda me surpreende nesta cidade e com as pessoas que encontro e conheço. No entanto, a antropologia urbana é um campo muito amplo e possui suas influências, interdisciplinaridade e pode ser instrumento de diálogo mesmo em trabalhos cujo tema central não é a questão urbana (da/na cidade). Há muitos trabalhos que relacionam infâncias e a antropologia urbana (Calaf, 2007; Begnami, 2008; Teixeira, 2019), mas o que da antropologia urbana pode se relacionar com a pesquisa que eu desenvolvo? A resposta é a praça, localizada dentro de um parque público. E pelo menos outros três trabalhos (Lobato, 2011; Neto, Veiga, 2018; Nascimento, 2004) que julgo úteis para diálogo, buscam também estudar este ambiente (a praça). Acredito que estes estudos podem contribuir para uma melhor qualificação deste local de pesquisa. Nascimento (2004) é o trabalho mais próximo do meu, uma vez que investiga a infância e a cidade a partir das relações sociais entre crianças e adultos em uma pracinha no Rio de Janeiro. Lobato (2011), por outro lado, investiga o envelhecimento e, na busca por idosos, desenvolve atividades em uma praça com o objetivo de observar a terceira idade. Neto e Veiga (2018), investigam alguns aspectos da sociabilidade e do direito a cidade em praça ao se voltarem para as políticas econômicas que afetam e reorganizam comercializações de ambulantes, bem como o viver e morar na praça por moradores de rua.

São pesquisas, que na cidade, buscam compreender as dinâmicas sociais, usos e práticas em praças. E apesar de no meu trabalho ser focado nas relações sociais dos atores que a frequentam no pós-pandemia, traçarei paralelos com estes trabalhos na medida em que possuem convergências ou explicações para alguns achados de pesquisa meus.

2.3 Os percursos e os instrumentos

A pesquisa de campo que apresento nesta dissertação começou por uma interlocução com meus dois irmãos, Laura (13 anos) e Giovanni (11 anos). Em função de suas idades, a possibilidade de acompanhá-los em espaços públicos como as pracinhas poderia ser uma forma de inserção em *campo*. Conversei com eles sobre passearmos juntos, e assim eu ter mais oportunidades de fazer uma pesquisa da qual eles participariam. Achei que isso facilitaria minha entrada no campo, o qual já tinha sido definido como algum espaço público. Eu já passeava com meus irmãos antes mesmo de entrar no mestrado e me interessar por pesquisas sobre crianças. No entanto, ao começar a desenvolver o projeto percebi que nunca havia anotado nada sobre eles ou nós. Não havia nenhum *registro*. Foi então que comecei a anotar algumas conversas com eles com a intenção de pensar sobre minha pesquisa e essas trocas evoluíram para saídas exploratórias de campo com eles.

Dividindo o meu campo em fase 1 e fase 2, a primeira foi uma busca por sentido, reconhecimento do campo, da temática, dos atores sociais da pesquisa, das pesquisas antropológicas relacionadas ao tema. Essa fase começou em maio de 2022 e se estendeu até março de 2023 de forma muito espaçada. Me desloquei com meus irmãos pela cidade ora usando transporte coletivo ora carro de aplicativo. Também fiz anotações de conversas com minha outra irmã, por parte de pai que tinha 9 anos em 2022.¹³ Quando fiz essas incursões, ainda era obrigatório o uso de máscara em transporte público e pensei que isso seria uma questão importante durante a pesquisa. Mas isto não se confirmou¹⁴. Em Müller e Souza (2023), se deslocar pela cidade com as crianças é evidenciado como um modo singular de fazer pesquisa, no qual a observação participante pode tomar caráter de observação flutuante. O artigo que discute essa noção, veio em janeiro de 2023 e fiquei muito reflexivo sobre os rumos do trabalho porque esse fazer pesquisa flutuante poderia ser direta ou indiretamente sobre as crianças, seus movimentos, trajetos e locomoções.

¹³ Descartei a possibilidade dessa outra irmã participar por questões particulares de proximidade, mas ela mora em condomínio fechado e grande, estuda num colégio particular na zona sul de Porto Alegre e perdeu a mãe em 2020, vindo a morar com meu pai.

¹⁴ A pesquisa aqui realizada está associada a um projeto guarda-chuva, o qual tinha relação com a pandemia, e, portanto, ao buscar construir o campo de pesquisa e a pergunta, o fato de a pandemia ainda não ter acabado me suscitava a talvez investigá-la no presente e seus impactos na vida das crianças. Porém, meu campo de pesquisa que utilizei aqui foi bem depois, e, portanto, desenvolvi uma pesquisa de pós-pandemia pois era o possível. Nesse sentido, a importância que dou às incursões é de que foram cruciais para a maturação da pesquisa. A sua temática era Infância e Pandemia, mas o que exatamente seria pesquisado foi compreendido somente com as incursões. É o campo, portanto, que abre o caminho da elaboração da pergunta de pesquisa e exige o seu desdobramento da forma como foi.

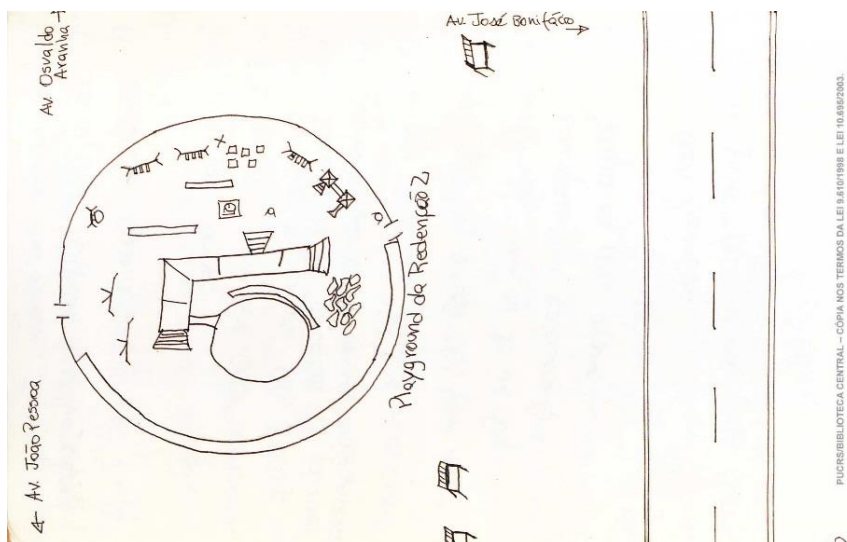
Na fase 1 ocorreram duas experiências etnográficas que valem ser mencionadas, uma primeira ainda no fim de 2022 quando fui com a Laura e o Giovanni numa praça da Redenção e outra saída com eles, já em 2023 quando fomos a uma apresentação teatral no shopping Praia de Belas que culminou numa ida ao parque Marinha¹⁵ e um pouco da orla revitalizada do Gasômetro¹⁶ na cidade de Porto Alegre. Realizei trocas com meus irmãos que me colocaram em situação de observação de crianças em espaços públicos, de fato, mas as responsabilidades inerentes a estar com eles me limitavam quanto à possibilidade de estabelecer relações com outras crianças ou prestar atenção ao redor. Houve uma aposta na capacidade de os interlocutores estabelecerem conexões com outras crianças, mas isso também não se concretizou apesar de que na segunda ida a campo, Laura chega a fazer uma amizade e pegar o telefone de uma menina que conheceu na pracinha. Em função disso, decidi colocar no cronograma da pesquisa, idas a campo *sem* meus irmãos. Em relação a esse início de trabalho de campo, vale mencionar que meus irmãos sabiam da realização da pesquisa. A Laura gostou muito da ideia e o Giovani parecia achar interessante. No entanto, pelos motivos já mencionados parti para outra estratégia de inserção em campo. Ao longo do ano a pandemia foi se modificando e o meu fazer pesquisa também. Como pesquisar sobre *crianças e pandemia* se não sabemos ao certo se ainda estamos nela ou não? Essas perguntas me deixavam confuso, mas entendendo a etnografia como um estudo em profundidade e calcado no presente entendi que a minha dissertação era sobre o *pós-pandemia*.

Passado o período que estou chamando de fase 1, ocorreu a minha primeira ida à pracinha totalmente sozinho, numa quinta-feira. A partir desse dia foi nesse lugar que permaneci para a realização da pesquisa, de março a julho de 2023. Fixei-me numa pracinha localizada próximo à feira agroecológica orgânica (FAE) que ocorre aos sábados pela manhã e ao brique da Redenção, feira de artesanato que acontece aos domingos, ambas no canteiro central da avenida José Bonifácio. A pracinha também fica em frente ao Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dinah Neri Pereira. Além de muitos outros comércios da área de culinária, lazer e saúde (Desenho 1).

¹⁵ Para visualização, acessar o link: <https://maps.app.goo.gl/PqLSWxLq9f3Rfk2m7>.

¹⁶ Para visualização, acessar o link: <https://maps.app.goo.gl/SjfJBiCi1vqZmmFs8>.

Desenho 1 – Desenho da Planta do Playground onde foi realizada a observação participante



Fonte: O autor (2024)

Realizei esse desenho para mostrar como era a disposição do lugar pois não consegui nem planta baixa e nem fotografia aérea via satélite do google maps¹⁷, esta última por causa da vegetação. As pracinhas da Redenção foram construídas em parceria do município com uma empresa de construção civil¹⁸ que auxiliou na revitalização do espaço. Como indicado no desenho, elas são circulares e fechadas, possuem duas entradas/saídas e variados brinquedos/estruturas de brincar. Tal formato de playground ou pracinha, pode ser visto de forma similar nos *cercados* em Nascimento (2004), pesquisadora que realizou etnografia numa praça no Rio de Janeiro.

Em determinado dia de pesquisa consegui fotografar esses brinquedos, pois achei que desenhar seria menos ilustrativo e fidedigno. Fotografar o lugar parecia ser um desafio porque sempre estava ocupado e não me sentia à vontade para levantar o celular e tirar fotos. A forma que encontrei foi ir à pracinha repetidas vezes e entender certos padrões de ocupação, pois ela esvazia em alguns horários para encher em outros. Justamente dessa forma, consegui capturar alguns momentos sem a necessidade de me preocupar com a exposição de crianças ou autorização de outrem para isto, de acordo com a Fotografia 7, 8 e 9.

¹⁷ Maps é um recurso do google de mapa.

¹⁸ Se chama, Goldzstein.

Fotografia 7 – Ponte, bancos, bebedouro e lixeira



Fonte: O autor (2024)

Fotografia 8 – Balanços com estrutura de madeira com escorregador



Fonte: O autor (2024)¹⁹

¹⁹ O carrinho de bebê na foto é da Gabriela de 11 meses. Ela e sua mãe são frequentadoras assíduas dessa pracinha.

Fotografia 9 – Trepas-trepa, balanços grandes e inclusivos e um balanço separado



Fonte: O autor (2024)

Por fim, no que diz respeito ainda às características desse lugar de pesquisa, se tratando de uma pracinha ela possui iluminação pública, mas durante toda a pesquisa nunca houve luz onde deveria haver. Há luzes em outros postes ao redor da praça e ao longo do parque, mas o mais importante e que permitiria um maior aproveitamento do espaço público ao anoitecer é inexistente, como é possível ver na Fotografia 10, abaixo.

Fotografia 10 – Poste de luz que nunca tinha luz



Fonte: O autor (2024)

Sobre o trabalho de campo segue o cronograma na Figura 1 que criei a fim de demonstrar como se distribuíram as minhas idas à campo. Incluí-se tanto as minhas primeiras saídas de campo com meus irmãos, quanto as minhas idas solitárias, que se concentraram em abril e maio, além de uma ida isolada em junho e outra em julho.

Figura 1 – Cronograma do trabalho de campo

Ano de 2022							
Mês	D	S	T	Q	Q	S	S
Abril	1	2	3	4	5	6	7
	8	9	10	11	12	13	14
	15	16	17	18	19	20	21
	22	23	24	25	26	27	28
	29	30					
Novembro			1	2	3	4	5
	6	7	8	9	10	11	12
	13	14	15	16	17	18	19
	20	21	22	23	24	25	26
	27	28	29	30			
Ano de 2023							
Março				1	2	3	4
	5	6	7	8	9	10	11
	12	13	14	15	16	17	18
	19	20	21	22	23	24	25
	26	27	28	29	30	31	
Abril							1
	2	3	4	5	6	7	8
	9	10	11	12	13	14	15
	16	17	18	19	20	21	22
	23	24	25	26	27	28	29
Maio	30						
		1	2	3	4	5	6
	7	8	9	10	11	12	13
	14	15	16	17	18	19	20
	21	22	23	24	25	26	27
Junho	28	29	30	31			
					1	2	3
	4	5	6	7	8	9	10
	11	12	13	14	15	16	17
	18	19	20	21	22	23	24
Julho	25	26	27	28	29	30	
							1
	2	3	4	5	6	7	8
	9	10	11	12	13	14	15
	16	17	18	19	20	21	22
	23	24	25	26	27	28	29
	30	31					

Fonte: O autor (2024)

Leia-se como dias de trabalho de campo aqueles preenchidos de cor cinza e considere-se como primeira fase de pesquisa abril de 2022 até 19 de março de 2023 e a segunda etapa de 23 de março a 14 de julho.

2.4 Contexto histórico, territorial e demográfico

Sobre essa pracinha na qual fiz minha pesquisa, quero descrever algumas informações que são importantes para compreender o contexto no qual ela está inserida. A pracinha fica dentro do parque Farroupilha, mais conhecido como Redenção. O parque está localizado no bairro Farroupilha, o qual faz divisa com o bairro Bom Fim, Santana, Cidade Baixa e o Centro Histórico. Trata-se de uma grande área verde de 37,51 hectares no meio urbano da cidade de Porto Alegre. Para ilustrar as dimensões do terreno e seu entorno seguem a Imagem 1 (print via Google Maps) e a Imagem 2 (print do mapa de divisas de bairros do site da Prefeitura).

Imagem 1 – Parque Farroupilha (Redenção) – Porto Alegre/RS



Fonte: Google Maps (2024)

Imagem 2 - Mapa dos bairros de Porto Alegre/RS



Fonte: Porto Alegre (2024a)

As três principais avenidas que cercam o parque Farroupilha são as avenidas Osvaldo Aranha, João Pessoa e José Bonifácio. O campo de pesquisa fica de frente para a última. Essa pracinha onde realizei a pesquisa pode ser encontrada no google maps por “Playground da Redenção 2”²⁰. A importância dessas informações é devido ao fato de haver outras três pracinhas neste parque que tem uma história como patrimônio público de 216 anos completados em 2023. De acordo com o site da prefeitura o parque Farroupilha (Redenção):

Doado à cidade em 24 de outubro de 1807 pelo governador Paulo José da Silva Gama, o local foi inicialmente chamado de Potreiro da Várzea ou Campos da Várzea do Portão, passando mais tarde a denominar-se Campos do Bom Fim, devido à proximidade da Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim (1867) e das festas que ali se realizavam. Em 9 de setembro de 1884, a Câmara propôs que o parque passasse a ser denominado de Campos de Redenção, em homenagem à libertação dos escravos do terceiro distrito da Capital. O primeiro ajardinamento ocorreu em 1901, quando já existiam na área do parque a Escola Militar (1872) e a Escola de Engenharia (1896). Com a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, o parque tornou-se Parque Farroupilha, pois o evento transitório efetivou a ocupação total deste espaço. No dia 19 de setembro de 1935, Campos da Redenção recebeu a denominação de Parque Farroupilha, por meio do Decreto Municipal 307/3. Os recantos Jardim Alpino, Jardim Europeu e Jardim Oriental foram implantados em 1941. Em 1978 foi criado o Brique da Redenção e em 1997 efetuado o tombamento do parque como patrimônio histórico, cultural, natural e paisagístico de Porto Alegre. No local, existem várias opções de lazer, como o parque de diversões, os passeios de trenzinho e pedálinhos, o Mercado do Bom Fim (onde há lojas de conveniências e lancherias), a Feira Ecológica (aos sábados pela manhã). Além de diversos recantos, como Orquidário, Recanto Alpino, Recanto Oriental, Recanto Europeu, Solar, Fonte Luminosa, Espelho d’água e Auditório Araújo Viana, o parque conta ainda com o Monumento ao Expedicionário. Há cerca de 10.000 árvores, de espécies como chal-chal, pitangueira, paineira, tipuana, coco, palmeira da califórnia, grinalda de noiva, jacarandá, ipê-roxo e cipreste (Porto Alegre, 2024b).

De acordo com a SMAMUS/2021²¹, Porto Alegre possui 684 praças e 9 parques/parques urbanos. O parque Farroupilha (Redenção) possui quatro pracinhas dentro de seu perímetro, sendo duas delas nomeadas como playground da Redenção e playground 2 da Redenção. As outras duas pracinhas não constam no Google Maps e nem no site da prefeitura. A respeito das características demográficas da cidade de Porto Alegre, destacarei a seguir alguns dados da cidade a partir do Censo e demais indicadores provenientes deles disponíveis nas plataformas ObservaPoa e Rais²² com o intuito de caracterizar a cidade da qual falo.

²⁰ <https://maps.app.goo.gl/bR16YMysU8TcejGA> - Localização no google maps.

²¹ Secretaria municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade.

²² Relação Anual de Informações Sociais.

Segundo os dados do censo de 2022 disponibilizados pelo site do IBGE, a população porto-alegrense atualmente é de 1.332.570 pessoas. Esta cidade conta com um IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 0,805 conforme dados do censo de 2010. De acordo com esta fonte, a população de Porto Alegre é formada por 46,39% de homens (653.787) e 53,61% de mulheres (755.564). São 508.456 domicílios particulares permanentes ocupados com em média 2,75 pessoas por domicílio. De acordo com os dados disponibilizados referentes a 2010, os residentes por cor/raça são 79.23% brancos, 20.24% negros²³, 0.29% amarelos e 0.23 indígenas, residentes por faixa etária são 14.50% crianças de 0 a 11 anos, 10.05% adolescentes de 12 a 18 anos, 19.15% jovens de 19 a 29 anos, 41.26% adultos de 30 a 59 anos e 15.04% idoso de mais de 60 anos. No que diz respeito a educação, entre os anos 2000 e 2010, a cidade teve uma melhora de 35.20% em relação ao indicador de responsáveis por domicílio analfabetos. Em 2010 tratava-se de 2.32%, já a escolaridade dos responsáveis por domicílio os dados de 2000 apontavam uma média de 9.07 anos de escolaridade (OBSERVAPOA, 2023?a).

Buscando contextualizar o perfil da população porto alegrense, no que se refere a trabalho e renda, de acordo com o RAIS/2020 324.148 homens e 327.535 mulheres possuem trabalho formal em Porto Alegre e a remuneração média dos homens é de R\$ 5.203,30 e das mulheres R\$ 4.192,55, já de acordo com o Censo/2010 o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até ½ salário-mínimo é de 25,6% sendo o município brasileiro na posição de 5269º de 5770º municípios no país. Entre os anos 2000 e 2010, é importante ressaltar que houve uma queda 46,73% no indicador de rendimento médio dos responsáveis por domicílio, saiu de 9.93 salários-mínimos para 5,29 salários-mínimos. (OBSERVAPOA, 2023?a).

Como já foi mencionado, a Redenção é cercada por alguns bairros e possui um bairro praticamente para si, isso significa que se olharmos para os limites do bairro Farroupilha ele é majoritariamente o próprio Parque. A fim de contextualizar os mais prováveis frequentadores do parque (principalmente durante a semana) em função de proximidade geográfica trarei alguns dados quantitativos sobre esses bairros na Tabela 1.

²³ Categoria que aglutina os dados de pretos e pardos.

Tabela 1 – Indicadores demográficos de bairros próximos à Redenção

Bairros/ Indicadores	Bom Fim	Santana	Centro Histórico	Cidade Baixa	Farroupilha
Habitantes Total	9.450	24.638	39.154	18.450	961
Habitantes em relação a Porto Alegre	0,67%	1,75%	2,78%	1,31%	0,07%
Branços	93,63%	90,13%	90,07%	91,09%	94,38%
Pretos	2,24%	4,41%	3,80%	3,34%	3,54%
Pardos	3,46%	5%	4,99%	5,01%	1,56%
Indígenas	0,16%	0,13%	0,23%	0,15%	0,42%
Amarelos	0,49%	0,33%	0,57%	0,40%	0,10%
Rendimento médio dos responsáveis por domicílio	7,67 salários-mínimos	7,1 salários-mínimos	6,46 salários-mínimos	5,91 salários-mínimos	8,9 salários-mínimos
Analfabetismo	0,28%	0,38%	0,40%	0,21%	0,23%
Escolaridade	12,67 anos	11,87 anos	12,04 anos	12,05 anos	12,89 anos

Fonte: o autor (2024) com dados de ObservaPoa ([2023?b]; [2023?c]; [2023?d]; [2023?e]; [2023?f])

Os dados são provenientes do ObservaPOA ([2023?a]) e essas informações foram levantadas com o propósito de contextualizar o cenário da cidade de Porto Alegre em contraste com os bairros que circundam a Redenção e o bairro na qual ela se localiza. Acredito que embora o fluxo de pessoas no parque mude entre os dias de semana e o final de semana, é relevante entender o perfil das pessoas que moram relativamente próximo ao parque para pensar sobre o uso do espaço público e seus facilitadores, como o fato de poder ir caminhando ou de bicicleta.

2.5 A primeira ida a campo

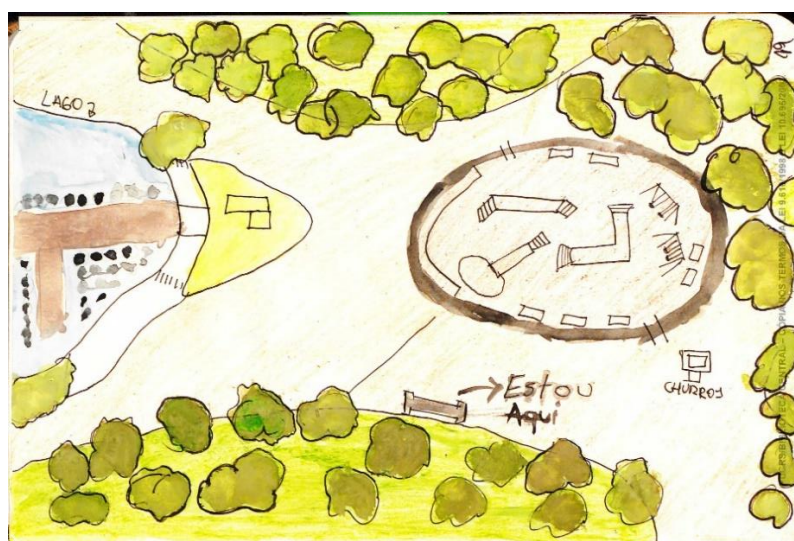
Vim de bicicleta até a redenção. Me atrapalhei e vim por um caminho mais longo (pela av. João Pessoa). Cheguei às 16h40, estou de fone de ouvidos. Sentei-me em um banco próximo à pracinha, mas não *na* pracinha, por medo. Estou sozinho e sinto que poderia assustar se entrasse. Tento observar disfarçadamente de lado, porque o banco não

está de frente para a pracinha, e vejo que há alguns adultos e algumas crianças pequenas. Tem uma circulação de pessoas bem menor comparada com os fins de semana aqui no Parque. Várias pessoas estão fazendo exercícios. Mas tem um barulho interessante, eu o reconheço em qualquer lugar, é o som de um balanço que range. É um homem de meia idade embalando uma criança no balanço. Parece ter crianças de todas as idades ali dentro, até bebês. Que vento gostoso. (Extrato do diário de campo, 23/03).

Neste dia, praticamente me camuflei. Sentei-me em um banco fora da pracinha, a qual é cercada, ficava olhando para lá de vez em quando de fone de ouvidos para “disfarçar” a intenção, fones desligados, mas na cabeça e com meu diário de campo, minha aquarela e pinceis, fiz um desenho de uma árvore e pintei com tinta para não ficar estranho minha presença ali. O banco ficava de frente para o CMPA (Colégio Militar de Porto Alegre) e a pracinha estava à minha esquerda, ou seja, eu precisava me virar para olhá-la, situação bem constrangedora, frustrante.

Resolvi sair dali depois de um tempo, visto que parecia que tudo tinha dado errado, e me direcionei para uma outra pracinha com um banco em que pudesse sentar e olhá-la sem problemas. Encontrei um lugar, mas fiquei novamente de fora da pracinha, e isso resulta em alguns problemas, como a baixa visão do todo e a impossibilidade de diálogo com os adultos. Escutar também se torna mais difícil e por fim eu queria *entrar no campo* e não o rodear.

Desenho 2 – Localização no banco em frente à segunda pracinha



Fonte: O autor (2024)

O desconforto vivido me fez planejar voltar de outra forma. Decidi que se fosse para entrar na praça estaria municiado de ferramentas que me permitissem isso. A partir deste dia sempre que voltei à pracinha estava usando camiseta ou moletom do curso de ciências sociais da Pucrs, crachá com a carteirinha de mestrado, carteira com documentos pessoais, comprovante de matrícula no mestrado plastificado e cartões de visita (Imagem 3) contendo todas as minhas informações pessoais, da pesquisa e da Pucrs para entregar aos pais, mães e demais adultos com quem interagisse.

Imagem 3 – Cartão de Visita



Fonte: O autor (2024)

Mas quero destacar que etnografar uma praça ou pracinha tem suas dificuldades mesmo quando não se trata de crianças ou de ser um homem como no meu caso. Mayara Lobato a partir de trabalho de campo numa praça em Copacabana no Rio de Janeiro, ao realizar uma etnografia sobre o envelhecimento e idosos nos dá o seguinte relato.

Notei que minha presença na praça em alguns momentos era estranhada pelos idosos ou possíveis babás que se encontravam no parquinho. Principalmente quando procurava observá-los recebi alguns olhares desconfiados. Tive essa sensação, pois os olhares eram insistentes, procurando me analisar como eu tentava analisá-los (Lobato, 2011, p. 6).

A seguir, compartilho o Quadro 1 que construí com base nas observações na pracinha. Acredito que esse material contribui para a contextualização dos sujeitos desta pesquisa qualitativa. A construção desse material se deu primariamente pela conversa informal e escuta do pesquisador, mas foi complementada e revisado após entrevista semiestruturada com alguns interlocutores.

Quadro 1 – Levantamento de dados contextuais dos pesquisados

Criança	Cor/Raça	Idade	Bairro	Profissão da Mãe	Profissão do Pai
Amanda	Branca	9 anos	Rio Branco	Mônica - Professora	João -Psicólogo
Vitória e Roberta	Branca e branca	9 e 7 anos	Santana	Débora - Vendedora	André - Funcionário Público
Valentina e Enzo	Parda e pardo	10 e 8 anos	Petrópolis	Julia - Empresária	Sem nome - Engenheiro Civil
Vinícius	Preto	6 anos	sem inform.	Carlos (Avô) - Aposentado	Sem inform.
Luisa	Parda	9 anos	sem inform.	Sem inform.	Joana - Sem inform.
Tiago	Branco	7~8 anos	sem inform.	Claudia - Sem inform.	Sem inform.
Emily	Branca	7 anos	sem inform.	Sem inform.	Felipe - Sem inform.
Bruno	Branco	6~7 anos	sem inform.	Sem inform.	Sem inform.

Fonte: O autor (2024), com dados desta pesquisa.

Em Müller (2007), que também busca fazer um levantamento como esse, a autora apresenta mais de um quadro com informações. Isso porque os pesquisados tinham já conexões com a pesquisadora, possibilitando a coleta dessas informações mais minuciosas. Já no meu trabalho, foi possível fazer este registro porque essas crianças são frequentadoras assíduas da pracinha. Uma das mães no meu primeiro dia de trabalho de campo disse: “a gente vem sempre depois da aula com elas”. Uma das dificuldades de se fazer pesquisa em espaços públicos é conseguir conversar com as pessoas e ir mapeando quem elas são. Muitas vezes os adultos estão conversando com alguém ou concentrados em alguma coisa mais específica, respondendo a alguém via mensagem de texto. Essas crianças também são todas estudantes da escola estadual localizada em frente à pracinha. Percebi que praticamente todos vão a pé da escola para casa porque moram na região, em algum dos bairros ao redor da Redenção. Seus pais trabalham em profissões de camadas médias como professores, funcionários públicos, funcionário de posto de saúde, mas também tem empresário e aposentado.

Sobre esse pesquisar crianças em pracinhas, trago um extrato do diário que considero chave, pois, logo no início do campo consegui encontrar uma forma de ver e ouvir crianças nesse lugar, algo que algumas literaturas da área de infâncias diriam que não se as encontrariam ali.

São 17h25, estou sentado num banco dentro da pracinha. Começaram a chegar as mães, os pais e as crianças, muitas crianças. Devido às mochilas nas costas, suspeito que devem ter recém-saído da escola. De repente, a pracinha está lotada de crianças. Estão correndo muito. Correm, trocam de brinquedos, gritam bastante, acho que é pega-pega. Parecem frequentar bastante o lugar. (Extrato do diário de campo, 31/03).

Diferente deste cenário, no artigo de Wenetz (2013), as praças são palco de uma etnografia dos espaços vazios. Seu objetivo era justamente entender onde estavam as crianças e como elas utilizavam os espaços públicos destinados a elas. Mas quando a autora vai à praça e à rua, percebe a ausência das crianças. Por isso, recorre a entrevistas com os pais e visita à escola mais próxima para entender esse fenômeno e percebe que o medo da violência urbana age como um ator social que faz com que os adultos tolham a possibilidade de as crianças usarem esses espaços.

Desse modo, as praças são representadas no senso comum e acadêmico como um espaço aberto, disponível e adequado para as crianças brincarem, mas, conforme as observações realizadas, as praças nas grandes cidades vêm se tornando, crescentemente, espaços vazios. Nesse contexto urbano e através das identificações desses diferentes espaços no bairro onde a escola se encontra inserida e no qual as crianças circulam, foi possível identificar o quanto a cidade não lhes oferece espaços de sociabilidade (seguros) e como seus pais ou responsáveis, por diferentes motivos, têm medo do “estranho” e da rua e não têm confiança nesses espaços (Wenetz, 2013, p. 362).

Assim como essa realidade de pesquisa aparece em Wenetz, em Saraiva (2014) e Uriarte (2017) também nos é sugerido uma ausência das crianças em espaços públicos. Müller e Souza (2023) propõem uma etnografia flutuante como opção metodológica tendo em vista que as crianças não estão tão presentes nos espaços públicos e porque “não há mais tempo para buscar as crianças onde, já sabemos, elas não mais estão” (Müller, 2023, p. 2).

Acredito ser importante dizer que a presença dos pais ou responsáveis traz um elemento importante para este trabalho. Minha pesquisa diz respeito a crianças de camadas médias, sobretudo brancas que foram potencialmente mais isoladas durante a pandemia, e que agora estão podendo frequentar as pracinhas e demais lugares públicos. Ao longo de toda a pesquisa praticamente nunca vi uma criança desacompanhada²⁴. Elas estavam sempre com pelo menos

²⁴ Salvo exceções: 1. O menino que queria, no domingo, 20 reais para brincar num carrinho elétrico que estava ao lado da pracinha. 2. Dois meninos de uns 10-11 anos que andavam de bicicleta. 3. Os adolescentes.

um adulto junto de si. Trata-se de uma etnografia em espaços usados, frequentados, aproveitados por crianças das mais variadas idades e adolescentes dentro da Redenção, especificamente na pracinha.

Após a chegada daquele mundaréu de pessoas, conforme descrito no extrato do diário de campo, procurei me aproximar de duas mães, a Claudia e a Mônica²⁵, para conversar sobre a minha pesquisa. Perguntei se elas se importariam de eu permanecer ali, como fiz anteriormente, e a resposta foi de que não haveria problema algum. Em conversa, me disseram que costumam vir sempre por volta desse horário (17h30min) com a criançada. Essa interação foi uma das primeiras com adultos que frequentavam o lugar semanalmente e que iria reencontrar novamente. Fui muito bem recebido, a ponto de Mônica ser ao longo do trabalho, talvez a principal interlocutora junto de seu marido João, que são pais de Amanda. Serão essas pessoas e mais algumas, que ao me verem na pracinha me cumprimentam e até puxam conversas eventuais sobre os mais variados assuntos.

Conversando com os pais, percebe-se um perfil que corresponde aos dados do Observatório de Porto Alegre para a população da região: são de camada média e brancos, majoritariamente. É um contraste marcante em comparação com pesquisas sobre crianças em espaços públicos, geralmente se tratando de ocupações, movimentos sociais, favelas, periferias, morros e demais realidades que se enquadram num espectro de camadas populares (Belisario, 2021; Freire, 2023; Gobbi, 2023). Em Gonçalves (2021, p. 296), quando pesquisou crianças no Morro do Estado em Niterói, RJ, pode-se entender e analisar esses contrastes a partir da seguinte passagem:

As crianças relataram passar algumas horas dos seus dias na Pracinha, quando estão fora de suas casas e não estão na escola. Muitos pais permitem que as crianças que moram nas proximidades fiquem na Praça da Paz sem supervisão adulta, mesmo existindo em frente a ela (durante todo o período da pesquisa), a poucos passos de distância, uma boca de fumo. Muitas crianças utilizam a Pracinha para jogar futebol, ou para “rachar”, como costumam falar entre si. Diversas vezes, alunos do Projeto “mataram” oficinas para racharem na Praça.

Maria Teófilo (2021) na sua tese em Educação, utilizou a etnografia para realizar uma pesquisa com crianças no parque da Lagoa Jansen, localizado em São Luiz no estado do Maranhão. Acredito que nossas pesquisas dialogam em vários sentidos, sobretudo quanto as dificuldades de realização da pesquisa e os desafios metodológicos enfrentados. Teófilo também busca estratégias para desenvolver o trabalho e tentou se fixar num lugar no parque.

²⁵ Todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.

Decidiu permanecer numa mesa com materiais de desenho para atrair as crianças e conseguir trabalhar com elas, mas isso não ocorreu, as crianças não se interessaram por isso. A autora descartou realizar pesquisa numa praça de um bairro em São Luís/MA pois a partir da leitura do artigo de Wenez (2013), assim como eu, Teófilo não queria repetir uma etnografia dos espaços vazios. Eu fui direto para o parque Farroupilha justamente pela necessidade que tinha de encontrar pessoas para desenvolver a pesquisa. Mas a autora, não se fixou em pracinha e optou por caminhar pelo parque e usa o termo “trecho” para se referir à alguns espaços no qual ela caminhava e estabelecia interlocução com crianças. Penso que no caso dessa pesquisa a autora fez uma etnografia que embora se assemelhe à minha, está mais próxima de uma observação flutuante (Müller, Souza, 2023), mas não pela cidade e sim pelo próprio parque porque as crianças estavam lá frequentando o lugar em movimento e praticamente sem a companhia de adultos. Uma complexidade geográfica se está presente no campo de Teófilo é o fato de seu entorno ter ligação direta com bairros de diferentes camadas sociais. Isto não ocorre no parque em que pesquisei. No subcapítulo anterior demonstrei alguns dados sobre renda, escolaridade, raça, e outros indicadores que apontam certa homogeneidade entre os bairros em que se situa o Parque Farroupilha.

3 PRACINHA NA REDENÇÃO: A SOCIABILIDADE DAS CRIANÇAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS NO PÓS-PANDEMIA

Foram dias quentes em março e abril, e dias mais frios e chuvosos em maio, junho e julho. Porto Alegre para quem não conhece pode ser uma grande surpresa climática, mas para quem é porto alegrense acaba por se acostumar um pouco com suas variações. Minhas primeiras observações em campo foram em meses mais quentes mesmo, eu ia caracterizado como pesquisador, camiseta do curso, crachá e outras coisas na mochila para usar se necessário. Mas a temperatura, que pode chegar a 35° C com sensações térmicas de mais de 40° C, pode ser mais agradável (menos quente) em alguns lugares da cidade. Onde o ar-condicionado impera com certeza esse clima pode passar despercebido, mas ao sair na rua será muito perceptível. No entanto, quais lugares teriam a capacidade de oferecer conforto em Porto Alegre? Com certeza eu diria que os parques da cidade possuem essa capacidade, principalmente pela sua arborização. Lobato (2011) ao etnografar idosos numa praça de Copacabana/RJ pensou que sua pesquisa estaria comprometida num dia de muito calor na cidade maravilhosa, contudo ao chegar na praça este aspecto da arborização, do vento e da sombra, possibilitava que a praça estivesse lotada de pessoas e ele pudesse realizar sua pesquisa.

Caminhando pela cidade, pegando ônibus ou mesmo pedalando em direção ao parque Farroupilha, percebe-se um entorno de muito movimento nas avenidas, nas calçadas, nas ciclovias, além de carros dos mais caros aos mais simples. Nesse caminho vê-se uma cidade com muitas árvores podadas numa das principais avenidas de Porto Alegre, a Ipiranga, na qual moro e utilizo para chegar até o parque. Ao me deslocar de casa para a pracinha também encontro pelo caminho muitos moradores de rua sentados nas calçadas, ou em alguns barracos no riacho que há no meio da avenida e que corta a cidade ao meio.

Quando se chega na avenida Oswaldo Aranha em frente ao parque Redenção damos de cara com a imensidão verde. Quem é daqui e já veio no parque sabe que se pode fazer um pouco de tudo por ali. Caminhar, correr, sentar-se, mas também usufruir de um espaço para fazer campanhas políticas de todos os espectros, ensaiar blocos carnavalescos, presenciar teatro de rua, amigos fazendo piquenique, pessoas desenvolvendo exposições e saraus ao ar livre. Gastronomicamente há muitas opções, desde pipoca e churros e mais recentemente alguns bares com pizza e hambúrguer no centro do parque, bem como água em bebedouros públicos de livre acesso.

Nesse parque circulam muitas pessoas pelos mais variados motivos e vindo dos mais variados lugares. Há algumas escolas e um campus universitário próximo. O parque é uma

alternativa para o centro histórico da cidade, mas também para o bairro da Cidade Baixa, conhecido pelas noites boêmias. Aos sábados, o parque recebe uma grande feira agroecológica na avenida José Bonifácio e aos domingos uma tradicional feirinha de artesanato e bancas de vendas de itens variados, como antiguidades, vinil, livros etc.

Há um parque de diversões pequeno, mas está sempre repleto de pessoas, tanto crianças quanto adolescentes, bem como adultos, nos finais de semana. Além de contar também, com quadras e campos de futebol para a práticas de esportes. Mais próximo à avenida João Pessoa, temos um lago bem grande e quem olha com atenção e paciência pode ver muitas tartarugas por ali, além de poder passear nos pedalinhos do lago, e tem os gambás que também podem ser vistos em várias partes do parque.

Quando faço o trajeto de minha casa para o parque, chego pela avenida Oswaldo Aranha e se estou de bicicleta desço logo no início antes do parque de diversões e caminho até a pracinha em que faço a pesquisa. Ao caminhar até lá, sinto em seguida uma sensação de conforto porque a temperatura é geralmente menor que a do trajeto, além de perceber que esse lugar quase nunca está vazio. Passam por mim pessoas e grupos, caminhando ou correndo, às vezes com cachorros, mas também muitas pessoas nos bancos que parecem viver em situação de rua. Na avenida José Bonifácio, numa das laterais do parque, há muitas pessoas com pertences como colchões e outros utensílios espalhados pela calçada. O parque, e as vezes os canos²⁶ da pracinha podem ser compreendidos como algo que serve às estratégias de sobrevivência de algumas populações, como observam Neto e Veiga (2018) ao estudarem a praça da Cantareira em Niterói. Neste estudo, como mencionei anteriormente, foca-se a análise etnográfica na higienização de espaços públicos por meio de um funcionalismo urbanista modernista. Este está à serviço dos interesses econômicos, os quais estão buscando destituir do poder de uso desses espaços os pertinentes aos comerciantes informais, flanelinhas e aqueles(as) que fazem da praça sua casa. Em minhas visitas, não notei nenhum conflito entre essa população e os outros transeuntes do parque e dos arredores da praça, como apontado na pesquisa de Neto e Veiga. Ainda assim, a população que habita as ruas, parques e praças está presente em todos os dias em que permaneci em Redenção.

Até chegar no parque ouço muito barulho de carro, ônibus, moto e buzinas. Ao adentrar o parque isso muda um pouco, mas não tanto porque fico muito próximo de uma avenida que apesar de não ser tão movimentada também tem circulação de veículos. Geralmente eu estacionava minha bicicleta azul com adesivos das eleições já velhos e desbotados num banco

²⁶ Para visualização dessa estrutura, veja a fotografia 7 p. 32 desta dissertação.

quase em frente a pracinha. Ela é cercada e possui apenas duas entradas. Para as crianças nem sempre eram duas entradas somente, pois, pulavam acerca de vez em quando para sair ou adentrar nela. Já para mim, eram duas entradas e eu sempre entrei pelo mesmo lugar no qual há uma placa da empresa de construção Goldztein, que revitalizou as pracinhas e playgrounds da Redenção. A cerca não é tão alta, mas ajuda um pouco os pais a sentirem mais segurança de que as crianças não iam se perder, sair correndo ou mesmo serem perdidas das vistas.

Com o tempo fui descobrindo onde me sentar, o que fazer, com quem conversar ou não conversar. Eu ficava por um tempo observando, às vezes conversando, e as pessoas passavam por mim. As relações que se estabelecem neste espaço são fugazes. Geralmente intermediárias entre o sair da escola e o ir para casa.

As crianças são uma população bem grande e variada em todo o parque Redenção e na pracinha. Houve muitos dias em que vi e ouvi incansáveis choros de bebês em carrinhos muito bonitos. Mesmo não “usufruindo” dos brinquedos da pracinha os bebês eram parte dos frequentadores. Conversei algumas vezes com a mãe da Gabriela, bebê de 11 meses que era uma frequentadora assídua do parque e da pracinha. Vi essa mãe inúmeras vezes: é uma mulher de menos de 40 anos com o cabelo geralmente preso, com sua filha que muitas vezes se podia ver sentada num balanço e sendo empurrada com muito cuidado, outras vezes caminhando com os bracinhos sendo segurados por cima pela mãe. Lobato (2011), ao realizar etnografia numa praça, observa que muitas vezes em horários matutinos elas estavam acompanhadas de idosos ou cuidadoras (babás). Durante a minha pesquisa realizada em período vespertino identifiquei avós com seus netos, mas nunca babás.

Havia momentos que a praça estava menos movimentada durante a semana, como por exemplo entre 16h45min e 17h30min. Outras vezes, se via poucas pessoas que traziam crianças ou bebês para uma brincada passageira antes de ir para casa. Gabriela, a bebê, caminhava mais nesses momentos com a mãe porque quando a pracinha começava a encher havia muita correria e algazarra das crianças. Dizer que a pracinha é cercada é um ponto importante porque certamente quem vai lá sabe que, uma coisa é a teoria de que esse cercado é um meio apenas de impedir que as crianças saiam da praça e outra é o que se faz efetivamente com ele. Essa noção do uso de uma estrutura material pode ser pensada aos moldes de escalas infantis (Farias; Weller; Wiggers, 2022). Para algumas crianças esta cerca era na verdade uma corda bamba ou um desafio de equilibrista, Amanda filha de Mônica era vista muitas vezes em cima das cercas brincando com Vitória e Roberta filhas de André e Débora.

Mônica e João se revezam muito para levar Amanda na pracinha. Encontrei com eles todas as vezes que estive por lá, e em julho, numa ida mais isolada após muito frio e muitas

chuvas descobri que algumas vezes Mônica levava e se responsabilizava também por Vitória e Roberta. Isso porque nem sempre Débora conseguia buscá-las na escola, e ao recorrer a Mônica vê-se que algumas relações entre adultos possibilitam às crianças não apenas fazer amizades, mas também usufruir de alguns espaços como o dessa pracinha localizada bem em frente à escola das meninas e entre os adultos criam-se redes de apoio e solidariedade para conseguirem resolver questões particulares.

Outros estudos em áreas afins exploram a compreensão do urbano e citadino com as crianças ou em relação a elas. Situando a sociologia da infância como uma área aliada à pesquisa etnográfica, Farias, Weller e Wiggers (2022), publicaram um artigo com a seguinte pergunta: “quais as práticas sociais desenvolvidas por crianças em espaços públicos de Brasília?”. A pesquisa foi etnográfica, acompanhando o trajeto de crianças entre suas casas e escolas, com uma câmera Go Pro, e realizando entrevistas com elas. Através da teoria fundamentada em Bryant e Charmaz, (2007) e Charmaz (2009), analisaram as entrevistas criando codificações e subcategorias. Isso foi feito com base nas notas de campo da pesquisadora e das entrevistas que fez, para facilitar o entendimento:

Após a identificação das subcategorias, foi possível associá-las às categorias centrais que fundamentam nossa análise, quais sejam: “uso do espaço” e “ação das crianças”. A categoria “uso do espaço” está relacionada a duas subcategorias: “converter espaços em lugares” e “estar com pares sem seu responsável”. A categoria “ação das crianças”, por sua vez, está associada a mais três subcategorias: “brincar”, “fazer amizade” e “criar as próprias regras” (Farias; Weller; Wiggers, 2022).

Acho interessante o destaque que neste trabalho é dado à arquitetura do lugar, ou dito de outra forma à *materialidade*, inclusive sugerindo que alguns achados da pesquisa são em parte influenciados ou facilitados pela organização espacial dos condomínios nas superquadras planejadas na cidade de Brasília. Entre os achados discutidos, a ideia de *escalas infantis* é exemplificada como um olhar voltado a como as crianças significam aquilo que está no mundo pensado para elas ou não.

Ao retornarmos à nossa questão inicial sobre as práticas sociais desenvolvidas pelas crianças nos espaços públicos de Brasília – especialmente na Região Administrativa I – Plano Piloto –, percebemos que sua sociabilidade está intrinsecamente relacionada aos distintos usos que fazem dos espaços, significando-os como lugares onde podem conviver entre pares, sem a necessidade da presença de seu responsável direto. Essa sociabilidade está relacionada às suas ações na superquadra, como brincar, fazer amizades e criar regras próprias de convívio. Os pilotis e os jardins são tomados criativamente pelas crianças, que neles se fazem presentes constantemente. É no cotidiano de sua superquadra e nas relações de vizinhança com aqueles que por ali

transitam que elas produzem a cidade e criam suas escalas. Há aqui uma importante consideração, a escala infantil proposta é o resultado da articulação das dimensões do plano físico e simbólico, portanto apresenta questões individuais da maneira autoral como cada criança usa e dá sentido ao espaço. Ela transcende as dimensões geográfica e urbanística da métrica e da proporcionalidade do monumental ou residencial (Farias, Weller, Wiggers, 2022, p. 186).

Esse trecho das considerações finais do artigo sintetiza os resultados obtidos nessa pesquisa que visou pensar os espaços públicos construídos numa cidade planejada. Porto Alegre não tem a mesma realidade, mesmo assim o contraste entre cidades num mesmo país é sempre muito interessante para pensar a pluralidade das infâncias. Na pesquisa desenvolvida por mim, como já apontei, não se trata do bairro, da rua, das casas e condomínios, mas de espaços compartilhados numa cidade muito urbanizada nos quais se observa a constante presença de adultos nos espaços infantis, como em Lobato (2011) e Nascimento (2004).

Nas idas até a pracinha foi interessante ver os usos muitos variados das estruturas pelas crianças e alguns adolescentes. Normalmente se espera que um balanço para usuários de cadeira de rodas primeiramente seja utilizado por este grupo e segundo que seja para se balançar. Mas na prática, com a pouca ida dessa população à pracinha (nas minhas observações apenas num domingo houve a presença de criança PcD²⁷) ocorria inúmeras vezes usos diferenciados desse brinquedo.

Os domingos são agitados mesmo, muito diferente de dias da semana. Acabei de ver uma criança em cadeira motorizada, era um menino negro de óculos e sua mãe ao lado. Eles apenas atravessaram o parque e passaram pela pracinha. O menino nem olhou para a praça, ao lado está ocorrendo uma apresentação artística para crianças, é um grupo de teatro que nos fins de semanas faz algumas apresentações. (Extrato do diário de campo, 02/04/23).

Portanto, a presença deste menino na praça não esteve relacionada ao brinquedo destinado às crianças cadeirantes. Já as crianças que vinham depois da escola costumavam se aglutinar e subir todos juntos nesse balanço e imaginarem alguns cenários. Como um barco, ou uma missão, ou mesmo o óbvio de estarem todos juntos sobre o balanço. Isto é arriscado porque alguém pode cair ou mesmo o brinquedo quebrar. Contudo podia ver os seus sorrisos de orelha

²⁷ Pessoa com deficiência.

a orelha, várias gargalhadas, nesse empurra-empurra que faziam, e as piadinhas que contavam para si aos berros.

Relacionado à essa materialidade, que na pracinha se faz nessas estruturas de brincar ou mesmo da cerca, das árvores, da academia pública que tem ao lado pracinha entre outras possibilidades, o estudo de Meloni e Marin (2021) “A cidade e o brincar: análise de espaços públicos de Assis-SP” aborda a importância dos lugares destinados às crianças a partir do ponto de vista delas. Acho que é interessante refletir sobre essa questão especialmente quanto ao experimentar o lugar. Não é só uma pesquisa com crianças, mas também sobre espaços públicos de lazer e contemplação que possuem áreas verdes, de brincadeiras, de esportes, de descanso etc. Desse estudo fizeram parte cinco crianças de uma escola pública e cinco crianças de uma escola privada. Neste trabalho optou-se por uma abordagem qualitativa: “o objeto de estudo foram os espaços de brincar situados fora de casa na cidade de Assis-SP e experimentados por crianças, analisados a partir do conceito paisagem” (Meloni; Marin, 2021, p. 3). Foram utilizadas algumas técnicas de pesquisa para captar as opiniões das crianças. Os pesquisadores fotografaram os espaços públicos de lazer e pediram que as crianças selecionassem em quais desenvolviam atividades de brincar e opinassem sobre o lugar trazendo pontos positivos e negativos.

Os resultados obtidos mostram que os espaços de brincar da cidade de Assis-SP não foram planejados de acordo com as necessidades das crianças, pois não há brinquedos na maioria das praças, e, para elas, brinquedos e vegetação são elementos ambientais importantes de um espaço de brincar. As crianças questionaram a funcionalidade de alguns espaços destinados ao brincar, como as praças que são rotatórias. Outro aspecto considerado é a limpeza – concluímos que as crianças não têm vontade de brincar em lugares que não estão limpos (Meloni; Marin, 2021, p. 16).

Esses resultados foram apresentados como, em parte, fruto das entrevistas com as crianças, nas quais exercem um papel de agência e protagonismo ao colocarem sua visão sobre os lugares de brincar nas pracinhas. Uma questão muito subjetiva é essa da paisagem e da materialidade: uma interlocutora adulta ao conversar comigo sobre as praças, aponta que prefere trazer seu filho Gabriel nas pracinhas da Redenção por causa da melhor qualidade. Ela falou isso em comparação com o parque Marinha e algumas praças da orla do Gasômetro, duas regiões de Porto Alegre que são muito utilizadas para lazer e passeios por serem lugares públicos e próximos ao rio Guaíba, que tem um pôr-do-sol bem bonito.

Sua opinião difere de outras que ouvi e vi, pois em certo momento a estrutura dos balanços esteve quebrada. Foi após alguns dias de chuva e havia poças d’água em alguns pontos. A pracinha realmente não estava muito convidativa naquele dia, e não foi a chuva que

quebrou o brinquedo pois conversei com pais e soube que estava quebrado antes das chuvas, provavelmente pelo uso inadequado. Um pouco antes de saber dessas informações fiquei um pouco mais sozinho na praça. Era mais de 16h, senti aquele cheiro de grama molhada, a terra embarrava o tênis e pessoas passavam pela praça. Gabriela estava lá no carrinho como quase sempre, dessa vez sendo embalada. Logo depois passa uma mãe com seu filho de uns seis ou sete anos que diz que quer entrar só um pouquinho na pracinha. Ela olha rapidamente para o lugar, esboça uma reação de reprovação e descontentamento com a sobrancelhas franzidas e cara um pouco mais fechada e retorna o olhar para o menino enquanto caminhavam dizendo que não, que o lugar era muito ruim, estava caindo aos pedaços, que não era bom. Seguem o seu rumo num passo apressado, sem adentrar a pracinha.

Nessa questão da segurança, manutenção e higiene certo dia me deparei com uma situação interessante na pracinha. Já havia escurecido e ao conversar com João enquanto Amanda brincava vi algumas ratazanas, elas eram muito rápidas e algumas subiam as árvores. Fiquei assustado de início, mas logo reparei que nenhuma criança estava com medo ou nojo, muito menos João, ele até comentou que é bem normal e que esses bichos se escondem nas árvores. Outro dia, alguns adultos (lembro de André) percebem de forma negativa a presença de mosquitos, que no calor parecem se multiplicar e incomodar mais, gerando até mesmo a ida precoce para casa devido o incômodo destes insetos. As crianças não falavam muito sobre isso, podem até não gostar, mas durante as brincadeiras, gritaria e pega-pega não ouvi falarem de picada de mosquito.

3.1 Supervisão dos pais

Entre tantas pessoas indo na pracinha durante a semana, da escola para casa, ou nos domingos para passear, vi pais, mães, avós e tias com suas crianças. Eu mal sabia que justamente esse fluxo de pessoas que eu não percebia como algo específico, se tornaria um elemento chave para compreender as relações sociais de crianças e adultos em espaço público, quando se trata de camadas médias. O extrato do diário e o desenho 3 busca descrever mais detalhadamente esse primeiro elemento: a supervisão.

Hoje é uma quinta-feira, cheguei bem antes das 17h30min e tem algumas pessoas, mães, pais e crianças que não conheço. Alguns adultos parecem se conhecer. Não consegui conversar com eles, mas

fiquei sentado e vi que Rafaela é uma das meninas que estava brincando hoje com uma amiga, Cecília, e a sua mãe veio para perto dela no balanço em um determinado momento. Acho que ficou preocupada porque o pai de outra menina estava interagindo com elas no balanço, a sua expressão era de testa franzida, olhos um pouco arregalados, e ela assim que viu o homem ficou olhando-o para entender o que ele estava fazendo. Esse homem está com duas filhas. “Rafaela! Perto dos meus olhos!” – disse sua mãe, que é jovem e deve ter entre 30 e 35 anos. Essa mãe está com outra mulher que está amamentando e que pode ser mãe da amiga de Rafaela que brincam juntas também, a Cecília. “Oh mãããe, oh mãããe, oh mãããe” – grita Rafaela no balanço, alguns metros longe da mãe na expectativa que esta venha balançá-la. A mãe da Rafaela enfim foi até as meninas, e logo voltou para onde estava, conversando com a outra mulher. Pouco tempo depois escuto as meninas gritando. A mãe da Rafaela se levantou. Disse que agora que a Rafaela prendeu o pé no balanço “Acabou esse balanço!”. Mas não adiantou muito, minutos depois percebi que elas continuaram no balanço: “Ceci, eu vou te empurrar” – disse Rafaela (estavam no balanço). Enquanto isso a mãe foi correndo gritando o nome de sua filha porque quando ela foi embalar a Cecília, Rafaela ficou atrás do balanço. Quando eu a vi, já estava deitada embaixo do balanço, não tinha se machucado apenas estava brincando. “Rafaela, sai daí!!” – diz sua mãe furiosa, pois, achava perigoso brincar dessa forma (Extrato do diário de campo, 27/04).

Desenho 3 – Rafaela e Ceci no balanço



Fonte: O autor (2024)

Rafaela e Cecilia tinham acabado de sair da escola e foram para a pracinha por intermédio das mães, que embora não estivessem brincando com elas ou dando a atenção que elas desejavam, estavam atentas aos comportamentos das crianças que brincam, berram, empurram, riem e se relacionam com outras crianças sem medo do que pode acontecer consigo. Mas algo nessa cena, traz uma prática comum. Estar com seu responsável na praça não significa um maior cuidado, ou um maior acompanhamento das brincadeiras por parte dos adultos. Embora varie pois há uma minoria que fica observando as crianças o tempo todo, para os adultos, o tempo na pracinha é com frequência também um tempo para si em que ficam conversando com outros adultos ou fazendo algo pessoal no celular.

Anelise Nascimento (2004), que também estudou sobre crianças e adultos em pracinha no Rio de Janeiro, traz alguns achados de pesquisa interessantes sobre essas relações e a supervisão de adultos com crianças. Ela destaca primeiro que via muitos pais e mães na pracinha com seus filhos, que não via tanta interação entre crianças e crianças. Ela inclusive estranha isso e cria uma hipótese de que as crianças tinham suas explorações e possíveis interações tolhidas pelos adultos. Mas em conversa como uma interlocutora de nove anos, tem um insight acerca desse comportamento, que se relaciona com uma parcela de pais e mães que levam seus filhos em pracinha, inclusive no caso da minha pesquisa. Essa interlocutora da autora relata

naturalmente um dia a dia de muita distância dos pais devido à rotina de trabalho deles, o que faz com que ela permaneça mais tempo com a avó e amigas vizinhas. No caso de Nascimento, ela entende que estes pais na verdade buscam um *tempo*, entre eles e seus filhos e, portanto, interagem bastante com eles nesses espaços.

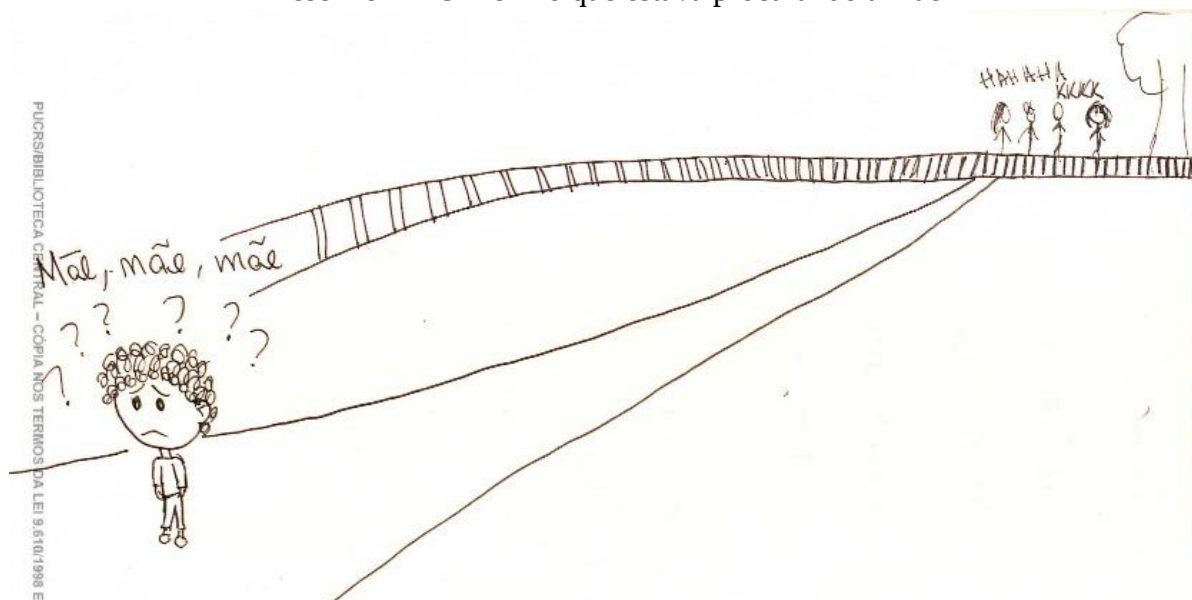
Na minha pesquisa, tem aqueles vários adultos que querem um tempo com seus filhos como no caso da pesquisa citada, mas há outros pais e mães que vão à pracinha porque querem um tempo para si ou para interagirem com outros adultos. Como muitas famílias de camada média se isolaram bastante na pandemia com os filhos, faz sentido haver agora, no pós-pandemia, com o retorno do presencial (Veríssimo; Machado; Cardozo, 2021), tantos pais tirarem um tempo para si, afinal, o contexto agora é outro. Essa outra cena, um tanto angustiante, também nos mostra um pouco desse uso que os adultos fazem da pracinha enquanto as crianças se divertem.

Percebo que chegou um casal, um homem e uma mulher jovens, entre 18 e 24 anos, com uma criança de no máximo 5 anos. Esses dois adultos logo fogem da minha vista, mas a criança ficou brincando num lugar em que eu podia vê-la. Eles saíram da pracinha para conversar com outros adultos e de onde estavam não tinham como ver o filho. A mãe aparece e interage com o menino, mas é bem rápido e não consegui ouvir o que ela diz, mas após ver o menino ela volta para onde estava. O tempo passou e reparei que o menino ficou chamando a mãe, pois não sabia onde ela estava. Começou a caminhar olhando para os lados, para trás, à procura da mãe, chamando-a, a ponto de quase sair da praça. A mãe o viu procurando alguém, mas não pareceu se importar e permaneceu conversando fora da praça com o companheiro. Depois de um tempo apareceu dizendo: “Vem limpar o nariz, senão tu vai embora”. Ela disse isso, mas voltou para onde estava. O tempo passou, ela apareceu de novo próximo ao menino, mas mexendo no celular, pude ouvi-lo dizer: “Fica aqui comigo?” Ela mexeu no celular um pouquinho e falou “Vem”, para o filho (Extrato do diário de campo, 27/04).

O desenho 4 não é tão literal, ou seja, o menino não estava num lugar com um caminho entre ele e os pais, nessa distância e sem nada ao redor. Mas busquei representar esse sentimento

de distância e um certo isolamento. O menino estava subindo e descendo de uma estrutura de madeira numa parte com degraus e que é grande o suficiente para tapar a visão de onde os pais estavam, fora da cerca próximo às árvores do outro lado da pracinha. Ele estava bem a minha frente.

Desenho 4 – O menino que estava procurando a mãe



Fonte: O autor (2024)

Essa cena me causou um pouco de inquietação pela situação, se eu deveria impedi-lo de sair da pracinha ou chamar os pais, mas no fim voltaram e foram embora com a criança e tudo estava bem. Tanto nessa cena quanto na outra, as crianças estão lá com os pais, e estes estabelecem outras relações sociais a partir do levar os filhos na pracinha. Isso me faz pensar no isolamento social da pandemia e sua relação com a prática que comento. Em conversa com João, pai de Amanda, ele diz: “ela vem até debaixo de chuva, aqui na pracinha, (risos)”. A Mônica, me contou que eles se isolaram muito durante a pandemia porque possuem casa no interior do estado. Então, adultos e crianças possuem motivos distintos e autônomos para frequentarem espaços públicos no meu contexto de pesquisa e isso não parece atrapalhar a suas experiências de modo geral, talvez a do menino do desenho 4, mas não podemos afirmar. Saber se a vontade de ir à pracinha é das crianças ou dos pais é importante em alguma medida, mas estando lá, imerso nesse universo, eu percebo muita vontade das crianças de estarem lá. Os pais, as mães, os avós e as tias que levam essas crianças também parecem gostar de estar ali, é um encontro entre adultos dispostos a irem neste local toda a semana e crianças que querem usufruir deste espaço.

Fernanda Müller (2012) estudou sobre infâncias em Porto Alegre e trouxe uma contribuição relevante ao realizar uma pesquisa sobre como as crianças veem os espaços públicos dos bairros em que moram, a partir da fotografia. Além disso, fez um recorte socioeconômico ao incluir crianças de três bairros da cidade, Moinhos de Vento de renda alta, Bom fim de renda média e Bom Jesus de renda baixa. A pesquisa foi feita com crianças que frequentavam espaços públicos, com os pais e sem os pais. A pesquisadora selecionou um bairro para cada uma dessas três camadas sociais e escolheu cada pesquisado com base em interlocuções pessoais, seu próprio capital social. Müller visitou as famílias por 18 meses em diferentes horários e dias da semana, entregou uma câmera fotográfica com um roteiro no qual explicava que a câmera ficaria com a criança por uma semana e que deveria levá-la consigo sempre que saísse. Na época utilizava uma máquina fotográfica com filme de doze fotos e as crianças depois de fotografar se reuniam com a pesquisadora para conversar, sempre bem empolgadas segundo o relato da autora.

Neste estudo, o que estava em questão era a perspectiva da criança, captada com o auxílio da câmera fotográfica, em relação ao bairro e demais lugares importantes para si. A pesquisadora utilizou o material produzido pelas próprias crianças para fazer uma análise e demonstra o que era mais relevante para cada uma das crianças participantes. Foram nove crianças fotografando lugares. Quase todos fotografaram suas casas, seja o interior ou o exterior. As crianças dos bairros Bom fim e Moinhos de Vento fotografaram parques que frequentam com a família e através das entrevistas a pesquisadora pôde entender melhor como as crianças interpretavam os lugares. A rua para elas era algo visto como sujo e perigoso enquanto os parques eram limpos, verdes e mais seguros.

O contraste com as crianças do Bom Jesus é justamente na visão da rua, pois é nela que as crianças desse outro bairro estão mais frequentemente, e nos becos²⁸ também, porque estes são os lugares de brincadeiras e presenças delas. Se as ruas para as crianças de camadas médias e altas têm paralelepípedo e desníveis, as do Bom Jesus, não têm calçada senão em frente à escola. Para Müller, as crianças do Bom Jesus experienciam uma rua como extensão da casa. Nessa pesquisa, esse olhar para a criança como ator social fica evidente quando a autora estabelece que quem tem que fotografar são as crianças e não seus pais, reconhecendo-as como sujeitos que precisam ser ouvidos quando se fala sobre cidade. Sobre a relação entre os pais e os filhos que eu abordo, possui tensão, algo que na pesquisa descrita acima, não é um ponto levantado.

²⁸ Terminologia que em Gonçalves (2021) aparece e é reivindicada como importante para as crianças enquanto reconhecimento.

No contraponto com a pesquisa de Müller vale ressaltar as diferenças relacionadas à classe social pois as crianças da minha pesquisa correspondem a uma camada média e, possuem cotidianos, oportunidades e acompanhamentos que diferem de crianças de camadas populares. Já nas semelhanças, em Müller, as crianças do bom fim também frequentam o parque Farroupilha, isso é indicado pelas próprias crianças na pesquisa como um lugar que elas gostam, como parece ser com as crianças que frequentam a pracinha e pelo que alguns pais me dizem e que mencionei em outros momentos deste trabalho. Outra semelhança é o fato de que essas crianças costumam ficar mais tempo em casa e, quando saem, é com supervisão adulta. Esse traço é recorrente aqui, uma vez que as crianças saem da escola com os pais para a pracinha e, depois, para a casa, ou seja, não exploram a rua e espaços públicos, assim como outras crianças de bairros de classes populares. Nos estudos de infâncias na cidade, no Brasil, a busca por direitos sociais, a proximidade com a violência, a desigualdade social são temas recorrentes. Uma distância em relação à minha pesquisa e que me parece relevante é o contraste entre as crianças sob a supervisão de adultos e aquelas que estão desacompanhadas de adultos nos espaços públicos (Teixeira, 2019; Begnami, 2008; Gonçalves, 2021; Souza, Castro, 2023).

3.2 Queda de braço com os pais

Nestes dias que estive sentado naqueles bancos da pracinha²⁹, ouvi alguns diálogos e presenciei situações oportunas para caracterizar as relações sociais produzidas neste contexto. Claro que foram muito marcadas por serem passageiras, contudo, ao ver e escutar esses momentos que descreverei em seguida, busco refletir a luz da antropologia da criança sobre....

As crianças estão brincando de pega-pega e subindo no balanço, estão todas muito juntas e muito elétricas. Pela primeira vez, vejo esse grupo de pais intervir em uma brincadeira. As crianças estavam balançando muito forte o balanço para cadeirante, e João com outras mães param de conversar e olham para a brincadeira pedindo para diminuïrem a velocidade, e se cuidarem. Eram umas 8 ou 10 crianças gritando e empurrando. Chegou no ápice desse balançar e os adultos interviram, se levantaram e pediram para pararem olhando para elas agora com olhares de reprovação e susto. Estão gritando bastante e parece que

²⁹ Os quais parecem várias caixas de madeira e outros são apenas compridos e sem encosto. Ver fotos no capítulo anterior.

estão testando limites. Os adultos estão virados para o balanço cuidando e observando seus filhos. “Não fica na frente do balanço” – disse um pai (Extrato do diário de campo, 19/05).

Nesses momentos podemos perceber um pouco mais claramente como as crianças agem de forma ativa e assertiva. A cena descrita é das crianças coletivamente disputando com os pais a permanência da brincadeira. Não era exatamente *desobediência*, mas quando penso na minha infância ou naquilo que muitas vezes é veiculado sobre crianças e infância poderia se recair nessa noção. “Era apenas crianças desobedientes que estavam fazendo bagunça”. Olhar dessa forma é possível se assumirmos determinadas perspectivas sobre a infância, porém parece muito mais interessante e frutífero pensar na lógica de uma agência que busca se situar no mundo, em quais são os limites, até onde é possível ir etc.

Todas as vezes que começava a chover ou estava muito tarde e frio era bem difícil para as mães e os pais conseguirem ir embora quando decidiam que era a hora. As crianças sempre vinham com muitos argumentos, de que a chuva ia passar, de que não estava chovendo, que não estava tão frio apesar de eu mesmo estar quase morrendo de frio, em dias que a temperatura estava próxima de 0° C. Estavam correndo, quentes, suadas e não percebiam o frio como os demais. Às vezes, para alguns adultos, eram quase 20min tentando ir embora. Dizer “Tá na hora, vamos embora” só tem efeito se a criança ouve e obedece, caso contrário, os adultos podiam continuar falando e nada acontecia.

Sobre esse frio, trago uma comparação interessante que me contaram envolvendo Porto Alegre e a Suécia. Um pouco antes de realizar a pesquisa na pracinha tive a oportunidade de ser colega de aula de uma estudante intercambista Sueca, vinda de um lugar frio, afinal é a Escandinávia, mas Elsa estava horrorizada com o frio de Porto Alegre, de que não era como no seu país. Ela dizia: “quando você entra nos prédios, fica quente, quando você chega em casa é um alívio porque está quentinho. Mas aqui, é frio o tempo todo em todo o lugar”.

Durante alguns meses da pesquisa foi ficando mais frio e os dias mais chuvosos. Acabei não conseguindo ir para a pracinha alguns dias justamente por isso, mas fiquei pensando que talvez algumas crianças tivessem ido justamente pelo gosto de ir e brincar lá. Cheguei a ir em um dia que fez muito frio, eu estava de moletom, e as meninas Amanda, Vitória e Roberta corriam tanto que até a bota tinham tirado, deixando Débora muito preocupada naquela noite. A palavra *noite* também é importante para esses dias pois em maio, junho e julho escurece muito rápido e não tinha luz no poste central da praça, somente nas laterais tornando pouco atrativa a permanência por muito tempo, e as crianças perdiam mais facilmente a possibilidade

de argumentar para ficarem mais tempo ali (com a exceção desse dia). O que eu observava eram negociações constantes com os filhos, às vezes mais ou menos resistentes.

Lobato (2011) descreve uma situação que diz ser engraçada e que foi o único momento no qual foi tirado a calma da praça, embora tenha sido breve. Essa situação é de uma menina que estava acompanhada da avó, mas que agiu de forma contrária aos possíveis combinados e expectativas da adulta. Quase uma fuga da pracinha, mas sobretudo um conflito entre criança e adulto.

Uma situação engraçada (por que não, trágica) se deu quando uma senhora de bastante idade empurrava o carrinho de bebê de sua neta enquanto ela corria em direção à rua. A senhora gritava bastante alto pelo nome da criança enquanto esta corria sem nenhuma preocupação. Bem próximo da saída da praça, a criança pára e espera, enquanto a senhora vem andando bastante rápido e brigando com ela (Lobato, 2011, p. 5).

É interessante dizer que se pode associar essa tensão entre crianças e adultos exposta neste subcapítulo com aquilo que é identificado e descrito em trabalhos como o de Ribeiro (2011) realizado num serviço de acolhimento institucional do sistema francês de proteção à infância. Este estudo, intitulado *Lealdades, silêncios e conflitos. Ser um dos “grandes” num abrigo para famílias* consegue nos mostrar algumas dimensões da agência de crianças e adolescentes num contexto de proteção à infância, especificamente para aquelas famílias que estariam sob suspeita do poder público a respeito da capacidade de cuidar, educar e criar seus filhos. A pesquisadora se fixou na instituição e conviveu com as famílias durante um período de 2 anos, nesse abrigo as crianças passam por duas etapas: a primeira são cinco meses vivendo de forma coletiva, e a segunda as crianças com suas famílias são encaminhadas para casas individuais, mas continuam sendo acompanhadas pela equipe do sistema (Educadores, Assistentes maternais, psicóloga e estagiários). Como se trata de um contexto de pesquisa francês cabe ressaltar algumas questões, pois, lá a infância é mais comumente separada em duas partes: Os pequenos de zero a seis anos (que pode ser dividida em duas partes também, os pequeninhos de zero a dois anos e os pequenos, de dois a seis anos) e os grandes de seis a 13 anos. Nesta pesquisa, podemos perceber como fica em evidência as relações sociais entre crianças e crianças e entre crianças e adultos a partir de conflitos, através lealdades ou silêncios. Em um outro artigo da autora, esta sintetiza um pouco do argumento que envolve desobediência e participação nas relações de poder entre crianças e adultos.

Minha etnografia num abrigo para famílias ditas “monoparentais em situação de risco”, localizado na ilha d’Yeu (França), pôs em evidência, por exemplo, como algumas crianças podem se servir da palavra mas também do silêncio

para tomar posição em conflitos entre os adultos, para lidar com situações cotidianas em que seus pais divergem dos “agentes de proteção” e como, sutilmente, constroem alianças através das quais, sem romper completamente com os pais, mantêm certa distância de suas identidades estigmatizadas (Ribeiro, 2015, p. 53).

Se as crianças participam das relações de poder, a “desobediência”³⁰ que é vista em cenas que trago do meu campo evidenciam que também em infâncias de camadas médias as crianças não são inteiramente “dominadas” pela instituição da família que educa e controla os filhos tornando-os obedientes a tudo. Digo isso é claro, respeitando as devidas proporções entre os estudos pois trago uma realidade de famílias estigmatizadas no trabalho de Ribeiro (2011) para contrastar e contribuir com os meus achados.

Como disse, são trabalhos em contextos diferentes, mas evidenciam que as crianças geralmente têm uma consciência da sua margem de manobra para poder fazer desafios a obediência com os pais ou adultos. Na pracinha, que é um momento de passagem entre a escola e a casa, que é também um tempo para os adultos muitas vezes, as crianças parecem utilizar de estratégias e táticas³¹ (Certeau, 1994, p. 97-102) para no cotidiano conseguirem aproveitar um pouco de uma ilha (Zeihner, 2003), a pracinha, que durante a pandemia estava pouco acessível e que na escola não possui tanto espaço e nem tantos brinquedos³². Essa ilha é um conceito trabalhado por Zeihner (2003) ao estudar infância e cidade, e buscando compreender como ele se organiza e se desenvolve em paisagens urbanas percebe certas características que rompem com visões de infâncias que estariam associadas a tempos mais longínquos. A autora exemplifica dizendo que agora as crianças não sobem mais em árvores, mas sim em edifícios entre outros exemplos. Mas o ponto do seu trabalho é o pensamento de infância isularizada, a qual é relativa a um arquipélago de ilhas destinadas pelos adultos as crianças, as quais elas frequentam sempre acompanhadas.

3.3 Fuga da/na pracinha

Esse subcapítulo tem como objetivo descrever algumas cenas que apresentam situações nas quais crianças tiveram ações de fuga, na pracinha e da pracinha. São duas cenas sobre fuga

³⁰ Pode ser vista dessa forma, ou como o conflito etc.

³¹ As estratégias estão ligadas ao “próprio”, e as táticas ao “outro”. Crianças situadas em espaços públicos podem, talvez, se pensarmos que são atores sociais, utilizarem ambas as ferramentas para usufruir de um lugar que é público: de ninguém e de todos, que também pode ser um *pedaço* (Magnani, 1998), um “entre”.

³² De acordo com Julia, entrevistada no capítulo seguinte e mãe de Valentina e Enzo, ambos alunos na escola Dinah Neri Pereira e frequentadores da pracinha.

do espaço de brincar e outra, no mesmo lugar, mas que é uma fuga mais simbólica. Os atores desse subcapítulo são algumas crianças que frequentam pracinhas na Redenção e estão acompanhadas, seja de adulto ou adolescentes, mas que provocaram uma mudança em curto prazo na dinâmica das relações sociais. A primeira cena que descrevo se trata de um recorte de umas das primeiras observações em campo. No vai-e-vem de pessoas que passam por lá havia alguns adolescentes com um menino pequeno de mais ou menos 6 anos que deu origem ao que vou relatar.

Estavam na pracinha umas quatro crianças, três adultos e três adolescentes, que deviam ter entre 12 e 14 anos. As crianças pareciam ter menos de 8 anos. Duas mulheres chegaram na praça com uma criança, mas em pouco tempo foram embora. Um homem e uma mulher saíram do pedalinho com uma criança e ela grita que quer ir ao balanço da pracinha. A mulher vai ao banheiro e o homem acompanha a criança (Breno). Enquanto isso, os três adolescentes estão com uma criança no balanço. O pai de uma menina está fumando e chamou a atenção da filha para ela não passar na frente dos balanços. Quando de repente o menino que estava com os adolescentes fugiu da praça correndo, os três gritaram para ele parar e voltar, mas não funcionou. Um rapaz, então, sai correndo atrás da criança, quando a alcança, retornam com calma. Mas essa criança tenta fugir de novo da pracinha, ao ponto de que estava quase no lago. Os adolescentes precisaram correr para pegá-lo. (Extrato do diário de campo, 23/03/2023).

Nessa primeira cena, recorro ao início das minhas idas ao parque. Estou na pracinha próxima ao lago que desenhei e descrevi no capítulo anterior. Foi neste dia que não me senti à vontade para entrar na outra pracinha, e me sentei num banco em frente a essa onde observei a sequência de acontecimentos passageiros e recorrentes no fluxo das relações sociais. Na verdade, mais pessoas passaram, algumas ficaram alguns minutinhos e foram embora, outras estavam lá, mas num ângulo que eu não conseguia ver. Estava escutando música, fazendo algumas anotações e tentando desenhar quando vi o menino sair correndo. Ele brincava no balanço no início, mas acho que talvez os adolescentes não estivessem dando a atenção que ele buscava ou desejava, talvez fosse um pouco chato para ele se embalar no balanço. É possível também que o menino não visse neles uma “autoridade” como a de adultos, e, portanto, não

apenas tentou testá-los como agiu de forma a passar por cima da supervisão que estava tendo, fugindo. Já num outro dia, na outra pracinha algo no sentido de fuga também ocorreu.

Neste dia nublado, tinha um pai sempre bem perto da filha, a Alice, mesmo assim pude ouvir e ver que ela, quando podia, escapava da visão dele e saía da pracinha. Chegou a ser bem engraçado. Ele estava com a térmica de água para o chimarrão na mão e conhecia a mãe da Rafaela e até conversou com ela. Escutei algumas vezes: “Alice! Alice! Não pode sair da pracinha!” O pai falava num tom de voz grossa, dava uma ordem que parecia ser desafiada e talvez seja em outras situações. A Alice tem uns 6 ou 7 anos. (Extrato do diário de campo, 27/04/2023).

A difícil tarefa de ver regularidades em observações se dá sobretudo quando olhamos para o corriqueiro e com sujeitos que nem sempre são frequentes no lugar que estamos. Nessa cena, falo de pessoas que não vi muito, mas que parecem também vir de vez em quando, mas não fica claro se seus filhos também estudam na escola Dinah. As brincadeiras que as crianças estavam fazendo no dia dessa cena eram muito mais imaginativas, umas seis ou sete crianças ficavam subindo no trepa-trepa e inventando histórias, criando algumas regras sobre onde era seguro, e onde podiam ser capturados. A Alice não brincou muito com esse grupinho, ficava mais na volta do pai e depois foi brincar sozinha nas estruturas, subindo as escadas e caminhando na pontezinha. Ela tentou fugir e chegou a sair um pouco da pracinha quando ele estava conversando com a mãe da Rafaela.

Na primeira cena, o menino que fugiu também estava entre pessoas que conversavam sobre assuntos dos quais ele não participava, e parecia estar mais sozinho, apenas sendo embalado. A disputa pela atenção é marcante nesses fragmentos das relações num espaço público no qual isso que chamo de fuga ocorre. No próximo trecho do diário, eu trago uma outra forma de “fuga” da pracinha, que é tanto física como simbólica especificamente em relação a um menino (Tiago), cuja mãe (Claudia) estive no meu primeiro dia de campo junto de Mônica, mas com quem não tive tanto contato durante a pesquisa.

No meio de tanta gente e conversas paralelas ouvi umas das mães perto de mim dizendo “o guri sai daqui e não me fala!” – diz Claudia para Mônica e Débora. Seu filho saiu da pracinha sem ela ver e foi no campinho próximo dali para jogar futebol. Em outros dias pude reparar

que esse menino, Tiago, já não tinha muito interesse nos brinquedos da pracinha e sim no esporte, mas da outra vez ele fez a sua mãe buscar a bola dentro carro e foi jogar no campo ao lado. Ela deixou porque o menino lhe disse que havia um pai cuidando lá. Era o pai de Bruno, que costuma ir à pracinha. (Extrato do diário de campo, 12/05/2023).

A Claudia que ficou brava pelo filho ter saído da pracinha sem falar na hora, dá a entender que ele tinha “escapado da pracinha”, mas num sentido diferente, talvez ele tivesse fugido da chatice ou da falta de autoidentificação com o lugar. Como já tinha visto antes, e nesse dia também, foi o futebol que fez com que ele fugisse, mas na intenção de fazer algo que gostava e que sabia que era seguro porque tinha um adulto que ele conhecia. O pai de um de seus amigos estava lá. Para ele fazia total sentido poder ir, tinha confiança em si de que não era algo arriscado, estava sob a supervisão de um adulto e esta é uma condição da presença das crianças na pracinha. Nesse caso, a atenção não é a questão central e o que pode estar em jogo são os interesses e gostos do menino que podem ter começado pela pracinha, mas se tratando de um parque como a Redenção, há outras possibilidades que também chamam a atenção das crianças. Não é à toa que Gabriel, filho de Letícia com quem conversei no primeiro dia de campo, mas também muitas outras crianças, passavam pela academia pública que tem do lado da pracinha e experimentavam os aparelhos. Após alguns minutos uns desistiam e outros ficavam um bom tempo para o desespero do adulto que queria ir embora, enquanto a criança queria ficar caminhando no aparelho que simula a caminhada.

Maternidade e parentesco são temas que atravessam pesquisas que abordam crianças em espaços públicos (Ramalho; Carvalho; Bizzotto, 2023; Gobbi, 2023). Os pais e mães são figuras que precisam ser levadas em consideração em pesquisas sobre/com crianças porque o universo deles pode contribuir para compreender o sistema simbólico no qual as crianças se movimentam em sua atuação social. Na minha pesquisa, as tensões se dão tanto com as mães quanto com os pais, demonstrando que eles se fazem presentes e dividem esse cuidado e supervisão dos filhos no contexto externo de casa.

3.4 Interlocução com as crianças e adultos

Aproximar-me ou não das crianças? Esta foi uma pergunta que me fiz ainda quando eu estava desenhando a pesquisa. Quando tentei fazer um projeto piloto de forma exploratória com meus irmãos me senti mais tranquilo, e achava que conversar com as crianças seria mais fácil.

Mas como desenvolvi o trabalho sozinho tive muito mais receio e optei por não ter iniciativa de abordagem a fim de evitar qualquer nenhum mal-entendido com os adultos. Todas as vezes que me apresentei para adultos entreguei meu cartão de visitas e falei da minha pesquisa, deixei explícito que buscava observar a pracinha e as práticas das crianças nesse lugar no pós-pandemia. Todos com quem tive a oportunidade de falar se sentiram tranquilos, mas como não falei com todo mundo, afinal eram muitos adultos, tinha medo de que alguém ficasse desconfiado, me questionasse ou viesse tirar alguma satisfação sobre o que eu estava fazendo. Mas não é que mesmo assim acabei tendo alguns contatos com as crianças? Elas mesmas pareciam notar minha presença e se interessar pelo que eu estava fazendo. Elas me viam conversar com seus pais e depois me viam de novo lá e assim por diante durante semanas. Isso deve ter gerado curiosidade.

Às 17h30min como de costume, as crianças que conheço e venho acompanhando aparecem e enchem a pracinha. É correria, é pega-pega, é gritaria. O grupo da Amanda parece estar brincando de pique-esconde. “É tu que conta!” – disseram elas. Quando sentei ouvi o seguinte comentário de uma menina que passou do meu lado: “nossa! Que letra bonita moço!”. Respondi que é bonita porque sou professor. Nesse instante várias crianças vieram na minha direção. Essa menina perguntou professor de quê? Eu disse: “Sociologia”. Nisso formou-se um paredão de crianças diante de mim tão rápido que não pude nem entender como ocorreu.

Amanda: “Tu fez pesquisa com a minha mãe.”

Luísa: Deixa eu te apresentar as pessoas aqui, essa aqui é fofoqueira, esse é chato, essa é a extrovertida...”

Pesquisador: Sim! É verdade. Eu sou professor e tô fazendo trabalho sobre essa pracinha.

Outra menina: Minha mãe também é professora.

Amanda: Minha mãe também é. De educação física! (Extrato do diário de campo, 12/05/2023).

Luísa, filha de Joana, foi quem conduziu a conversa de forma fluida, citando as características dos amigos e me apresentando ao grupo. Sua mãe tinha comentado que seus filhos tinham altas habilidades, que um deles era muito desenvolvido na questão da motricidade,

que outro era mais na questão da lógica e matemática e que a filha, ela vinha percebendo que era mais numa questão espiritual e na comunicabilidade. Nesse dia fiquei um pouco nervoso com a situação pois não esperava que fosse conversar diretamente com as crianças. Quando me cercaram fiquei sentado olhando para cima para falar com elas. Assim, tive a sensação de falar mais diretamente com as crianças e acho que deu certo nos minutos que se seguiram. Pude notar que conforme iam me contando que a mãe era isso, que fulano era aquilo, uma mãe que havia me negado conversa em outro momento desviou o olhar da sua interação com outras duas mães e olhou para mim rapidamente, senti que ficou tentando entender a situação, mas não fez muito caso e continuou o seu diálogo no seu grupo. Numa outra ida a campo, um menino que sempre vem na pracinha depois da aula correu na minha direção, disse “Oi” e foi embora, muito repentinamente. Já nas entrevistas online, com a mãe de Vitória e Roberta, as meninas me deram “oi” e abanaram para mim sorrindo, pois lembravam-se de quem eu era mesmo meses depois. Como entrevistei o pai delas na pracinha, elas sabiam mais ou menos quanto tempo eu levava na entrevista, Débora me contou que elas lhe disseram: “não é 20min não, é um tempão!” e riu bastante comigo na videoconferência. Essas interações mostram que elas perceberam minha presença na pracinha mesmo que eu tenha permanecido afastado delas.

Naquele dia, as crianças que falaram comigo também podem ter visto que eu conversei bastante com Joana, uma adulta muito comunicativa, que falava bastante sobre seus filhos e era bem aberta para conversar. Ficamos falando sobre seus filhos uns quinze minutos até eu voltar a sentar e ficar atento ao meu redor. Desenhei o momento após essa conversa que descrevi como a “formação de um paredão”, mas que na verdade poderia ser visto como um aperto de mãos ou um bem-vindo ao campo pelas crianças.

Desenho 5 – O paredão. Interação entre pesquisador e crianças da pracinha



Fonte: O autor (2024)

Essa a cena também fala sobre *limites* da pesquisa e acho que fica evidente que é limitante não conversar e não interagir com as crianças, contudo falar *sobre* crianças também tem seu mérito, e parece ser importante conversar *com* elas quando manifestam o interesse. Isso porque do contrário seria eu quem estaria fechando as portas para elas. Fiquei esperando continuar o diálogo com elas nas próximas idas a campo, mas infelizmente as chuvas, o frio e a noite caindo mais cedo não oportunizaram esse aprofundamento.

Mas o acesso aos pais também é difícil, estabelecer um diálogo num espaço público requer estratégias comunicativas e uma percepção das aberturas que determinadas pessoas apresentam, mas claro que arriscar também é fundamental. Em momentos de indecisão sobre falar com alguém, optei por tentar, e isso gerou mais frutos positivos do que ficar planejando, criando estratégias e refletindo, ainda que seja necessário fazê-los. No trecho do diário a seguir, mostro como pode ocorrer limites na interlocução com adultos.

Fui abordar outras mães que costumam vir no horário das 17h 30 porque percebi que ainda não tinha interagido com algumas. Quando me

aproximei e fui perguntar se poderia conversar, uma das mães que estava de pé falando com as outras três, se virou na minha direção e rapidamente disse que não tinha tempo, quase premeditando a minha pergunta. Quando me dirigi às demais, ela respondeu por elas, que estavam ocupadas também e que “era sobre a escola” (Extrato do diário de campo, 12/05/2023).

Sobre essa mãe em específico, ela estava com outras três e uma delas é a Débora, uma interlocutora que inclusive me concedeu uma entrevista online maravilhosa, bem longa e com quem pude conversar e me apresentar melhor no último dia que fui a campo. Já a mãe que me negou conversa, eu a vi muitas vezes, mas nunca consegui me aproximar para me apresentar ou dar meu cartão de visitas, a única vez que tentei foi quando houve a recusa. Não tem problema nem todos terem tempo, na verdade eu sempre partia da ideia que talvez eu estivesse incomodando ou atrapalhando seja o cuidar do filho(a), seja o descanso do pai/mãe ou mesmo a conversa deste com outras pessoas.

Algo que sempre me preocupou foi também o fato de fazer pesquisa em pracinha com crianças e ser um homem as observando, porque vivemos num país que desconfia bastante de homens em contato com crianças³³. Até mesmo pensei que poderia ter minha pesquisa inviabilizada por conta dessa questão, mas não foi porque através da criatividade e comunicabilidade consegui superar essas possíveis barreiras.

No próximo capítulo, reúno dados que abordam com maior foco a pandemia de covid-19, as crianças, a pracinha, os adultos e a sociabilidades em espaços públicos. Utilizei tanto entrevistas de pais e mães, quanto trechos do diário de campo no qual registrei conversas informais com adultos na pracinha. Contudo, podemos nos perguntar por que busquei ir delimitando cada vez mais meu trabalho de campo? ao ponto de buscar aprofundar mais ainda a pesquisa com entrevistas? Talvez a resposta esteja no contraponto entre minha pesquisa e a de Nascimento (2004) cuja dissertação é intitulada *Infância e cidade: crianças e adultos em uma pracinha do Rio de Janeiro*. A partir deste estudo pude entender que de fato minha pesquisa recebe uma influência e um caráter de antropologia urbana, mas eu não busco fazer com que a praça me “conte algo sobre seus ocupantes e a sua dinâmica” (Nascimento, 2004, p. 45). Na verdade, ao pensar as relações sociais de crianças e adultos em espaço público elenco a pracinha

³³ É claro que essa desconfiança faz sentido num país, e num mundo, no qual homens são majoritariamente quem pratica múltiplos tipos de violências.

como o palco para a investigação, mas a temporalidade “pós-pandemia” possui centralidade no trabalho e guia minha reflexão.

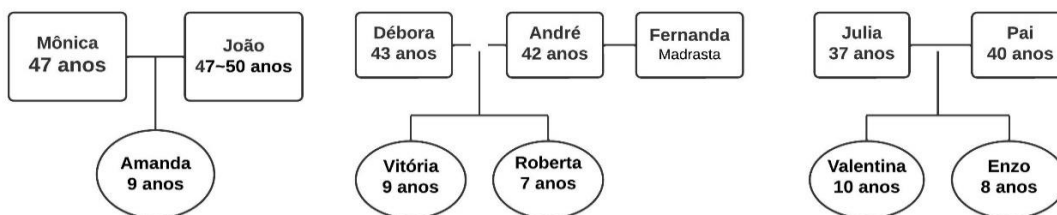
4 PANDEMIA, SOCIABILIDADE E ESPAÇOS PÚBLICOS: ANTES, DURANTE E DEPOIS, ENTRE CRIANÇAS E ADULTOS

Neste capítulo buscarei tratar de forma mais central a pandemia de covid-19 e seus possíveis efeitos sobre as infâncias. Minhas fontes serão as conversas informais que registrei no diário de campo referentes aos interlocutores que apresento no Organograma 2, bem como entrevistas semiestruturadas realizadas com alguns pais e mães que conheci na pracinha (Organograma 1).

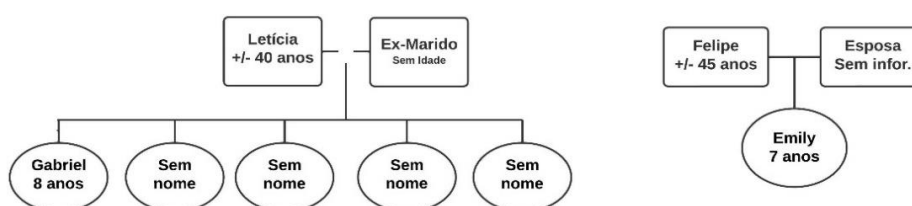
Sobre o “antes, durante e o depois”, trata-se do fato de que com os dados produzidos, abordo não apenas o pós-pandemia, embora este seja central. Isso porque, mais especificamente para as entrevistas, me inspirei em pesquisas biográficas interpretativas³⁴ de modo a traçar uma estratégia de perguntas que envolvesse pequenas biografias das crianças e as temáticas deste estudo na perspectiva dos pais. Desta forma, foi possível aprofundar a análise sobre o vivido da pandemia e a interpretação do sentido que os entrevistados atribuem aos espaços públicos e as experiências das crianças com relação à pandemia. Estes organogramas abaixo buscam facilitar a visualização das relações familiares e de parentesco entre os (as) entrevistados(as) e seus filhos(as).

³⁴ Sobretudo Rosenthal (2014), no livro Pesquisa Social Interpretativa. Nesta obra a autora explana uma bagagem teórica a partir da fenomenologia de Schutz para pensar um paradigma de pesquisa abductiva, e traz técnicas de pesquisa que possibilitam isto. Entre elas as entrevistas narrativas biográficas são o principal aspecto de diferente no qual me inspira a elaborar meu questionário, pois, nessa abordagem as entrevistas possuem certas etapas e procedimentos. Quando se entrevista alguém é necessário compreender que você está em busca do estoque de conhecimento do entrevistado levando em consideração seu sistema de relevância. Ou seja, você não induz, você traz um pergunta aberta como: “O que você sabe sobre você desde o seu nascimento, até os dias de hoje?”, “Você pode comentar sobre histórias que ouviu, o que você lembra de ter vivido e passagem marcantes pra você de lá até. Nós temos todo o tempo que precisar, não irei te interromper e se necessário marcamos outra entrevista quando puderes”. Durante a resposta, é necessário que o pesquisador faça breves notas sobre os tópicos que serão abordados pelo pesquisado na ordem em que eles aparecem e depois fazer perguntas narrativas, nas quais busca-se aprofundar o que o pesquisado trouxe sobre si com problematizações e explicações sobre as lembranças, cenas e questões de sua vida. Nas minhas entrevistas, ao invés de pedir para meus entrevistados falarem de suas vidas, pedi que contassem a de seus filhos, desde quando nasceram até os dias de hoje, trazendo cenas importantes e marcantes de suas vidas. E de acordo com que iam falando, ia anotando para perguntar depois. No meu caso, eu tinha duas perguntas específicas pra realizar após terminarem de falarem de forma que auxiliasse na produção de dados caso os entrevistados não abordassem o durante a pandemia e pós-pandemia.

Organograma 1 – Estrutura familiar dos entrevistados e pesquisados



Fonte: O autor (2024)

Organograma 2 – Interlocutores que frequentam a pracinha ocasionalmente³⁵

Fonte: O Autor (2024)

4.1 Antes da pandemia: quem são essas crianças?

4.1.1 Amanda, filha de Mônica e João

Desde o primeiro dia de pesquisa Amanda já estava presente no trabalho porque ela frequenta a pracinha diariamente após o término da aula na escola. Ela está matriculada no quarto ano da escola Dinah Neri Pereira. Tem 10 anos de idade e é filha única de Mônica e João, eles moram no bairro Rio Branco, bem próximo à Redenção e ao bairro Farroupilha numa zona considerada mais central da cidade de Porto Alegre.

Essa menina é branca e loira, bem como seus pais e de acordo com seu pai João: “ela não consegue ficar sem vir aqui” se referindo a pracinha que frequenta. Ela geralmente brincava principalmente com outras duas meninas, as filhas de Debora e André, a Vitória e a Roberta. Mônica conta que a gravidez foi planejada e que eles foram pais que durante os primeiros anos da filha tiveram que ter bastante agilidade na vida cotidiana: enquanto um chegava do trabalho, o outro já passava os cuidados da filha e ia trabalhar; às vezes mal se viam no dia por conta da rotina puxada.

³⁵ Interlocutores em conversas informais. Os sem nome não estavam no dia, não coletei informações sobre eles e se frequentam a pracinha. Além disso, são todos irmãos de Gabriel por parte de mãe.

A entrevistada tem 47 anos, mais ou menos a mesma idade do marido que também frequenta bastante a pracinha. Ela é professora de Educação Física e ele psicólogo, ela também é pós-graduada, possui em torno de 18 anos de escolaridade e uma renda familiar de 6 a 8 salários-mínimos.

4.1.2 *Valentina e Enzo, filhos de Julia*

Julia me contou um pouco sobre seus filhos que frequentam a pracinha, o quais que se misturavam no meio de todas as outras, mas que vi menos vezes. Segundo a mãe são uma família atípica³⁶. Ela diz isso porque começa contando sobre quem é a Valentina, que diferente de Enzo, possui um diagnóstico de autismo (TEA)³⁷, algo que descobri na entrevista. Por conta desse diagnóstico Julia explica que a família se acomoda de acordo com as necessidades da filha.

A Valentina tem 10 anos e o Enzo tem 8 anos de idade. São crianças brancas e têm cabelos escuros. Segundo a mãe eles foram planejados com a intenção de terem uma idade próxima e poderem brincar e se desenvolverem juntos. Ambos estudam em escola regular, especificamente a Diná em frente à pracinha. Valentina teve um desenvolvimento normal até os 2 anos de idade e depois de completar esta idade é que houve a confirmação do diagnóstico de autismo. Ela adora fazer uso dos espaços públicos de brincar e sempre foi incentivada pela família. Segundo a mãe, quando tinha 3 meses de vida, já era levada por ela para praças. Na entrevista contou que seu marido brinca com ela dizendo: “na verdade é tu que gosta, né?”. O Enzo é descrito pela mãe como “um menino típico, sem nenhuma necessidade especial e gosta muito desses espaços”. Atualmente ele está na fase do futebol e torce para o sport club Internacional.

Mas o Enzo tem uma diferença da Valentina. Ela precisa sair todos os dias, né? Nem que seja uma ida ao mercado. Ela tem essa necessidade. O Enzo se ficar três dias em casa, tendo a TV e o videogame tudo bem. Ele gosta de sair, mas às vezes a gente precisa dar uma insistida. Ela já não, né? Ela que nos carrega para a rua. (Entrevistada Julia).

Julia tem 37 anos de idade, é uma mulher branca, com pós-graduação, 23 anos de escolaridade, é empresária do ramo de clínica de terapias alternativas, e é casada com um engenheiro civil que possui mais ou menos a mesma idade dela. Eles possuem uma renda juntos

³⁶ Segundo Ortega (2008, 2009) a palavra *atípico* ou *neuroatípico* tem relação com uma noção de diversidade neurológica (Neurodiversidade), que busca ser entendida não como doença, mas sim como diferença.

³⁷ Transtorno do espectro autista.

de mais de 15 salários-mínimos. Moram num apartamento de fundos no bairro Petrópolis com quase nada de natureza próxima deles, observação dada pela entrevistada.

4.1.3 *Vitória e Roberta, filhas de André e Debora*

André e Débora me contaram um pouco sobre como foi o nascimento e a criação das filhas na época em que estavam juntos. A filha mais velha é a Vitória de 9 anos e caçula é a Roberta de 7 anos, ambas brancas de cabelos castanho-claro. André opta por falar primeiro de Vitória e depois de Roberta.

A Vitória, a mais velha, que tem nove anos hoje, ela nasceu em 2014. Ela foi um sonho do casal. Ela (a Debora) tinha muita vontade de ter filhos. Até tentamos algumas vezes, sem êxito. E até houve uma situação que a gente não iria mais ter filho porque pelas tentativas e frustrações, a gente desistiu. E a Vitória veio assim como um fruto do que tinha que acontecer. Então, a chegada dela foi muito bem-vinda, muito esperada. Ela foi muito mimada, muito, sabe? Enfim. Ela teve toda a atenção que podia ter de um casal, de um pai e de uma mãe. E isso se dá até hoje ainda, sabe? Embora separados, ela continua sendo, como é que eu vou dizer, a primogênita. (Entrevistado André).

Acredito que eu não conseguiria expressar de forma melhor o que André me contou sem trazer esse trecho, que me parece ser o caso de um pai amoroso, presente e que mantém uma boa relação com sua ex-esposa. Arrisco usar esses adjetivos porque também fiz uma entrevista com a mãe. Os trechos citados têm importância porque na avaliação de André, apesar das duas meninas terem pouca diferença de idade, têm características diferentes.

A Roberta não foi tão, planejada. A Roberta foi um fruto do destino. Do acaso. Ótimo, também bem-vinda. A gente ficou superfeliz, a gente esperava ter um, ter dois era lucro. É o lucro de tudo, né? Então, a gente errou um pouco com a Roberta, na prepotência de pais. De achar que porque tem um, acha que ter o segundo vai ser muito mais fácil. Pelo contrário, foi mais difícil. Acho que por essa situação de pais, de achar que consegue administrar um segundo filho porque tem experiência de ter o primeiro. Poxa, foi totalmente difícil, para nós, como pais experientes, né? Ela veio rompendo todos os paradigmas. “Não, eu vou ser diferente, eu não vou ser a segunda, eu vou ser a Roberta”. Ela não foi tão mimada. Ela já foi mais criada, não solta, mas ela teve mais liberdades. (Entrevistado André).

Esses pontos que André traz têm muita relação com estar mais próximo delas no início de suas vidas. O afastamento ocorre após a separação, mas é um afastamento de mudança de casa e reorganização de vida pessoal. As duas meninas acabaram morando com a mãe. Ele tem uma namorada que trabalha no posto de saúde Modelo. Eu cheguei conhecê-la e conversar com ela certa vez na pracinha porque pensei que talvez fosse a mãe das meninas, contudo ela disse

que era madrastra e foi aberta a conversa. André costuma ir mais vezes a pracinha com as meninas do que Débora, pelo menos, às quintas e sextas-feiras geralmente era ele quem estava lá.

Segundo André, as meninas foram expostas e incentivadas desde que nasceram a frequentar as praças, parques e demais espaços públicos. Ele inclusive brinca que conheceu Débora num espaço público, e que o primeiro encontro foi na Redenção.

Débora fala sobre suas filhas sendo mais sucinta com relação ao início de suas vidas do que André. Mesmo assim, ela traz um olhar diferente sobre elas.

Então, começando pela Vitória, né? Que vai fazer 10 anos agora em fevereiro. Foi uma gravidez bem desejada. E eu a tive com 33 anos. E um ano e pouco depois, sem querer, eu engravidei da Roberta. E aí, enfim, tivemos as duas. E ficamos casados até mais ou menos quase 15 anos de relacionamento. E aí, nos separamos quando elas tinham quase dois e quase quatro anos. Elas tiveram um desenvolvimento bem dentro da média. Nasceram com 3,2 kg, as duas caminharam em torno de um ano e dois meses. (Entrevistada Débora).

Eu pude perceber que há algumas diferenças e complementaridades nas falas dos pais, a Débora traz questões mais objetivas sobre as meninas e questões sobre como ela entende que se deve criar filhos. Em relação ao como criar, ela descreve como a leitura e estudos próprios a auxiliaram a sempre prestar atenção nas filhas, em relação a introdução alimentar, sono, motricidade etc. Até mesmo diz que o que baseava a educação das crianças era a ciência. André enfoca principalmente questões socioafetivas. Quando se escuta ou lê a transcrição da entrevista percebe-se que ele coloca mais sentimento na fala do que a mãe. Sobre a Vitória, outra questão importante para André e que também atravessa a questão das meninas terem ficado bem mais tempo com a mãe, é que após a separação ela precisou fazer terapia.

Quando nós nos separamos, a Vitória tinha, se eu não me engano, cinco anos. A Roberta tinha três anos e eu digo isso porque depois da separação, ela teve alguns traumas, algumas dificuldades de convívio entre eu e ela e a minha outra casa, no caso, que é com a minha namorada, em virtude da separação. Então, a Vitória tem um pouquinho de um separador de águas, que foi a separação, os convívios. Mas ela nós levamos em terapia, tudo assim foi meio que se corrigindo. Foi indo bem. Até os dias de hoje, ela tem algumas coisinhas peculiares em relação a dormir lá em casa. Às vezes, por não programar um pernoite com o pai. E tem que ser tudo bem-organizado para ela se preparar pessoalmente e mentalmente. (Entrevistado André)

Nessa passagem destaco que André é preocupado com a relação que tem com as filhas, sobretudo com a mais velha devido ao término do relacionamento com a Débora. Essas questões parecem se refletir na visão que ele tem das filhas e na forma como elas lidam com problemas e desafios na vida. Durante a pandemia, sobretudo nos primeiros momentos, o pai não morar

com as filhas será um ponto referido como importante na experiência da Vitória e da Roberta, bem como das perspectivas que os seus pais terão sobre elas.

André tem 42 anos de idade, é pardo, tem ensino superior completo, em torno de 15 anos de escolaridade, é funcionário público da área de segurança, mas já foi de empresa pública de transporte de Porto Alegre, tem renda de mais de 4 salários-mínimos e é residente do bairro Santa Cecília. Debora tem 43 anos de idade, é branca, tem ensino superior completo com 21 anos de escolaridade, seu último emprego foi de florista, mas por muitos anos trabalhou com hotelaria antes de engravidar. Atualmente está desempregada e recebe somente a pensão de alimentos do pai das filhas no valor de 1 salário-mínimo e é residente do bairro Santana.

4.2 Durante a pandemia, espaços públicos e sociabilidade

O foco deste subcapítulo serão os relatos dos pais acerca da sociabilidade das crianças durante a pandemia. Em *As relações familiares em meio a pandemia* (Santos *et al*, 2021, p. 68) os autores buscam traçar o perfil da responsabilidade sobre as crianças no período pandêmico, 49% dos casos analisados foram de crianças que durante a pandemia ficaram com o pai e a mãe, 24% somente com a mãe e 16% com avós e irmãos. Esses dados são fruto de pesquisa qualitativa com 972 participantes, familiares de criança de 0-12 anos moradores de 12 estados do Brasil, com 70,6% dos casos relativos ao Rio Grande do Sul. No trabalho que eu desenvolvo, com a exceção de Vitória e Roberta, todas as demais crianças passaram a pandemia com pai e mãe juntos. .

Na pesquisa citada são abordados temas como as curiosidades das crianças em meio a pandemia, vacina, vírus, escola etc., mas também sobre uma outra questão que pode se aproximar com alguns dados deste trabalho: a ideia de reinvenção do cotidiano. Neste estudo de Santos *et al* (2021) como em Guizzo, Marcello e Müller (2020), inspirados em Certeau (1994) os autores refletem sobre as estratégias e táticas envolvendo as crianças e os adultos, mais especialmente com relação à educação em meio pandemia. Certos aspectos que envolvem sociabilidade associadas à essa reinvenção do cotidiano podem ser percebidos nos trechos de entrevistas que apresentarei a seguir podemos refletir um pouco mais sobre isolamento social atrelado tanto a reinvenção do cotidiano, quanto como a casa das crianças sendo uma única ilha que podiam circular no arquipélago de ilhas que poderia vir a frequentar como Guizzo, Marcello e Müller (2020) fizeram em seu artigo em meio a pandemia inspirados na leitura Zeiher (2003) que define esse conceito de ilha e insularização da infância, o qual explorei um pouco no capítulo anterior. Nos dados que produzi pode-se pensar as formas que foram desenvolvidas

pelas famílias para passar por esse momento: estudar, brincar e até mesmo ir uma vez ou outra para a Redenção.

4.2.1 *Amanda e o pé de goiabeira*

Em entrevista com Mônica foi possível acessar algumas informações e perspectivas que permitem compreender e interpretar o uso dos espaços públicos pela Amanda ao longo da pandemia. Busquei entender como, na visão de sua mãe, foi a vida de Amanda e com seu marido João durante a pandemia. Mônica destaca muito que teve *privilégios*, que sabe que nem todos puderam “escapar” do covid-19 como ela e sua família o fizeram. Eles tentaram se isolar no início da pandemia nos primeiros 10 dias, mas devido a questões de espaço e segurança logo no começo se mudaram para o interior do estado, num sítio que possuem, próximo da casa e terreno de familiares, como os avós de Amanda.

A gente passou dez dias no apartamento aqui, viu que não ia dar e foi para o sítio, tivemos essa possibilidade, nem todo mundo tinha, mas a gente acabou tendo bastante contato com a natureza lá e brincando bastante, e teve um dia que estava o João e a Amanda em cima de uma goiabeira bem alta lá, brincando de fazer que era macaco e eu estava embaixo, e fazia de conta que eles eram macacos também, jogava coisa nele, e eles jogavam coisa em mim, e ficamos horas naquela brincadeira. É, acho que talvez a gente saia da média nesse sentido, porque a gente teve experiências boas. Minha filha conseguiu conviver bastante com os avós maternos, meu pai e minha mãe, que moram lá perto, que não teria conseguido conviver se fosse em um tempo que não tivesse existido a pandemia. Mas a gente é fora da curva nesse sentido. (Entrevista Mônica).

Amanda então apesar de não ter ficado isolada no apartamento de Porto Alegre com seus pais, pôde durante a pandemia fazer trilhas, ver seus avós, brincar com um primo que morava próximo a eles, pois na avaliação de seus pais, viver dessa forma nesse período em uma cidade menor era uma forma de se isolar e se proteger, ao mesmo tempo que a qualidade de vida era mantida em bom nível. No entanto, como bem aponta Mônica, o primo foi a única criança com quem Amanda brincou durante o primeiro ano de pandemia o que ela comenta ter sido talvez o ponto mais negativo da experiência de sua filha porque, mesmo os adultos também tentando brincar e se divertirem com a filha, nas suas palavras: “eu acho que a gente ficar sem brincar com outras crianças, ou brincar com a gente mesmo, por mais que a gente se espalhe, não se basta, né?” (Entrevistada Mônica).

Uma questão interessante da experiência que envolve Amanda é que ela não frequentou muito espaços públicos durante a pandemia, nem vontade disso a sua família teve, pois o sítio

possibilitou suprir e não sentir tanta falta. Contudo, a escola também é um espaço para uma sociabilidade pública e sobre isso a mãe traz algo de forma muito peculiar:

Ela pegou a pandemia e pegou essa transição de saindo da educação infantil e vindo para o ensino fundamental. Então, teve sete dias presenciais. Que saiu de um lugar e não estava em outro ainda. Então, não estava em alguma uma coisa, né? Ela estava em lugar nenhum. (Entrevistada Mônica).

Esse *lugar nenhum* pode ser pensado como algo muito experienciado pelas crianças porque é provável que grande parte delas tenham vivido exatamente isso em todos os níveis educacionais. Mas o relato do pé-de-goiabeira bem como o fato da entrevistada se sentir privilegiada pode nos mostrar elementos já observados em outras pesquisas sobre o cotidiano da pandemia e as crianças. Veríssimo, Machado e Cardozo (2021) exploram em seu trabalho entre várias questões, aspectos positivos ou que *se levará* da pandemia, indicando esse tempo entre pais e filhos que em determinadas camadas sociais foi possibilitado ser aprofundado, recuperado e apreciado. Um dado de entrevista desta pesquisa é colocado de tal forma que se aproxima bastante da realidade de Amanda.

Houve um momento de felicidade por estar todos os dias com os pais, por participar da rotina da casa com os pais e avós (que revezamos visitas). Entretanto, tenho percebido uma necessidade grande de contato com outras crianças. Fizemos um encontro, mas não transformamos em rotina. Já que estamos longe de Porto Alegre e dos amigos. (Participante 372). (Veríssimo; Machado; Cardozo, 2021, p. 50).

Esse não estar me Porto Alegre, se aproximar dos avós e uma certa ideia de “privilégio” se aproxima do caso que descrevo. Ambas as situações trazem luz para um fato que também é importante, as questões positivas da pandemia. A vida cotidiana para quem trabalha no século XXI, cada vez mais é amplamente sugadora, não é à toa que o burnout vem sendo um diagnóstico bem popularizado³⁸. Dentre os fatores que isso engloba, o tempo de deslocamento na cidade, estresse associado a isso e a falta de tempo para o ócio e a vida privada seriam questões que no contexto de pandemia podem ter sido tanto para Mônica e João, quanto para a entrevistada da pesquisa de Veríssimo, Machado e Cardozo (2021) algo amenizado para certas camadas da população com certas ocupações profissionais.

³⁸ Sobre isso, é evidente que há lados negativos para essa camada que pôde se isolar e trabalhar remotamente, os relatos de sobrecarga, jornada dupla e tripla, bem como a vigilância virtual sobre a produtividade em alguns setores são alvo de reclamações e questionamentos pelos trabalhadores, no Brasil e no mundo.

4.2.2 *Valentina, uma criança atípica na pandemia*

Segundo a entrevistada ir para a rua era algo importante na dinâmica de convívio e criação de Valentina. Quanto a questão de usar os espaços públicos durante a pandemia Julia observa que foi algo problemático e que precisou ser remanejado de alguma forma para poder atravessar esse período.

Durante a pandemia a gente frequentou menos, mas não deixou de frequentar, né? Pelo menos uma ou duas vezes na semana estar nesses espaços. A gente, enfim, com os cuidados. Nos horários que tivesse pouca gente. No geral tinha pouca gente todos os horários. Muita gente realmente não frequentou. Tomava os cuidados, iam de máscara, ficava limpando as mãos ali todo o tempo. Mas para a gente foi um escape. (Entrevistada Julia).

Nesse período de maior isolamento, Julia conta que seus filhos acabaram na maior parte do tempo utilizando telas com filmes, jogos e vídeos, mas que buscou oferecer jogos físicos, de tabuleiro por exemplo. Mesmo assim as crianças ficaram mais nas telas, Valentina que desenhava bastante foi perdendo um pouco desse costume durante esse período.

No artigo de Carvalho e Finamori (2022), percebe-se que o cuidado referente a pessoa com autismo ou autista, recai principalmente sobre as mulheres da família sejam elas mães ou avós. Na pandemia não foi diferente. Com o isolamento social, escolas suspensas, clínicas de terapias sem atendimento entre outras questões que são importantes no cotidiano de pessoas com TEA, o confinamento gerou um trabalho redobrado para conseguir atender as necessidades deste grupo. As duas pesquisadoras trazem a luz aspectos de duas pesquisas, que abordam o tema do autismo, parentesco e pandemia, mas em uma ressalta-se questões das associações e luta política e outra o caso de uma mãe solo³⁹ que cria gêmeos, e um é atípico.

Faço referência a este estudo porque Julia tanto diz que tem uma família atípica quanto fala sobre as estratégias para se adaptar às necessidades de Valentina. É um caso em que o pai é presente e possuem uma renda alta, mas ainda assim, é a esposa que faz tudo em função da filha: levar para a escola, terapia, pracinha etc. Segundo as pesquisadoras Carvalho e Finamori (2022) é recorrente que se use a expressão *maternidade atípica*, enquanto minha entrevistada refere-se à *família*. Também é recorrente que as encarregadas do cuidado de pessoas atípicas readequarem suas profissões ou buscarem se formar em áreas relacionadas ao cuidado, o direito

³⁹ De acordo com Carvalho e Finamori (2022, p. 177), esta “terminologia refere-se a experiência monoparental feminina, e a popularização da expressão se deu especialmente a partir de publicações nas redes sociais, nos anos de 2010, por mães ativistas com inspirações feministas buscando problematizar a relação entre parentesco o conjugalidade, as desigualdades de gênero no exercício do cuidado de filho(as) e a dimensão social da maternidade”.

ou a compreensão da situação em que vive. Julia é empresária, possui uma clínica de terapias porque depois do diagnóstico da Valentina buscou trabalhar com algo que a auxiliasse com isso, mesmo sendo formada em Dança e em Pedagogia pela UFRGS, áreas nas quais não trabalha mais.

4.2.3 *Vitória, Roberta, Débora e a tia, isoladas*

André destaca alguns pontos que durante a pandemia ele considerou muito importantes no que diz respeito às meninas e a mãe delas. Por serem divorciados o que ele diz são as impressões que pôde ter estando um pouco de fora da rotina familiar.

Sim, marcou foi a forma como elas entenderam isso, sabe? Como que elas perceberam que o mundo estava passando por uma coisa, que a mãe delas explicou bem, que o mundo está passando por algo que nunca aconteceu e que não tem precedentes. A gente não sabe por que consequências vamos passar, mas o ideal é que a gente esteja juntos e se ame, tenha inteligência e capacidade de entender, sabe? O que me chamou bem a atenção de maneira bem positiva dessa época foi a inteligência delas (as filhas) de do jeitinho delas compreender e não mascarar, mas dar uma atenuada na distância, entre nós, sabe? Tipo, imagina, já está distante e as crianças se assustarem, ficarem apavoradas com isso, “meu Deus, meu Deus”, pode ser que a gente morra, porque existia a possibilidade de morrer, né? Daqui a pouco tu pega e morre. Então, elas conseguiram entender isso. A gente conversava muito, pela internet, pelas chamadas e essas coisas, às vezes, tentavam um contato mesmo que distante, e aí o visual fazia parte, mas elas entenderam. Diferente de muitas outras famílias, que a gente conversou e que não entendiam. As crianças simplesmente quebravam tudo, enlouqueciam, choravam, gritavam, “não é possível”, “o que está acontecendo”, sabe? Diferente delas que, mérito da mãe, que conseguiu passar esse conhecimento, de maneira que elas conseguissem com a cabecinha delas de cada uma, entender. Isso para mim me tranquilizava. Ao mesmo tempo que a distância me assustava, as formas como elas lidavam com isso me tranquilizava, tipo, bah elas não estão tão mal. (Entrevistado André).

Sobre os espaços públicos, Débora comenta que antes da pandemia levava as meninas desde cedo para esses lugares, e se refere às praças e parques como uma ferramenta educativa. Pensar assim, como *um meio* é buscar usar os espaços públicos em prol de um exercício de viver e conviver, passando através dessas escolhas conhecimentos e saberes sociais de forma intergeracional.

Usava para tudo, para a bicicleta, para fazer novas amizades, né? Que a gente que sempre mora em apartamento não tem muito hábito de socializar. Então, a pracinha era uma forma de conhecer. Até porque eu também não estava trabalhando, então era bom para elas e era bom para mim também, né? Fazer essa socialização (Entrevistada Débora).

Como é percebido neste estudo, tratar das crianças também é tratar dos adultos/responsáveis porque apesar da agência e protagonismo que crianças podem ter, é inevitável levar em consideração o que lhes é oportunizado.

Durante a pandemia Débora além de ficar com as duas filhas também teve a companhia de sua irmã, que é dinda da Vitória, mas que segundo ela também cuida da Roberta. Esse ponto parece ser importante no que diz respeito ao cuidado durante a pandemia porque ambas não tinham mais pai, nem mãe, o apartamento que moram foi uma herança. Sobre ficar enclausuradas Débora afirma:

Elas brincavam muito juntas. Mais do que brigavam, inclusive. Claro, brigam até hoje. A gente construiu muita coisa pedagógica juntas. Eu fazia o curso de magistério, então, todas as atividades que eu ia fazendo, elas iam participando, como cobaias. A gente brincava muito juntas, a gente jogava muito, elas montaram muitos quebra-cabeças, apesar da diferença de idade, a diferença não é grande, mas a Vitória estava com uma maturidade um pouquinho mais do que a Roberta. A Roberta ainda era pequeninha. E eu acredito que elas tenham se aproximado, foi positivo para elas ter uma irmã nesse momento de pandemia para brincar, porque muitas crianças ficaram esse tempo sozinhas. (Entrevistada Débora).

Em relação aos espaços públicos, André explica que as meninas sempre tiveram contato com esses lugares. Ele ressalta que a Vitória talvez tenha tido um pouco mais de experiências e possivelmente mais lembranças. Ela ao mesmo tempo teria sido mais “protegida e resguardada” de barulho, de bactérias, entre outras coisas do que a Roberta que veio depois e que achavam que seria mais tranquilo.

Isso atrelado a pandemia se reflete no que foi um grande isolamento e o não uso dos espaços públicos de forma total nos primeiros meses, sobretudo na época do “lockdown”. Ele entende que o pós-pandemia das meninas não gerou o gosto pelo espaço públicos e que na verdade nesse aspecto acredita que há mais relação com o estilo de vida que ele e a Débora possuem e que isso influencia o gosto delas desde antes do isolamento. Mas com o tempo passando vinha as cobranças das meninas de ir para pracinha, porque esse estilo de vida não pode simplesmente ser rompido de forma abrupta. Ele relata que elas sentiram falta e chegou num ponto de elas negociarem as saídas com ele na medida em que a pandemia foi passando.

André: Mas, eu realmente não levei na pracinha. Eu gostaria muito de ter levado, mas eu não levei por causa do medo.

Pesquisador: Mas, você se deslocava com elas pela cidade, usava máscara com elas?

André: Claro, deslocava, sim.

Pesquisador: Como é que era essa relação, delas contigo, com máscara?

André: De boa, elas eram supertranquilas, elas mesmo cuidavam muito disso, toda aquela ideia de álcool gel, de pegou nos brinquedos e tem que limpar. Claro, eu vou te dizer que, agora falando até, mas foi bem depois do lockdown, bem depois, vamos dizer que foi durante os dois anos, esse período todo a gente frequentou pracinha como todo mundo, aquela loucura, todo mundo de máscara e distanciamento, sabe? E era algo, que elas me cobravam muito. “Pai, vamos, a gente passa álcool, a gente, sabe, não se aproxima, brinca com o que dá e...” Realmente, fomos, não no ápice do lockdown, mas durante os dois anos, nós frequentamos, nós fomos no Parcão ali, porque a gente morava perto. Tinha umas praças pequenas no entorno, e essas sim a gente ia meio que quase escondido, porque elas tinham necessidade de correr. (Trecho da entrevista).

Aqui nesse trecho André expõe um pouco da sua percepção com relação a esse uso dos espaços públicos, mas em sua fala a questão da pandemia fica ambígua. Pesquisar a pandemia qualitativamente tem alguns desafios pois o período do que foi a pandemia é algo que parece ter múltiplos sentidos. Se formos avaliar pela OMS⁴⁰ o início e o fim são um período, se formos olhar por países talvez haja outras datas e as práticas sociais seja lá qual forem também têm o seu tempo específico.

Brincar na pracinha “meio que escondido” revela algo num sentido próximo ao de tensão, pois se não houvesse nenhuma contraindicação ou ressalvas não haveria talvez esse tipo de lembrança associada a um *esconder*. Mesmo assim, nesse exemplo podemos observar o colocar na balança e estabelecer uma relação de prioridades, as quais parecem indicar que são fruto de um ouvir as crianças. É claro que os adultos tomam decisões numa esfera que os responsabilizam por quaisquer eventuais problemas com aqueles que estão sob sua responsabilidade, mas como a literatura da antropologia da criança vem trazendo como ponto de referência, a criança enquanto um sujeito que possui uma margem de manobra nas relações sociais, participam da construção de práticas cotidianas em família.

Assim como André, Débora relata uma experiência parecida no primeiro ano de pandemia, em relação ao cuidado com as meninas. Ao falar sobre esse período e o uso de espaços públicos expressa que no início não saíram de casa, só para ir ao mercado, mas que posteriormente faziam algumas idas ao parque, mas como ela mesmo menciona, sempre preferiu leva-las ao parque Redenção e não às pracinhas.

Praticamente, não fomos. No máximo, a gente ia no parque porque tinha a questão de tocar, né? Toca no brinquedo que o fulaninho toca e aí a criança, ela não tem esse cuidado. E não vamos ficar neuróticas, ficar passando álcool na criança. Então, na pracinha, não íamos. A gente usava o parque, a gente andava de bicicleta, a gente corria, levava uma bola, jogava um vôlei, né? Uma

⁴⁰ Organização Mundial da Saúde.

corda para pular. Mas, na pracinha, a gente não ia. Pelo menos não no primeiro ano. (Entrevistada Débora).

Nesse extrato pode-se perceber a preocupação da mãe com relação a exposição das filhas ao covid-19, mas também às manobras realizadas para enfrentar esse momento que não são e nem foram fáceis para ninguém. Uma dessas questões são as amizades, sobre as quais Débora relata que foi bem difícil para as meninas, especialmente para a Vitória.

É, durante a pandemia, o máximo que acontecia entre as amizades eram videochamadas. Porque eu tenho algumas amigas que têm filhos da mesma idade. Assim digamos uns cinco, seis. Então, eventualmente, de quinze em quinze dias, ligava alguém, aí cada uma com seu telefone e ficava, né, naquela videochamada (Entrevistada Débora).

Além das amizades terem sido impactadas e ter sido necessário uma adaptação em relação ao convívio e a manutenção de laços, ela aborda a questão dos jogos, algo que fez parte do cotidiano delas. Ela comenta que desde cedo ela jogava com as filhas, mas que na pandemia aprofundaram alguns hábitos: “talvez, se não tivesse pandemia, elas não tivessem esse hábito, mas como a gente não tinha muita coisa pra fazer [...]” (Entrevistada Débora). Jogaram Dama, Ludo, WAR, mas também jogos de cartas como o pife e montavam alguns quebra-cabeças, além da leitura, outro hábito muito valorizado pela Débora. Ela destaca os desafios da pandemia em relação ao controle de mídias, pois houve uma demanda da própria escola para um uso de aparelhos de forma a viabilizar a educação à distância. A mãe comenta que fez todo o possível para as meninas terem contato apenas com os conteúdos para suas idades. Elas não têm conta no Tiktok e usavam praticamente sempre o YouTube Kids.

E a Vitória, ela tinha o YouTube normal, e aí, esse ano, no meio do ano, ela disse assim: “mãe, eu quero trocar para o Kids. Eu estou vendo uns conteúdos que não são legais para mim”. Então, talvez houvesse alguma coisa de sexualização... Botei o YouTube Kids, botei a idade dela, 10 anos, então claro, a gente não está livre, né? E não dá para querer que a criança não tenha esse acesso. Tem, mas tem que ser gradual e conforme a maturidade delas, né? Porque a gente quer, eu crio as minhas filhas para que sejam pessoas, a gente sempre espera que sejam melhores do que a gente, né? Que sejam boas leitoras, que escrevam bem, enfim, que sejam adultos funcionais. (Entrevistada Débora).

Com isso, algo que pode ser observado é uma determinada noção de infância e crianças associada ao discurso de Débora. Pensar que na pracinha as crianças sempre estão supervisionadas, que são de camadas médias, parece corroborar com um discurso no qual a criança está no centro das relações e precisa ser protegida. Não se pretende avaliar ou julgar a forma como se cria ou se entende infâncias por parte dos pesquisados adultos, mas esse trecho

evidencia qual visão se tem sobre essas crianças da pesquisa. Ainda assim, o interessante dessas relações sociais entre criança e adultos é que há uma negociação, uma escuta e um compartilhamento de ideias entre elas. Debora disse, que se fosse a Roberta (a mais nova) ela acha que a filha não teria pedido para alterar a conta, por exemplo, ou seja é dinâmico e envolve um pouco de diversidade de ser.

4.2.4 *Fragmentos do campo*

Nesse subcapítulo trago alguns relatos elaborados a partir de conversas informais registradas no meu diário de campo e que remetem ao *durante a pandemia*. Os temas dessas conversas foram o isolamento social e como foi esse momento para os pais em relação ao uso dos espaços públicos e o cotidiano de seus filhos ou crianças que conheciam. O primeiro fragmento é fruto de uma conversa no primeiro dia de pesquisa.

Estava conversando com Letícia na pracinha e entre conversas e observação, perguntei como foi para ir às pracinhas durante a pandemia. Segundo Letícia, eles praticamente não saíram de casa, e por isso, foi bem ruim. Ela e os cinco filhos ficaram isolados, assistindo TV, jogando videogame e mexendo no celular na maior parte do tempo livre nesse período. Como eram ela e mais cinco, foi bem estressante. Ela acabara de se separar, no início da pandemia, e voltara a morar com a mãe, no mesmo terreno. Da pandemia para cá, ela já foi da associação de pais e mestres da escola dos filhos e vem se assustando com a violência nas escolas. Perguntei se se referia às notícias, pois nessa mesma semana havia ocorrido o assassinato de uma professora por um aluno em outro estado. Mas, para minha surpresa, ela me olhou com reprovação e disse que não, que era na escola dos filhos dela, e que ela tinha prints e vídeos de crianças ameaçando umas às outras e até vídeo de agressão entre crianças. Disse que foi depois da pandemia e que achava que o TikTok poderia estar contribuindo porque na época tinha pouca restrição e regulação pela plataforma. (Extrato do diário de campo, 31/03).

Nesse diálogo é importante destacar que se trata de uma mãe com quem não tive um contato frequente e foi uma das primeiras pessoas com quem conversei dentro da pracinha. Inclusive, foi num horário que depois percebi ser de fluxo de pais e crianças menos assíduos do que os que vinham após o término da aula na escola em frente. Além disso, talvez justamente por isso, essa interlocutora se descrevia com um perfil diferente daqueles que encontrei mais frequentemente no outro horário. Não moradora dos bairros arredores, com cinco filhos e desempregada.

A conversa a seguir foi com um homem. Pude perceber que além de questões socioeconômicas nos indicarem percursos de vida com diferentes ordenações que impactam na vida de crianças, ser mãe e ser pai pode também ser um elemento importante para pensar a percepção dos adultos sobre seus filhos.

Estou ao lado de um homem mais velho, com cabelos grisalhos, ele acabou de sentar-se com uma mochila rosa com roxo. “Papai (Felipe), pode me dar um pirulito eu não tô correndo” – Diz Emily. “Tá, eu enrolei ele aqui, pega”. Puxei assunto com Felipe, pai da Emily que se sentou ao meu lado, falei da minha pesquisa e perguntei se ele podia conversar brevemente para me ajudar e ele disse que sim. Conversando descobri que ele traz sua filha com frequência na pracinha pois moram no bairro, Emily tem 6 anos e vai fazer 7. No auge da pandemia em 2020, segundo Felipe, eles ficaram isolados, mas logo depois eles vinham na pracinha no fim da tarde quando eles viam que era mais vazio. Perguntei sobre a Emily, se ela teria sentido muito a pandemia e ele disse me olhando com um sorriso: “ah, eles nem sentem”. No mesmo instante da resposta Emily chega aos prantos na nossa frente: “eu ta-tava ali e escorreguei!!!!” – Ela vai direto para os braços de Felipe chorar. Ele a acolheu e perguntou o que aconteceu. Ela tenta explicar, mas cerca de menos de um minuto passa e ela voltou ao “normal” e seguiu brincando, mas prometeu ter cuidado. (Extrato do diário de campo, 20/04).

Fiquei pensativo com a resposta que tive, pois, não sentir algo que impactou o mundo todo, que gerou isolamento, vacinação, mortes, e tantas outras questões me intrigou. Não consegui desenvolver a conversa porque não era uma entrevista, e ele precisou dar atenção para

Emily. Mesmo assim, fico pensando que pesquisar paternidades também é importante para compreendermos quais são as formas que elas são produzidas, vividas e formuladas a partir de quais noções de deveres, responsabilidades e cuidado dos filhos. Se um homem que é pai pode dizer que as crianças nem sentem um evento como a pandemia de covid-19, com naturalidade, acho pertinente refletir sobre esse assunto, ainda que em pesquisas futuras.

4.3 Pós-pandemia: perspectivas dos adultos

É difícil abordar o pós-pandemia, principalmente em diálogo com outras pesquisas, porque há uma escassez de material a esse respeito. No entanto, existem alguns trabalhos com aproximações e reflexões sobre pós-pandemia e infâncias que têm sido pertinentes., Calado (2023) num ensaio muito recente, levantou questões sobre socialização e sociabilidade a partir do que chama de um tino antropológico a partir do qual relata sobre si e sua filha de 3 anos.

Ao passarmos do portão, antes de adentrarmos o *hall* que conduz às escadas do edifício, ela parou e me ofereceu álcool em gel, enquanto pisava no pedal do *dispenser* imaginário que criou. Foi nesse momento que meu coração de mãe e meu tino antropológico me levaram a mais inquietações (Calado, 2023, p. 5).

Nesta passagem a autora relata que quando foi criança nunca passou pelo que as crianças dessa década viveram e reflete no ensaio a respeito disso como algo estranho para si. Se pergunta se os cuidados com relação ao vírus, a higiene, o álcool em gel seriam hoje o que para ela foi a facilidade com a qual ensinava a seus pais sobre não jogar o lixo no chão entre outros aprendizados. Esse tipo de reflexão nos oferece algo muito valioso, de que o *pós-pandemia* não é simplesmente o retorno do presencial ou a volta da normalidade, e sim, algo que mudou tanto quem é adulto quanto quem é criança.

Quando falo sobre escassez de estudos me refiro àqueles voltados às crianças no pós-pandemia no Brasil na área de humanidades⁴¹. Na Argentina, Duek e Moguillansky (2023) publicaram um artigo sobre *Las infâncias de la post pandemia: una propuesta de investigación* no qual buscam analisar consequências, mudanças e permanências entre pandemia e as infâncias, e para isso elencam cinco aspectos que julgam centrais para se refletir e pesquisar. Nem todas as questões abordadas são interessantes para dialogar com meu trabalho, mas a

⁴¹ Encontrei alguns artigos em revistas brasileiras que falam sobre pós-pandemia, mas ao analisá-los mais atentamente, verifiquei que muitos eram publicações de 2020 e 2021. O pós-pandemia ainda estava confuso, em 2020 nem vacina ainda existia por mais que houvesse retorno à presencialidade e flexibilizações no mercado de trabalho.

sociabilidade, a relação com as telas e as atividades físicas são aspectos que possuem afinidade com o que venho fazendo aqui.

4.3.1 *Amanda, mais sociável?*

Como foi dito no subcapítulo anterior, para Mônica, além da questão da transição escolar de Amanda ser como foi, existiria algo de um efeito da pandemia. Ela comenta que em 2021 vieram algumas vezes para Porto Alegre e frequentaram algumas pracinhas de máscara, mas que notou uma diferença: antes percebia que a filha era mais retraída quando estava na pracinha e via alguma criança.

Entre conversas sobre o dia e outros assuntos, Mônica me conta sua percepção sobre sua filha pós-pandemia com base na ideia de que ela está mais sociável, ou ao menos mais necessitada de amizades tendo em vista o isolamento. Na entrevista ela reforçou esta percepção praticamente nas mesmas palavras.

Cheguei na pracinha depois que todos já estavam lá, os pais, as mães e as crianças. Todos como de costume, correndo, conversando e brincando. Acabei conversando com Mônica, mãe de Amanda sobre hoje ter esvaziado um pouco a praça devido as ameaças às escolas, e todos esses casos recentes de tiroteio, massacre. Mônica chegou no assunto sobre como as coisas eram antes da pandemia e como depois foi mudando. Me disse que trabalha no Tesourinha⁴² aqui em Porto Alegre com educação física e que a procura por esporte e atividades esportivas aumentou bastante desde a pandemia. E que a Amanda, sua filha, antes da pandemia era bem pouco sociável e que agora com as coisas presenciais de novo “É ver uma criança e já fazer amizade”. (Extrato do diário de campo, 14/04).

Esse *mais sociável* pode ser uma característica das crianças pós-pandemia, ou de algumas crianças. Amanda em específico não conviveu muito com outros de sua idade durante o auge da covid-19. A experiência de pandemia que sua mãe nos conta é diferente das demais

⁴² O Ginásio Tesourinha, tem o nome oficial de Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcellos. É um ginásio poliesportivo de Porto Alegre e tem o nome e apelido em homenagem a um jogador de futebol que atuou no Internacional nos anos 40 e no Grêmio nos anos 50.

sobretudo por ter ido para o interior, ter convivido com os avós e tido a possibilidade de não ficar tão em contato com as pessoas de máscara, se higienizando etc., como quem estava nos grandes centros urbanos vivenciou.

Além disso, Mônica conta que por causa da sua profissão (professora de educação física no Tesourinha), observou que houve uma maior procura por esportes e atividades extracurriculares para as crianças no pós-pandemia. Mendes Almeida (2023), realizou um estudo com 39 pais/responsáveis de crianças entre 10 e 12 anos e adolescentes de 12 a 14 anos, no qual foi aplicado questionário⁴³ e rodado dados para verificar possíveis correlações acerca de sedentarismo, uso de jogos eletrônicos e prática exercícios físicos. Os resultados indicaram que as crianças estudadas, em Minas Gerais na cidade de Uberlândia, apresentavam altos níveis de prática de atividade física e um tempo regular de uso de jogos eletrônicos pós-pandemia.

Esses dados são fruto de um trabalho de conclusão de curso na área de educação física na universidade de Uberlândia, e são interessantes na medida em que se busca coletar informações pós-pandêmicas a respeito de crianças e adolescentes e efeitos deste evento nos seus comportamentos. Essa pesquisa se aproxima do meu universo de pesquisa pois também corresponde a crianças de camadas médias. Torna-se possível pensar, então, que uma maior procura pela prática exercícios físicos seja uma característica do pós-pandemia para estas crianças.

4.3.2 *Valentina e Enzo, a falta de amizade*

Sobre estes irmãos, na entrevista com Julia duas questões se destacaram ao falarmos sobre o pós-pandemia: amizade e os colegas da escola. De acordo com mãe, Valentina não tem nenhum amigo(a) e Enzo tem um ou outro amiguinho, mas que é difícil para eles essas questões por conta de quem frequenta a escola. Julia fala que quem matricula os filhos nessa escola geralmente não mora próximo ao bairro Farroupilha, muitos vêm da zona sul e outros da zona norte. Ela mora próximo da escola com seus filhos e marido, no bairro Petrópolis e além da pracinha em frente à escola muitas vezes usam a praça da Encol como espaço público de brincar com os filhos.⁴⁴

A mãe me explica que por conta disso é mais difícil estabelecer vínculos e relações mais próximas com outras crianças. Chega a dizer que certa vez perguntou para uma mãe que morava

⁴³ Utilizou-se o IPAC (Internacional Physical Activity Questionnaire), validado por Guedes *et al.* (2005)

⁴⁴ Outra praça de Porto Alegre, bem conhecida localizada na avenida Nilópolis relativamente próxima da Unisinos e do Colégio Anchieta, ambas instituições particulares de ensino. É considerada uma praça mais elitizada.

no bairro Agronomia, o porquê dela colocar o filho nessa escola se havia outras muitas mais próximas. Ela diz que em conversa com essa e outras mães, parece haver uma ideia por parte de algumas famílias de que se você coloca seu filho(a) numa escola ele(a) vai ter interesse mais parecidos com os das outras crianças e do bairro. Então, ela entende que essa escolha pode ser a tentativa de expandir os horizontes dos filhos para algumas famílias de bairros mais afastados e que carregam estigmas de violência e pobreza na capital gaúcha.

Estudos internacionais, podem nos auxiliar a refletir sobre a amizade e como essa questão se apresenta no cotidiano das crianças. Landaez Rosero (2022), em um estudo feito no Equador, observa uma relação de distanciamento entre as crianças. Nesse estudo, observou-se algo um pouco diferente do relatado de Mônica sobre Amanda, os dados apontavam que crianças de 4 e 5 anos de idade quando voltaram para o modelo presencial apresentavam estar tímidos, fechados e ansiosos devido ao medo da covid-19. No entanto, se pensarmos que para ter amizades também é necessário ultrapassar a timidez, se abrir e não estar tão preocupado com uma doença é possível pensar que algumas crianças como Enzo e Valentina possam ter tido dificuldade de fazer amizades no pós-pandemia.. Roberta, que é mais nova que Vitória tem amigos, mas são amigos da irmã, que por ser mais velha já conhecia alguns colegas antes da pandemia e os reencontrou depois. Segundo Debora, a Roberta não tem seus próprios amigos por causa da pandemia.

4.3.3 *Vitória e Roberta, garotas urbanas?*

Sobre pós-pandemia, André nota algumas questões relativas à sociabilidade das meninas e sugere até que seria um dado científico. Com certeza é um dado de pesquisa interessante, e se expressa nesse extrato a seguir:

Na minha conclusão, teve impacto a pandemia, sim, sabe? Mas elas se aproximaram muito, da mãe, sabe? Elas tinham vontade de brincar, mas não necessariamente com outras pessoas. Eu não posso dizer porque não estava junto, mas hoje eu posso te dizer que isso daqui a pracinha, essas coisas, é algo que eu jamais vou restringir delas porque fez muita diferença. Hoje elas amam vir numa pracinha. É impossível sair da escola e não trazer para cá. Mas eu quero dizer, que elas pós-pandemia, que eu vi nelas, foi um pouquinho mais de afetividade e de proximidade com as pessoas. A Vitória sempre teve facilidade de convívio. E eu notei, que depois da pandemia, elas se tornaram mais sociais. Pô, elas precisam estar nesse negócio (a pracinha). Elas precisam conviver com pessoas. Elas precisam caminhar, precisam pegar... Cara, isso é muito doido. Isso aí eu acho que é um dado científico. Eu acho que elas precisam estar na rua. Caminhar, se movimentar, ver pessoas. Cara, se elas ficarem em casa... nem eu aguento, né? Se elas ficarem entediadas dentro de casa, elas são capazes de enlouquecer. Elas perguntam: “pai, eu vi que tu

arrumou o carro” ele ficou vários tempos aí depois da chuva do dia 16 fora consertando por três meses, por causa daquela enchente, o meu carro mergulhou. Um dia a Vitória chorou. “Bah, pai, tu pegou teu carro de volta, né? Agora a gente não vai caminhar mais”. Elas adoram caminhar, elas adoram o ar livre. Elas são totalmente, não digo urbanas, digo elas gostam de andar. Então, esse pós-pandemia aí meio que assustou muito elas. Bah, ficar dentro de casa é muito ruim. Porque eu noto que elas querem desbravar. Estar na rua, ar livre, né? É difícil, agora tu chega ali, convida elas para ir embora e não dá. (Entrevistado André).

Quando André relata o que entende por questões que a pandemia impactou nas meninas, acredito que há um entendimento muito forte sobre o que tem valor na vida, e sem dúvida uma centralidade no que está fora da casa, do âmbito privado. Além disso, descreve a forma como o pai relaciona as lembranças que tem dos filhos com a temática discutida. Isso sem dúvida também é importante porque não se está buscando generalizar como são as infâncias a partir desse caso e dos demais, mas pensar como que elas vão se construindo e reconstruindo.

Débora relata primeiramente a possibilidade de que as meninas tenham, a partir da pandemia, desenvolvido mais precocemente algum tipo de transtorno psicológico. Ela diz:

Eu acho que desencadeamos aí umas ansiedadezinhas. A Vitória bem mais. Não sei se porque era maior e tinha um pouco mais de entendimento, né? A Roberta talvez um pouco de insegurança, mas, de certa forma, uma ansiedade também. Mas, um grau leve, né? E aí, em virtude de uma doença que não se sabe muito bem explicar. (Entrevistada Débora).

Sobre o que Debora diz, André fala que Vitória chegou a fazer terapia e que ela teve algumas questões emocionais derivadas da separação do casal. A partir da entrevista com Débora pode-se dizer que ela percebe questões emocionais ligadas ao processo de vivência da pandemia.

Tal questão foi estudada por alguns autores da área de educação e psicologia, os quais obtiveram alguns resultados interessantes acerca do cotidiano de crianças na pandemia no Brasil. Verissimo, Machado e Cardozo (2021) ao analisarem dados qualitativos de pesquisa sobre o cotidiano das crianças na pandemia, conseguiram captar algumas informações sobre sentimentos e efeitos que a pandemia estava causando na perspectiva dos pais, respondentes do questionário.

Além dos sentimentos que se tornaram latentes no período de isolamento, conforme relatos dos responsáveis/pais das crianças, participantes desta pesquisa, como por exemplo, a resposta do responsável por um menino de três anos de idade: “no início do isolamento social os ataques de choro, raiva eram diários e frequentes, atualmente tais episódios ocorrem com menos frequência.” (Participante 352), a situação da falta de convívio com os demais familiares para além do seu núcleo, o afastamento dos amigos/colegas, as

inseguranças e agravamento da situação impactaram também nos seguintes pontos: sono, alimentação, modificação no comportamento, retorno de alguns hábitos [...]. (Verissimo; Machado; Cardozo, 2021, p. 35).

Destaquei essa parte do trabalho das autoras porque dialoga com a ideia de efeitos que a pandemia pode ter causado nas crianças. Neste caso se trata de um relato sobre um menino de três anos, que atualmente deve ter entre 7 ou 8 anos, uma idade próxima das crianças das quais me refiro neste capítulo. No caso de Vitória e Roberta, é trazido por Debora a impressão de efeitos negativos também, como os descritos na pesquisa de Verissimo, Machado e Cardozo (2021).

4.3.4 *A barraca de churros, Dona Ivanilda*

No trecho abaixo trago considerações sobre a temática pós-pandemia pela ótica de uma trabalhadora que vende churros há décadas no parque Redenção ao lado da pracinha que frequentei. Ainda que tenha sido uma conversa breve, achei pertinente trazer essa voz sobre as crianças no pós-pandemia porque ela era uma fonte de informação muito privilegiada. Diferente de mim, ela poderia ser considerada uma “nativa” do parque e acumula lembranças sobre o lugar e seus frequentadores desde muitos anos antes da emergência covid-19 no Brasil.

Aproveitei no domingo à tarde para comprar uns churros e conversar com a dona da carrocinha. Dona Ivanilda que trabalha na Redenção há 53 anos, e está há muitos anos naquele ponto, ao lado da pracinha que frequento. Ao perguntar para ela como foi a questão da pandemia, ela disse que foi impedida de trabalhar no parque por 1 ano e 2 meses exatamente. Perguntei sobre o movimento e as crianças depois que retornou. Disse que “não é como antes. O volume é menor, as crianças até voltaram a vir junto com os adultos, mas não é a mesma coisa”. Muitos trabalhadores da época pararam com a pandemia e não voltaram segundo a dona Ivanilda. (Extrato do diário de campo, 23/04).

O uso dos espaços públicos ter diminuído e a crescente popularização dos celulares, tablets, computadores com acesso a aplicativos de telas infinitas e videogames pode ser um efeito daquele período. As crianças da pracinha nunca estavam com celular ou eletrônicos, o que pode sugerir que frequentar a pracinha seja um modo de afastá-las destes dispositivos.

Depois da pandemia seria mais fácil ficar em casa e mexer nesses aparelhos ou o período vivido fez com que os pais buscassem sair de casa com mais frequência? Não há exatamente uma resposta, mas são fios que ficam soltos acerca da temática estudada e que possibilitam reflexões.

5 CONCLUSÃO

Após todo o esforço intelectual investido neste trabalho, buscarei amarrá-lo em torno de duas ideias, as quais se outrora já havia sido considerada, agora possuem uma entrada no debate entre antropologia da criança e antropologia urbana. Buscando responder à pergunta de pesquisa “*de que modo os espaços públicos são usados pelas crianças e pelos adultos a partir do contraste entre o vivido do isolamento social e o pós-pandemia?*” pode-se dizer que esses espaços públicos não são meramente um lugar de perigo, da malandragem e da suspeita.

No meu trabalho, o pedaço que analiso carrega um peso de acolhimento e pertencimento entre os usuários. A meu ver, foi através do campo de pesquisa pude compreender que a importância desse lugar não poderia ser avaliada apenas para as crianças, mesmo que fosse um recorte de pesquisa, pois, os responsáveis estão imbrincados no processo. Não há como separar o mundo das crianças e dos adultos. São experiências diferentes, mas ao mesmo tempo dialógicas. A pracinha é lugar de passagem, de relações fugazes, mas não somente de crianças e sim delas com os adultos. Esse lugar também é dos adultos porque esses responsáveis por crianças precisam também de momentos para si próprios. Como é possível de identificar, o universo com o qual lido é de famílias de camada média que ficaram muito isoladas e, portanto, sentem falta desse pedaço.

E o outro ponto é o da socialização, que com base nas entrevistas e observações percebe-se que se trata de algo pulsante no pós-pandemia. Sobretudo quando falamos de crianças super isoladas na pandemia, o caso aqui, e tem a possibilidade de passar por espaços públicos e junto dos pais desenvolver esses momentos recorrentemente, de pura brincadeira e correria, mas também de muito pertencimento. E trago a seguinte reflexão a partir dos dados dessa pesquisa: “As crianças urbanas é que carregam os pais para os espaços públicos?”. Não saberia dizer, mas é empolgante quando se deriva das perguntas mais perguntas do que respostas.

Sobre a pracinha em si, acredito que seja importante destacar seu protagonismo neste trabalho e a forma de fazer isso é propondo a reflexão de que é partir desse pedaço que tanto antes da pandemia, mas sobretudo depois, faz-se necessário que toda a escola possuísse uma praça no seu entorno. O direito da criança de estudar precisa estar associado ao lazer e a socialização, mas fazer de forma estratégica é fundamental para que isso seja viabilizado. Uma pracinha próxima à escola como a deste trabalho propicia o exercício de muitos direitos da criança e adolescente, mas também dos responsáveis.

Por fim, do ponto de vista metodológico destaco novamente a importância da entrada em campo sozinho e municiado de estratégias como as mencionadas anteriormente. Quando se

faz pesquisa com ou sobre crianças, é necessário cuidados éticos com relação a sua exposição, mas também cuidados técnicos para o acesso a eles enquanto sujeitos de pesquisa. Dito isso, o estabelecimento de contato com os responsáveis foi vital para a realização da pesquisa, pois foi assim que se conseguiu uma parte considerável dados para análise e interpretação. O uso de técnicas de coleta de dados variadas parece ser fundamental também, não somente por uma questão de tradição de pesquisa antropológica, mas porque o campo de pesquisa parecia exigir que a pesquisa estivesse sempre atravessando obstáculo através da imaginação e criatividade.

Essa duas últimas palavras considero importantes para o desenvolvimento de pesquisa antropológica, pois, como uma colcha de retalhos, a etnografia possui muito de uma veia artesanal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Gabriel Mendes. **Prática de atividade física, Comportamento sedentário e Hábitos de jogos eletrônicos de adolescentes pós pandemia da Covid-19**. 2023. TCC (Trabalho de conclusão de curso de Educação Física) Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BRYANT, Antony; CHARMAZ, Kathy. **The Sage handbook of grounded theory**. London: Sage Publications, 2007.
- BEGNAMI, Patrícia dos Santos. **Pelos olhos das crianças: uma etnografia da favela do gonzaga**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- BELISARIO, Gustavo. Café-com-leite, piques e gigantes: brincando no acampamento Canaã (MST - DF). **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 255-283, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/x4WQmW63HTZsFHzF6rKMVLF/?lang=pt>.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CALADO, Luciana. As filhas do álcool em gel: Um ensaio sobre como a pandemia de covid-19 pode nos ajudar a refletir sobre infância e biopolítica. **Áltera**, João Pessoa, n. 16, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/66175#:~:text=Atrav%C3%A9s%20de%20esta%20experi%C3%Aancia%2C%20que%20envolveu%20os%20sentidos%2C%20a%20raz%C3%A3o%20de%20estarem%20sendo%20socializadas%20nesse%20tempo%20hist%C3%B3rico>.
- CARVALHO, Bianca R.; FINAMORI, Sabrina D. As temporalidades do cuidado: autismo, parentesco e pandemia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 28, n. 64, p. 173-199, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/d3cQCz9SVPxpqfHL647Qkxc/?lang=pt>.
- CALAF, Priscila. **Criança que faz criança: (des)construindo infância e sexualidade com meninos e meninas de rua**. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; 2009.

CODONHO, Camila. Entre brincadeiras e hostilidades: percepção, construção e vivência das regras de organização social entre as crianças indígenas galibi-marworno. **Tellus**, Campo Grande, ano 9, n. 17, p. 137-161, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://tellus.ucdb.br/tellus/article/view/186>.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da Antropologia da Criança no Brasil. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, 2013. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/4SYMpFLYrqF6pPc6g7xPCzJ/>.

COHN, Clarice. Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 43, n. 2, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012000000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/KVY4YvjLjFFCQqr3mwsqh9d/>.

CORSARO, W. A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Educação, Sociedade e Cultura**: Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, Porto, v. 17, p. 113-134, 2002. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-5.pdf>.

DUEK, C.; MOGUILLANSKY, M. Las infancias de las post pandemia: Una propuesta de investigación. **Intersecciones en Comunicación**, Buenos Aires, v. 1, n. 17, 2023. DOI: 10.51385/ic.v1i17.174. Disponível em: <https://ojsintcom.unicen.edu.ar/index.php/ojs/article/view/174>.

ESCOLAS retomam aulas presenciais após novo decreto e mudança de bandeira no rs. **RBS TV**, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/04/28/escolas-retomam-aulas-presenciais-apos-novo-decreto-e-mudanca-de-bandeira-no-rs.html>. Acesso em 29 de setembro de 2023.

FARIAS, Rhaisa N. P.; WELLER, Wivian; WIGGERS, Ingrid D. Escalas infantis na cidade modernista: como crianças vivem e exploram Brasília. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 37, n. 1, jan./abr., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237010008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/3WdXScyjqBd38DLT9yKmXRH/?lang=pt>.

FIANS, Guilherme. **Entre crianças, personagens e monstros: uma etnografia de brincadeiras infantis**. Rio de Janeiro: Ponteio Edições, 2015.

FREIRE, Leticia. Entre ruínas e muros: a perspectiva de crianças sobre a remoção de uma favela no Rio de Janeiro. **Civitas**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1-13, jan./dez., 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.42225>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/42225>.

GOBBI, Marcia. Casa da mãe solo: na cidade segregada, a produção de um lugar para mulheres e crianças que estão por vir. **Civitas**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1-13, jan./dez. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.42252>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/42252>.

GOOGLE MAPS. **Parque Farroupilha (Redenção) – Porto Alegre/RS**. Disponível em: [https://www.google.com/maps/place/Parque+Farroupilha+\(Reden%C3%A7%C3%A3o\)/@-30.0374539,-51.2207157,655m/data=!3m2!1e3!4b1!4m6!3m5!1s0x951978534879152d:0xa9522f5e1a9af85b!8m2!3d-30.0374539!4d-51.2181354!16s%2Fm%2F0gmd692?authuser=0&entry=ttu](https://www.google.com/maps/place/Parque+Farroupilha+(Reden%C3%A7%C3%A3o)/@-30.0374539,-51.2207157,655m/data=!3m2!1e3!4b1!4m6!3m5!1s0x951978534879152d:0xa9522f5e1a9af85b!8m2!3d-30.0374539!4d-51.2181354!16s%2Fm%2F0gmd692?authuser=0&entry=ttu). Acesso em: 18 fev. 2024.

GONÇALVES, Beatriz S. A cidade e as crianças: desenhos e caminhos a partir do Morro do Estado (Niterói, RJ). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 27, n. 60. p. 285-316, maio/ago., 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832021000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/wjdR85xmybzN6T8NR8qbZzB/?lang=pt>.

GUEDES, Dartagnan *et al.* Reprodutibilidade e validade do Questionário Internacional de Atividade Física em adolescentes. **Rev. Bras. Med. Esporte**, São Paulo, v. 11 n. 2, mar./abr. p. 151-158, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-86922005000200011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/YVD5vfZcMVfNbpzzdTRjR6B/#>.

GUERRA, Rayanderson. Veja dez vezes em que Bolsonaro minimizou a crise do novo coronavírus. **O Globo**, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/veja-dez-vezes-em-que-bolsonaro-minimizou-crise-do-novo-coronavirus-24519705>. Acesso em: 29 jul. 2023.

GUIZZO, B. S. G.; MARCELLO, F. de A.; MÜLLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046238077>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/186910>.

LANDÁEZ ROSERO, Darling A. **Desarrollo de procesos de socialización escolar de niños de inicial II en tiempos de pandemia**. 2022. Tesis en Universidad Técnica de Ambato-Facultad de Ciencias Humanas y de la Educación-Carrera de Educación Inicial, Ecuador, 2022.

LOBATO, Mayara Gonzales de Sá. Etnografia de uma praça – observando o idoso em Copacabana. **Ponto Urbe** [online], São Paulo, n. 9, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.210>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/210>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, abr. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/vgyqN9fNjSThKjGQ4j7Hm8r/?lang=pt>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A rua Quinze, de praça a praça: um exercício antropológico**. NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/magnaniruaquinze.html>. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: Cultura Popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MALHEIROS MORAES, Marcos. **A construção de uma infância em uma escola pública de educação infantil da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2012.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica a economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEAD, Margret. **Sexo e Temperamento**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MEDAETS, Chantal. A aprendizagem vista pela antropologia: reflexões a partir de uma etnografia na região do Baixo Tapajós. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 191-222, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/yd99KcjM4fQKjJQfkFJdxfg/>.

MELONI, Adaliza; MARIN, Fatima. A cidade e o brincar: análise de espaços públicos de brincar de Assis-SP. **Geosp**, São Paulo, v. 25, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2021.170767>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/geo/a/j8ZfxLyNjNFqwqPtzGC39dn/>.

MENEZES, Palloma; MAGALHÃES, Alexandre; SILVA, Caique. Painéis comunitários: a disputa pela verdade da pandemia nas favelas cariocas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 109-128, jan./abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832021000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/zpLQVdHd8GgLrS5Dyym4DgL/?lang=pt>.

MÜLLER, Fernanda; Souza, Emilene. Etnografias em movimento: Deslocar-se com as crianças pela cidade. **Civitas**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1-13, jan./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.41914>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/41914>.

MÜLLER, Fernanda. Infância e cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 295-318, jan./abr. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623616161>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/fK8zzwVxtkZz6dydRxhmb3m/>.

NASCIMENTO, Anelise M. do. **Infância e Cidade: Crianças e Adultos em uma pracinha do Rio de Janeiro**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

OBSERVAPOA. **Cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre, [2023?a]. Disponível em: http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=0_0_0. Acesso em 31 de julho de 2023.

OBSERVAPOA. **Bairro Bom Fim**. Porto Alegre, [2023?b]. Disponível em: http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=22_0_0. Acesso em 31 de julho de 2023.

OBSERVAPOA. **Bairro Santana**. Porto Alegre, [2023?c]. Disponível em: http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=99_0_0. Acesso em 31 de julho de 2023.

OBSERVAPOA. **Bairro Cidade Baixa**. Porto Alegre, [2023?d]. Disponível em: http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=24_0_0. Acesso em 31 de julho de 2023.

OBSERVAPOA. **Bairro Centro Histórico**. Porto Alegre, [2023?e]. Disponível em: http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=23_0_0. Acesso em 31 de julho de 2023.

OBSERVAPOA. **Bairro Farroupilha**. Porto Alegre, [2023?f]. Disponível em: http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=25_0_0. Acesso em 31 de julho de 2023.

ORTEGA, F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/>.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CPcMbsxxyfF3CXS�wTcprwC/abstract/?lang=pt>.

PARK, Robert. A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 26-67.

PORTO ALEGRE. **Decreto nº 21.073, de 17 de junho de 2021**. Cria a função honorífica de Prefeito da Praça do Município de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/3983_ce_20210617_executivo.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

PORTO ALEGRE. **Mapa dos bairros de Porto Alegre**. Site da Prefeitura de Porto Alegre, 2024a. Disponível em: https://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/1857_ce_172548_2.pdf. Acesso em: 18 fev. 2024.

PORTO ALEGRE. **Parque Farroupilha (Redenção)**. Site da Prefeitura de Porto Alegre, 2024b. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smamus/parque-farroupilha-redencao>. Acesso em: 18 fev. 2024.

QUANDO e como será a retomada das aulas presenciais no rs; veja o cronograma nas principais cidades. **Por G1 RS**, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/04/23/quando-e-como-sera-a-retomada-das-aulas-presenciais-no-rs-veja-o-cronograma-nas-principais-cidades.ghtml>. Acesso em: 29 set. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130. (Colección Sur Sur).

RAMALHO, Barbara; CARVALHO, Levindo; BIZZOTTO, Luciana. Mulheres em luta e a educação de crianças pequenas em uma ocupação urbana: perspectivas anticoloniais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1 -12, jan./dez. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.42245>. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/42245>.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. Lealdades, Silêncios e conflitos. Ser um dos “grandes” num abrigo para famílias. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 40-55, jan.-abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2011.1.9192>. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/9192>.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. OS CABELOS DE JENNIFER: por etnografias da participação de “crianças e adolescentes” em contextos da “proteção à infância”. **Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 1, n. 43, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/26329>.

RIFIOTIS, Fernanda Cruz; RIFIOTIS, Theóphilos. Conselho Tutelar como Tecnologia de Governo: Relações Agonísticas entre Proteção e Vigilância. **Runa**, Buenos Aires, v. 40, p. 239-256, 2019. DOI: <https://doi.org/10.34096/runa.v40i2.6269>. Disponível em:

<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/runa/article/view/7232/6474>.

RODRIGUES, Brasília. Análise: Bolsonaro minimiza coronavírus ao comparar doença com chuva. **CNN Brasil**, 2020. Publicado pelo site CNN Brasil, disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/analise-bolsonaro-minimiza-coronavirus-ao-comparar-doenca-com-chuva/>. Acesso em 29/07/2023.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa Social Interpretativa**. Uma introdução. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

SALATA, André Ricardo; RIBEIRO, Marcelo Gomes. **Boletim Desigualdade nas Metrópoles**. Porto Alegre/RS, n. 01, 2020. Disponível em <https://www.observatoriodas-metropoles.net.br/>.

SANTOS, Andréia; VERISSIMO, Ana C. B. **O cotidiano e os sentimentos da criança**. No período da pandemia por coronavírus. Guaíba: C&L Edições, 2021.

SANTOS, Fernanda Barros; SILVA, Sérgio Baptista. Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra durante a pandemia da covid-19. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 13, n.3, p.1847-1873. 2022. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2022/68967>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rdp/a/QBynWtkgc7jCssMMFHvZwWm/?lang=pt>.

SARAIVA, Marina. **Espacialidades da infância**: etnografia das redes de relações de crianças ricas na cidade de Fortaleza – CE. 2014. Tese em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2014.

SARMENTO, M. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/>.

SCHIAVON, Amanda *et al.* A ciência que vigia o berço: Diferentes leituras de “saúde” frente a crianças trans e crianças intersexo. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 3, n. 9, p. 96-120. 2020. DOI: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.9.10553>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10553>.

SCHUCH, Patrice *et al.* . População em Situação de Rua em Porto Alegre: especificidades sócio-antropológicas. In: GEHLEN, Ivaldo; SILVA, Marta Borba; SANTOS, Simone Ritta dos. (org.). **Diversidade e Proteção Social: estudos quanti-qualitativos das populações de afrobrasileiros, coletivos indígenas, crianças, adolescentes e adultos em situação de rua e remanescentes de quilombos**. Porto Alegre: Century, 2008, v. 1, p. 31-70.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 561-572, maio/ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/smr98Jk4VyMbxxd5GBPsy5G/?lang=pt>.

SEGATA, Jean *et al.* A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 7-25, jan./abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832021000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/ZSsWb6QvgTgttGRv8X9RLFR/?lang=pt>.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 11-25.

SOUZA, Adelaide; CASTRO, Lucia. The *Favela* (Slum) As A City – Children Growing Up In Territories Of Public (In)Security. **Strenae**, [s. l.], n. 23, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/strenae.10580>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/strenae/10580>.

TASSINARI, A. Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi a escola – ou a sociedade contra a escola. In: **Encontro Anual Da Anpocs**, 33, 2009, Caxambu. Anais [...]. São Paulo: Anpocs, 2009. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-33-encontro/gt-28/gt16-24/1935-antonellatassinari-multiplas/file>.

TASSINARI, A. A casa de farinha é a nossa escola: aprendizagem e cognição galibi-marworno. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 43, p. 65-96, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/24748/14976>.

TEIXEIRA, Fladiane. **Nas pegadas das crianças: uma etnografia pelo bairro Vencato, Jaguarão RS**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

TEOFILO, Maria da Penha. **Crianças no espaço público: Nas trilhas das culturas da infância**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos da criança), Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal, 2021.

THOMASSIM, Luís Eduardo. A Oferta de projetos sociais e a ação das crianças. A construção de uma experiência de infância público-alvo. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 364-380, maio/ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15485>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/15485/10835>.

TOREN, C. **Making Sense of Hierarchy**: Cognition as Social Process in Fiji. Londres, Athlone Press. 1990.

TOREN, C. **Mind, Materiality and History**. Explorations in Fijian Ethnography. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1999.

URIARTE, Urpi Montoya. Experiência e gente nas imagens da cidade. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 284-311, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.75749>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75749/43152>.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

VERISSIMO, Ana C. B.; MACHADO, Gláé C.; CARDOZO, Paloma R. Isolamento Social: O que pensam as crianças. In: SANTOS, Andréia; VERISSIMO, Ana C. B (org.). **O Cotidiano e os sentimentos da criança**. No período da pandemia por coronavírus. Guaíba: C&L Edições, 2021. p. 33-62.

VOLTA às aulas presenciais: como será o 2º semestre nas escolas de Porto Alegre. **G1 RBS TV**, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/07/21/volta-as-aulas-presenciais-como-sera-o-2o-semester-nas-escolas-de-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 29 jul. 2023.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 68 – 89.

WENETZ, Ileana. As Crianças ausentes nas ruas e praças. Etnografia dos espaços vazios. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 346-363, mai./ago. 2013. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15477>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/15477/10834>.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 90-113.

ZEIHER, Helga. Shaping daily life in urban environments. In: CHRISTENSEN, Pia; O'BRIEN, Margaret. **Children in the city**: home, neighbourhood and community. London: Taylor & Francis, 2003. p. 66-81.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br